H.G WELLS

O HOMEM INVISÍVEL

LiteraMundo

A CHEGADA DO ESTRANHO

O estranho chegou no início de fevereiro, em um dia gélido, arrostando o vento cortante e a neve que nã o cessava de cair, a última nevada do ano. Caminhava pela colina , vindo, ao que parecia, da estação da estrada de ferro de Brambleh urst e segurava uma pequena valise negra na mão calçada com uma luv a grossa. Estava agasalhado da cabeça aos pés e a aba do chap éu de feltro macio ocultava-lhe cada centímetro do rosto, exceto a ponta brilhante do nariz; a neve tinha se acumulado em se us ombros e peito, acrescentando uma orla branca ao peso que ca rregava. Cambaleando, entrou na "Coach and Horses", aparente mente mais morto do que vivo e deixou cair a maleta. — Fogo — implorou — por caridade! Um quarto e fogo! — Batendo com os pé s no chão, sacudiu a neve no bar e seguiu a sra. Hall até a sa la de visitas, para falar de negócios. E, com aquela preliminar e mais a concordância imediata quanto às condições, além de um par de sob eranos jogados sobre a mesa, tomou aposentos na estalagem. A sra. Hall acendeu o fogo e deixou-o lá, saindo a fim de preparar-lhe, ela mesma, uma refeição. Um hóspede q ue vinha a Iping no inverno já era uma sorte extraordinária, a inda mais um

hóspede que não barganhava, e estava disposta a mos trar-se digna de tal felicidade. Logo que o bacon começou a fritar e Millie, a apática empregada, espertou um pouco, graças a algu mas expressões bem escolhidas de desdém, levou a toalha , pratos e copos para a sala e começou a arrumá-los com o maio r éclat. Embora o fogo estivesse ardendo vivamente, ficou su rpresa ao ver que o visitante ainda estava de chapéu e casaco, de pé, dando-lhe as costas e contemplando, através da janela, a neve qu e caía no pátio. Suas mãos enluvadas entrelaçavam-se atrás e parecia absorto em pensamentos. Observou que a neve derretida que aind a lhe salpicava os ombros estava pingando no tapete. — Posso pegar seu chapéu e casaco, senhor — disse —, e secá-los bem na cozinha? — Não — respondeu ele, sem se voltar.

Sem muita certeza de tê-lo ouvido, estava prestes a repetir a pergunta.

Então ele virou a cabeça e olhou-a por cima do ombr o. — Prefiro continuar assim — disse, enfaticamente, e ela notou que usava grandes óculos escuros com protetores laterai s, e que bastas suíças sobre a gola

do casaco escondiam-lhe complet amente o rosto.

— Muito bem, senhor — replicou. — Como quiser. Daqui a pouco a sala estará mais quente.

O estranho não respondeu e desviou novamente o rost o;

e a sra. Hall, percebendo que suas tentativas de co nversa eram inoportunas, acabou de pôr a mesa com movimentos br uscos e rápidos e apressou-se a sair da sala. Quando voltou, ele ainda estava de pé no mesmo lugar, como um homem de pedra, as co stas encurvadas, a gola voltada para cima e a aba goteja nte do chapéu virada para baixo, ocultando-lhe por completo o ros to e as orelhas. Pousou o prato de ovos e bacon sobre a mesa com um alarido considerável e elevou a voz, em vez de falar com na turalidade. — Seu almoço está servido, senhor.

— Obrigado — retrucou ele de pronto e não se moveu até que ela fechasse a porta. Só então deu meia-vol ta e aproximou- se da mesa.

Quando a sra. Hall passou por trás do bar, para ir até a cozinha, ouviu um som que se repetia a intervalos regulares. Crique, crique, crique, continuava, o som de uma colher mex ida rapidamente em círculos, dentro de uma vasilha. — A quela garota! — exclamou. — Vejam só! Esqueci-me completamente da mostarda. É a moleza dela! — E, enquanto acabava de bater a mostarda pessoalmente, deu algumas alfinetadas verb ais em Millie, por sua excessiva lerdeza. Tinha cozido o presunto e os ovos, posto a mesa e tudo o mais, enquanto Millie (que ajudante !) nem conseguira aprontar a mostarda. E ele, um novo hóspede, querendo ficar! Encheu o pote de mostarda e colocando-o, com certa

solenidade em uma bandeja de chá dourada e preta, l evou-o até a sala.

Bateu e entrou em seguida. Ao fazê-lo, o hóspede moveu-se rapidamente, de tal forma que apenas conse guiu ver, de relance, um objeto branco desaparecendo por baixo d a mesa. Parecia que ele estava apanhando alguma coisa do ch ão. Com um ruído seco, pôs o pote de mostarda sobre a mesa e, então, notou que o sobretudo e o chapéu tinham sido tirados e co locados em uma cadeira diante do fogo. Um par de botas molhada s ameaçava enferrujar o guarda-fogo de aço da lareira. Resolutamente,

dirigiu-se para as peças de vestuário. — Acho que agora posso levá-las para secar — disse, em um tom que não admitia contestação. — Deixe o chapéu — disse o hóspede em voz abafada e ela, voltando-se, viu que tinha erguido a cabeça e estava sentado, observando-a.

Por um momento ficou imóvel, olhando-o, de boca aberta, demasiado surpresa para falar.

Segurava um pano branco — um guardanapo que trouxera — diante da porção inferior do rosto, de forma a encobrir a boca e maxilares, o que explicava a voz surda. Mas não fora isso o que espantara a sra. Hall, e sim o fato de que toda a

testa, acima dos óculos azuis, estava envolta em um a atadura branca, e outra lhe encobria as orelhas, sem deixar nem um pedaço de rosto à mostra, a não ser o nariz rosado e ponti agudo. Este era de um rosa claro e brilhante, exatamente como parec era desde o princípio. Vestia um paletó de veludo castanho-escu ro, com uma gola alta forrada de linho preto virada para cima, em volta do pescoço. O cabelo espesso e negro, soltando-se como podia embaixo e entre as ataduras que se cruzavam, projet ava-se formando caudas e chifres esquisitos, dando-lhe a a parência mais estranha que se poderia conceber. Aquela cabeça tap ada e envolta em bandagens era tão diferente do que seria capaz d e imaginar que, por um momento, ficou rígida.

Ele não baixara o guardanapo e ficara segurando-o, como via agora, com a mão enluvada e castanha, fixando-a com seus impenetráveis óculos azuis. — Deixe o chapéu — repe tiu, falando distintamente através do guardanapo branco.

Os nervos dela começavam a recuperar-se do choque que haviam sofrido. Recolocou o chapéu sobre a cadeira perto do fogo. — Não sabia, senhor — começou — que. . . — e calou - se, desconcertada.

— Obrigado — disse ele secamente, olhando dela para a porta e depois para ela novamente.

— Vou secá-las muito bem, imediatamente, senhor —

falou, levando as roupas do aposento. Relanceou out ra vez para a cabeça enfaixada de branco e para os óculos azuis, enquanto ia saindo; mas o guardanapo ainda se mantinha diante d o rosto dele. Sentiu um, pequeno calafrio ao fechar a porta e sua expressão demonstrava claramente surpresa e perplexidade. — N unca — sussurrou.

— Que coisa! — Dirigiu-se para a cozinha, silenciosamente, e tão preocupada estava que, ao ch egar, nem lhe ocorreu perguntar a Milhe que trapalhada fazia no momento. O visitante permaneceu sentado, atento aos passos que se afastavam. Olhou atentamente para a janela, antes d e tirar o guardanapo e recomeçar a refeição. Comeu um pouco, lançou um olhar desconfiado para a janela, comeu mais um pouc o, depois levantou-se e, com o guardanapo na mão, atravessou o aposento e desceu a persiana até a musselina branca que resgua rdava as vidraças inferiores. Isso deixou a sala na penumbra . Depois, com um jeito mais tranqüilo, voltou à mesa e à sua refeição. — O pobre-coitado sofreu um acidente ou fez uma operação ou qualquer coisa semelhante — disse a Sra . Hall. — Puxa! Que susto me deram aquelas ataduras!

Pôs um pouco mais de carvão no fogo, desdobrou o cabide de pé e pendurou o casaco do viajante. — E a queles óculos! Ora, ele parece mais um escafandro do que um homem de verdade!

— Pendurou o cachecol em uma extremidade do cabide. — Segurando aquele guardanapo em cima da boca o tempo todo. Falando através dele!.. . Talvez a boca também tenh a sido ferida — talvez.

Deu uma viravolta, como alguém que, de repente, lembra-se de algo. — Deus me abençoe! — exclamou, m udando bruscamente de assunto; — você ainda não fez as batatas, Millie? Quando a Sra. Hall foi tirar a mesa do almoço, sua impressão de que a boca do estranho devia ter sido cortada ou desfigurada no acidente que supunha que sofrerá foi confirmada, pois ele estava fumando um cachimbo e, durante todo o tempo em que permaneceu na sala, nem uma vez afrouxou o cach ecol de seda no qual havia enrolado a parte inferior do rosto pa ra levar a boquilha aos lábios. Isso, no entanto, não era por distração, pois observou que a olhava de vez em quando, vendo-a sol tar fumaça. Estava sentado em um canto, de costas para a persia na e, tendo comido e bebido, e

estando confortavelmente aquecid o, falou com menos daquela agressividade lacônica de antes. O re flexo do fogo emprestava aos grandes óculos uma espécie de vivaci dade com toques avermelhados que até então lhes faltara. — Tenho alguma bagagem na estação de Bramblehurst — disse, e perguntou-lhe como poderia fazer para qu e a mandassem. Educadamente, inclinou a cabeça enfaixad a para

demonstrar que agradecia a explicação dela. — Amanh ã! — protestou. — Não há uma entrega mais rápida? — e pa receu desapontado quando ela lhe respondeu — Não. — Tinha certeza? Não havia nenhum homem para ir até lá de charrete? Sem a menor relutância a Sra. Hall respondeu às perguntas e encetou uma conversa. — A estrada é íng reme pela colina, senhor - disse, respondendo à indagação sob re a charrete; e depois, aproveitando a oportunidade, acrescentou: — Foi lá que uma carruagem virou há mais de um ano. Morreu um se nhor, além do cocheiro. Em um instante acontecem acidentes, não é? Mas o visitante não se deixou levar tão facilmente. — É verdade — concordou, falando através do cachecol e olhando-a calmamente com os óculos impenetráveis.

— Mas levam muito tempo para sarar, não acha, senhor?... Tom, o filho de minha irmã, cortou o bra ço com uma foice, caiu em cima dela no campo de feno e, Deus m e abençoe, ficou três meses sem poder trabalhar, senhor. O sen hor mal acreditaria. Isso me deu um verdadeiro horror de foice, senhor. — Compreendo perfeitamente — disse o visitante. — Houve uma ocasião em que ficou com medo de ter que fazer uma operação — tão grave era o seu estado, senhor. O estranho riu inesperadamente, o riso como um lati do que ele parecia morder e matar na própria boca. — Ficou?

— Ficou, senhor. E não foi nada divertido para os q ue cuidaram dele, como eu — já que minha irmã estava t ão ocupada com os filhos menores. Havia ataduras a serem coloc adas e retiradas, senhor. Por isso, se permite que tenha a ousadia de lhe dizer, senhor . ..

— Pode me arranjar fósforos? — interrompeu o visitante asperamente. — Meu cachimbo apagou.

A Sra. Hall calou-se prontamente. Decerto que era u ma grosseria da parte dele, depois de ter-lhe contado tudo o que fizera. Olhou-o ofegando por um segundo e lembrou-se dos do is soberanos. Saiu para buscar os fósforos.

— Obrigado — disse ele secamente, quando os trouxe, e voltou-lhe as costas olhando novamente pela janela. Nada fazia para encorajá-la. Evidentemente um assunto que envo lvia operações e bandagens lhe era desagradável. Afinal nem "ousara lhe dizer" coisa nenhuma. Mas a desconsideração a havia irritado, e ela descontou em Millie a tarde inteira.

O visitante permaneceu na sala até as quatro horas, sem pedir desculpas por sua intromissão. Ficou a maior parte do tempo absolutamente imóvel; dava a impressão de estar sen tado na escuridão crescente, fumando ao clarão da lareira, ou talvez cochilando.

Uma ou duas vezes, um ouvinte curioso poderia tê-lo

escutado dirigindo-se às brasas e, por um período d e cinco minutos, seus passos foram ouvidos caminhando pela sala. Parecia estar falando sozinho. Depois, a cadeira rangeu; ti nha se sentado outra vez.

AS PRIMEIRAS IMPRESSÕES DO SR. TEDDY

HENFREY

Às quatro horas, quando já estava escurecendo e a S ra. Hall procurava encher-se de coragem para entrar e p erguntar ao hóspede se gostaria de tomar chá, Teddy Henfrey, o relojoeiro, apareceu no bar. — Por Deus, Sra. Hall — disse ele — o tempo está horrível para se usar botas leves! — Lá fora a neve caía mais depressa.

A Sra. Hall concordou e depois, vendo que ele trazi a sua maleta, teve uma idéia brilhante. — Já que está aqu i, Sr. Teddy — falou — gostaria que desse uma olhada no velho reló gio da sala. Está funcionando e bate as horas corretamente e bem alto; mas o ponteiro de horas não sai das seis.

E mostrando o caminho, foi até a porta da sala, bat eu e entrou.

Ao abri-la, viu que o visitante estava sentado na c adeira

de braços, aparentemente cochilando, com a cabeça enfaixada caída para um lado. A única luz era o brilho avermelhado do fogo, que se refletia em seus olhos como sinais luminosos fechad os de estrada de ferro, e o pouco que restava da claridade do dia entrava pela porta aberta, deixando nas trevas o rosto inclinado para baixo. A ela, tudo parecia rubro, sombrio e indistinto, tant o mais que acabara de acender o lampião do bar e seus olhos es tavam ofuscados. Mas, por um segundo, teve a impressão de que o homem que via tinha uma boca enorme, completamente aberta — uma vasta e incrível boca que engolia totalmente a porção inferior do rosto. Foi uma sensação momentânea: a cabeça enf aixada de branco, os olhos de óculos monstruosos e o grande v azio embaixo. Ele moveu-se, endireitou-se na cadeira e ergueu a m ão. Ela abriu completamente a porta para que a sala ficasse mais clara e viu-o com maior nitidez, o cachecol cobrindo-lhe o rosto, exatamente como já o vira segurar o guardanapo. As sombras a h aviam confundido, pensou.

— O senhor se importaria que este homem entrasse pa ra ver o relógio? — perguntou, recuperando-se do choque inesperado. — Para ver o relógio? — repetiu ele, olhando ao seu redor, meio sonolento e falando através da mão; dep ois, completamente acordado, respondeu: — Claro que não. A sra. Hall saiu para buscar um lampião e ele levan tou-se

e espreguiçou-se. A luz chegou e o sr. Teddy Henfre y, ao entrar, deparou com aquela criatura enfaixada. Como contou depois, foi "colhido de surpresa".

— Boa-tarde — disse o estranho, encarando-o como uma lagosta, segundo o sr. Henfrey, vivamente impre ssionado pelos óculos escuros.

— Espero — desculpou-se o sr. Henfrey — que não esteja sendo incômodo.

— De modo algum — retrucou o estranho. — Embora tenha entendido que esta sala seria minha, para meu uso particular — concluiu, dirigindo-se à sra. Hall.

— Pensei, senhor — desculpou-se a sra. Hall — que preferiria que o relógio estivesse.. . — Quase ia dizendo "perfeito". — Realmente — disse o estranho — realmente, ainda que, via de regra, goste de ficar só, sem que me perturbem. Mas, na verdade, estou satisfeito por consertarem o reló gio — acrescentou, percebendo uma certa hesitação na atit ude do sr. Henfrey. — Muito satisfeito. — O sr. Henfrey preten dia pedir desculpas e retirar-se, porém aquela declaração o t ranqüilizou. O estranho permaneceu de pé, de costas para a lareira , com as mãos entrelaçadas. — Depois — disse — quando o conserto do relógio estiver concluído, acho que gostaria de tomar chá. Mas não antes que tenha sido reparado.

A sra. Hall ia saindo — dessa vez não tentou puxar conversa, pois não queria ser repelida diante do sr . Henfrey, quando o visitante perguntou-lhe se tinha tomado al guma providência sobre a bagagem em Bramblehurst. Esta i nformou-o de que falara com o carteiro e que um mensageiro po deria trazê-la de manhã. — Tem certeza de que isto é o mais cedo p ossível? — insistiu ele.

Com visível frieza, ela assegurou-lhe de que tinha. — Deveria explicar — acrescentou ele —, que estava realmente com muito frio e muito cansado para fazer na ocasião, que sou um pesquisador e faço experiências.

— Verdade, senhor? — disse a sra. Hall, muito impressionada.

— E que minha bagagem contém aparelhos e instrumentos.

— Que são coisas de fato muito necessárias, senhor — comentou a sra. Hall.

— E, naturalmente, estou ansioso para prosseguir co m minhas pesquisas.

— Claro, senhor.

— Meu motivo para vir para Iping — continuou ele co m um modo levemente enfático —, foi o desejo de solid ão. Não quero ser interrompido em meu trabalho. E, além de meu trabalho,

um acidente. ..

— Foi o que pensei — murmurou a sra. Hall para si mesma.

— Faz com que precise de certo isolamento. Algumas vezes, meus olhos ficam tão fracos e doloridos que tenho que me fechar no escuro, horas a fio. Trancar-me. Algumas vezes, de quando em quando. No momento, decerto que não. Ness as ocasiões, a menor perturbação, a entrada de outra p essoa na sala é uma fonte de extrema contrariedade para mim. É bom que essas coi sas sejam entendidas.

— Certamente, senhor — replicou a sra. Hall. — E se me permite a ousadia de perguntar. ..

— Acho que isso é tudo — disse o estranho com aquel e ar calmo e irretorquível de finalidade, que podia a ssumir quando queria. A sra. Hall guardou a pergunta e a simpatia para outra ocasião mais oportuna.

Depois que a sra. Hall saiu, ele ficou de pé em fre nte da lareira, com o olhar parado, como descreveu o sr. Henfrey ocupado em consertar o relógio. Tinha tirado não só os pont eiros e o mostrador, como também o mecanismo e procurava trab alhar tão lenta, silenciosa e discretamente quanto podia. O l ampião estava junto dele e o quebra-luz verde projetava uma luz brilhante em suas

mãos e na moldura e engrenagens, deixando o resto do aposento na sombra. Quando ergueu os olhos, manchas coloridas a gitaram-se diante destes. Sendo de natureza essencialmente cur iosa, tinha tirado o mecanismo — um procedimento inteiramente desnecessário — com a intenção de demorar sua parti da e talvez encetar uma conversa com o estranho. Mas este perma necia ali, totalmente mudo e imóvel. Tão imóvel que começou a enervar o sr. Henfrey. Sentia-se só no aposento e olhou mais uma vez; lá estavam, cinzentas e indistintas, a cabeça enfaixad a e as grandes lentes azuis contemplando-o fixamente, com uma névo a de manchas verdes flutuando diante deles. A visão pare cia tão fantástica a Henfrey que, por um minuto, permaneceram fitando-se sem qualquer expressão. Depois Henfrey baixou novam ente o olhar. Que posição mais desconcertante! Gostaria de dizer alguma coisa. Poderia observar que o tempo estava muito fr io para aquela época do ano?

Ergueu os olhos outra vez, como se fosse fazer mira para aquele tiro inicial. — O tempo... — começou. — Por que não termina e vai embora? — perguntou a figura rígida, evidentemente em um estado de irrita ção penosamente controlada. — Tudo o que tem a fazer é fixar o ponteiro de horas em seu eixo. Está, simplesmente, fazendo cera.. . — Muito bem, senhor, só mais um minuto, senhor.

Esqueci. .. __E o sr. Henfrey concluiu a tarefa e se foi. Foi-se, mas extremamente contrariado. — Que diabo! — exclamou, falando sozinho, enquanto caminhava com d ificuldade pela neve derretida, em direção à aldeia; — claro q ue um homem tem o direito de examinar um relógio de vez em quando. Depois: — Não se pode olhar para o senhor? É horrível! E mais uma vez: — Parece que não. Se a polícia esti vesse procurando o senhor, não poderia estar mais disfarç ado e enfaixado.

Na esquina de Gleeson avistou Hall, que havia se ca sado recentemente com a hospedeira do estranho no "Coach and Horses" e que passara a cocheiro da charrete de Ipi ng até Sidder- bridge Junction, quando, ocasionalmente, a requisitavam. Vinha em direção a ele, de volta de lá. Era evidente, pela m aneira com que guiava, que Hall tinha "parado um pouquinho" em Sidderbridge. — Oi, Teddy — cumprimentou ao vê-lo.

— Você está com um personagem muito esquisito em casa!

— disse Teddy.

Amavelmente, Hall freou. — Que quer dizer? — perguntou.

— Um freguês esquisito, hospedado no "Coach and Horses"

— explicou Teddy. — Cruzes!

E continuou, fazendo a Hall uma descrição detalhada do grotesco hóspede. — Até parece um disfarce, não ach a? Por mim, gostaria de ver a cara de um homem que estivesse ho spedado em minha casa —, disse Henfrey. — Mas as mulheres são tão confiantes, quando se trata de desconhecidos. Ele alugou aposentos e nem sequer deu o nome, Hall.

— Não me diga! — exclamou Hall, que era um homem de compreensão meio lenta.

— É verdade — confirmou Teddy. — Por semana. Seja quem for, não pode livrar-se dele em menos de uma semana. E tem muita bagagem para chegar amanhã, segundo disse. Esperemos que não haja pedras nos caixotes, Hall.

Contou a Hall como sua tia em Hastings tinha sido lesada por um estranho com malas vazias. Assim, deixou Hal l vagamente desconfiado. — Vamos embora, minha velha — disse à égua. — Acho que tenho que ver de que se trata.

Teddy seguiu caminho, com a consciência consideravelmente aliviada.

Mas, ao invés de "ver de que se tratava", Hall, ao voltar, foi duramente censurado pela mulher devido ao tempo que se demorara em Sidderbridge e suas perguntas conciliad oras foram respondidas asperamente e sem nenhuma objetividade. Mas a

semente de suspeita que Teddy plantara tinha germin ado, a despeito da falta de estímulo. — Vocês mulheres não sabem tudo —, disse o sr. Hall, decidido a descobrir mais sobre a personalidade do hóspede, na primeira oportunidade. E depois que o estranho foi deitar-se, mais ou menos às nove e meia, o sr. Hall entrou agressivamente na sala, correu os olhos detidamente sobre os móveis da mulher, só para mostrar que o estranho nã o era o dono ali e examinou atentamente e com certo desprezo uma folha de computação matemática que o homem deixara. Quando foi dormir, recomendou à sra. Hall que olhasse cuidadosamente a bagagem que ia chegar no dia seguinte.

— Cuide de sua vida, Hall, que eu cuido da minha — respondeu a sra. Hall.

Estava mais do que inclinada a responder bruscament e a Hall porque o estranho pertencia, sem dúvida, a uma variedade esquisita de estranhos e, em seu íntimo, não estava nem um pouco segura a respeito dele. No meio da noite acordou de um sonho com cabeças brancas enormes, parecidas com nabos, que a seguiam na extremidade de pescoços intermináveis e que tinham enormes olhos negros. Mas, sendo uma mulher sensata, afugen tou seus terrores, virou para o outro lado e adormeceu de novo.

AS MIL E UMA GARRAFAS

Foi assim que, a nove de fevereiro, no início do de gelo, aquela criatura extraordinária veio do desconhecido para a aldeia de Iping. A bagagem chegou no dia seguinte, em meio à neve semiderretida. E realmente era uma bagagem singular . Havia, de fato, um par de malas como seriam necessárias a qua lquer homem racional, mas além disso havia uma caixa de livros — grandes e grossos, alguns dos quais em uma escrita incompreen sível, e talvez mais de uma dúzia de engradados, caixotes e embrulh os, contendo objetos acondicionados em palha que pareceram a Hall, que puxava a palha com uma vaga curiosidade, garrafas de vidro . O estranho, embuçado em um casaco, chapéu, luvas e cachecol, sa iu, impaciente, ao encontro da carroça de Fearenside, e nquanto Hall trocava um ou dois dedos de prosa, preparando-se pa ra ajudar a levar as coisas para dentro. O homem saiu, sem nota r o cachorro de Fearenside que farejava, sem muito interesse, as pernas de Hall. Andem com esses volumes — disse ele. — Já esperei demais. E começou a descer os degraus em direção à traseira da carroça, como se fosse pegar um dos caixotes menores. Mas assim que o cachorro de Fearenside o avistou, começou a eriçar-se e a rosnar selvagemente e quand o ele precipitou-se degraus abaixo, o cão deu um pulo hes itante, depois saltou diretamente para a mão do estranho. — Opa! g ritou Hall pulando para trás, pois não era nenhum herói diante de cães. E

Fearenside deu um berro: — Deitado! — e apanhou o chicote. Viram que os dentes do cachorro tinham escorregado da mão, ouviram um pontapé, viram o cão dar um pulo pa ra o lado agarrando a perna do estranho e ouviram o barulho d a calça rasgando-se. Então a extremidade do chicote de Fear enside atingiu o animal e este, ganindo de medo, escondeu-se atrás das rodas da carroça. Tudo fora questão de meio minuto. Ninguém falou: todos gritavam. O estranho lançou um rápido olhar para a luva rasgada e para a perna, deu a impressão de que ia abaixar-se para vê-la, depois voltou-se e subiu rapidamente os degraus e entrou n a estalagem. Ouviram-no apressar-se pelo corredor e subir a esca da sem tapete que levava a seu quarto.

— Você, seu estúpido, você! — disse Fearenside subindo na carroça com o chicote na mão, enquanto o cachorr o o observava através dos aros da roda. — Venha cá! É b om que venha!

Hall estava parado, de boca aberta. — Ele foi mordi do — disse. — É melhor ir ver como está — e afastou-se, seguindo os passos do estranho. No corredor, encontrou a sra. H all. — O cachorro do carroceiro o mordeu — disse.

Foi diretamente para cima e, como a porta do hósped e estivesse aberta, empurrou-a e ia entrando sem nenhuma cerimônia, pois era naturalmente bondoso.

A veneziana estava descida, e o quarto na penumbra. Viu, de relance, algo extremamente esquisito, o que pare cia um braço sem mão acenando em sua direção e um rosto constitu ído por três grandes manchas imprecisas sobre um fundo branco, m uito parecido com a superfície de um amor-perfeito desco rado. Então foi atingido violentamente no peito, jogado para tr ás e a porta fechada e trancada em sua cara, tudo tão depressa q ue não teve tempo de assimilar coisa nenhuma. Um acenar de form as indecifráveis, um galope e uma pancada. Ficou parad o no pequeno patamar escuro, imaginando o que poderia ter visto. Passados uns dois minutos, juntou-se ao pequeno gru po que se formara diante do "Coach and Horses". Ali es tava Fearenside contando tudo de novo, pela segunda vez; e a sra. Hall reclamando que o cachorro dele não tinha o direito de morder seus hóspedes; ali estava Huxter, o dono do armazém do o utro lado da estrada, curioso; e Sandy Wadgers, da forja, imparc ial; além de mulheres e crianças — todos dizendo tolices: — Não o deixaria me morder, eu sei —; — Não é direito ter cachorros ass im —; __Mas então por que o mordeu? — e outras coisas no gênero. O sr. Hall, contemplando-os do alto dos degraus e ouvindo, começou a achar inacreditável que tivesse visto acontecer alguma coisa muito extraordinária lá em cima. Além do mais, seu vocabulário era demasiado limitado para comunicar s uas

impressões.

— Ele diz que não quer ajuda — falou em resposta à pergunta da mulher. — É melhor que levemos a bagage m para dentro.

— Devia fazer uma cauterização imediatamente — opinou o sr. Huxter. — Especialmente se a perna está inflamada. — Eu daria um tiro no cão, é isso que faria — disse uma mulher do grupo.

De repente, o cachorro começou a rosnar outra vez. — Vamos com isso — gritou uma voz colérica à porta; e ali estava o hóspede embuçado, com a gola virada para cima e a aba do chapéu voltada para baixo. — Quanto mais depress a vocês trouxerem essas coisas para dentro, mais satisfeito ficarei. — Um espectador anônimo declarou depois que tinha mudado as calças e luvas.

— Está machucado, senhor? — indagou Fearenside. — Sinto muito que o cachorro.. .

— Nem um pouco — respondeu o estranho. — Nem arranhou a pele. Andem depressa com essas coisas. Depois, afirmou o sr. Hall, ele xingou baixinho. Logo que o primeiro caixote foi levado à sala, de a cordo com as instruções dele, o estranho atirou-se sobre ele, com grande ansiedade e começou a abri-lo, jogando a palaha par a todos os

lados, sem a menor consideração pelo tapete da sra. Hall. E começou a retirar garrafas — pequenas garrafas gord as, contendo pós, garrafinhas esguias cheias de líquidos brancos e coloridos, garrafas azuis caneladas, com etiquetas nas quais s e lia "Veneno", garrafas com bases arredondadas e gargalos finos, g randes garrafas de vidro verde, grandes garrafas de vidro branco, g arrafas com tampas de vidro e marcadas com vidro fosco, garrafa s com pequenas rolhas, garrafas com tampas de madeira ou rolhas de tonel, garrafas de vinho, garrafas de óleo de salad a — colocando-as em fila sobre o aparador, sobre o console, sobre a mesa embaixo da janela, pelo chão, nas prateleiras das estantes — p or todos os lugares. A loja do farmacêutico em Bramblehurst não tinha nem a metade. Era um espetáculo inédito. De caixote após caixote saíam garrafas, até que os seis ficaram vazios e um monte de palha sobre a mesa; as únicas coisas que saíram daqueles caixotes , além das garrafas, foram numerosos tubos de ensaio e uma bal ança cuidadosamente acondicionada.

Logo depois que os caixotes ficaram vazios, o estra nho foi até a janela e começou a trabalhar, sem dar a m enor atenção à palha jogada por todos

os lados, ao fogo que tinha se apagado, à caixa de livros ainda do lado de fora, ou às malas e ao resto da bagagem que tinham carregado para cima.

Quando a sra. Hall levou-lhe a refeição, já estava tão

absorto no trabalho, pingando pequenas gotas que ti rava das garrafas para os tubos de ensaio, que nem a ouviu, até que ela tivesse varrido o monte de palha e posto a bandeja sobre a mesa, talvez com um pouco mais de barulho, ao ver o estad o em que estava o chão. Ele voltou ligeiramente a cabeça e l ogo desviou-a outra vez. Porém deu para que visse que tinha tirad o os óculos; estavam a seu lado, sobre a mesa, e ela teve a impressão de que suas órbitas eram extraordinariamente vazias. Logo recol ocou os óculos e depois virou-se e confrontou-a. A estalajadeira e stava prestes a reclamar da palha pelo chão, quando ele se adiantou. — Gostaria que não entrasse sem bater — disse, no t om de exasperação exagerada que parecia uma característica dele. — Bati, mas pareceu-me...

— Talvez batesse. Mas, em minha pesquisa — uma pesquisa realmente muito urgente e necessária — a m enor perturbação, o barulho de uma porta. . . Tenho que lhe pedir que... — Certamente, senhor. Pode fechar a chave, se quise r, o senhor sabe, a qualquer hora.

— Uma idéia muito boa — disse o estranho.

— Essa palha, senhor, se me permite observar.. . — Não o faça. Se a palha a incomoda, inclua-a na co nta. — E continuou a murmurar, dirigindo-se a ela, palav ras que poderiam parecer xingamentos.

Estava tão esquisito, de pé, tão agressivo e enraiv ecido, garrafa em uma das mãos e tubo de ensaio na outra, que a sra. Hall ficou amedrontada. Mas era uma mulher decidida. — N esse caso, senhor, gostaria de saber o que consideraria.. . — Um xelim. Acrescente um xelim. Decerto que um xelim é o bastante?

— Está bem — concordou a sra. Hall, apanhando a toalha e começando a desdobrá-la sobre a mesa. — Se isso lhe convém, naturalmente.. .

Ele voltou-lhe as costas e sentou-se, com a gola do casaco levantada na direção dela.

Durante toda a tarde trabalhou com a porta trancada e, como afirmou a sra. Hall, em silêncio a maior parte do tempo. Mas em uma ocasião houve uma pancada e o som de garrafas tilintando, como se a mesa tivesse levado um encontrão; o barul ho de uma garrafa quebrada, por ter sido violentamente atirad a no chão, e depois o ruído de passos rápidos pela sala. Temendo que tivesse acontecido alguma coisa, ela foi até a porta e escutou, sem se dar ao trabalho de bater.

— Isso não pode continuar — resmungava o estranho enfurecido. — Não pode continuar. Trezentos mil, qu atrocentos mil! Aquela multidão imensa! Fui enganado! Posso le var a vida inteira! Paciência! Realmente, paciência! Tolo e mentiroso!

Houve um barulho de botas ferradas nos tijolos do b ar e, muito relutante, a sra. Hall teve que desistir de o uvir o resto do monólogo. Quando voltou, a sala estava novamente em silêncio, a não ser pelos breves estalidos da cadeira dele, e o tilintar ocasional de uma garrafa. Tudo tinha acabado. O estranho volt ara ao trabalho.

Quando ela lhe levou o chá, viu vidro quebrado sob o espelho côncavo e uma mancha dourada que fora limpa descuidada-mente. Chamou a atenção para aquilo. — Ponha na conta — retrucou ele secamente. — Pelo amor de Deus, não me aborreça. Se houver algum estr ago, ponha na conta —; e continuou conferindo uma lista, no ca derno diante dele.

— Vou lhe dizer uma coisa — confidenciou Fearenside misteriosamente. A noite ia caindo e estavam na peq uena cervejaria "Iping Hanger".

— Então? — perguntou Teddy Henfrey.

— Esse sujeito de quem está falando, o que meu cachorro mordeu. Bem... Ele é negro. Pelo menos as pernas são. Vi através do rasgão na calça dele e na luva. Era de s e esperar que aparecesse algo rosado, não acha? Bem, não havia na da. Só negrume. Estou lhe dizendo, é tão negro quanto meu chapéu. — Por Deus! — exclamou Henfrey. — É um caso muito

extravagante. Ora, o nariz dele é tão cor-de-rosa q ue parece pintado!

— É verdade — disse Fearenside. — Sei disso. E vou lhe dizer o que penso. Aquele homem é malhado. Preto aq ui e branco acolá — em

manchas. E tem vergonha disso. É uma esp écie de mestiço e a cor dele é manchada, em vez de misturad a. Já ouvi falar disso. É o que acontece com os cavalos, como qualquer um sabe.

O SR. CUSS ENTREVISTA O ESTRANHO

Contei as circunstâncias da chegada do estranho a I ping com uma certa profusão de detalhes para que o leitor compreenda a curiosa impressão que causou. Mas, com exceção de dois incidentes fora do comum, os pormenores de sua estadia podem s er mencionados muito superficialmente, até o extravaga nte dia do Festival do Clube. Houve inúmeras escaramuças com a sra. Hall no campo da disciplina doméstica, mas até o fim de abr il, quando começaram os primeiros sinais de penúria, ele a der rotava com o fácil expediente de um pagamento extra. Hall não o apreciava e toda a vez que ousava, falava da conveniência de se livrarem dele; mas manifestava sua antipatia principalmente dissim ulando-a ostensivamente e evitando o visitante tanto quanto possível. —

Espere até o verão — dizia a sra. Hall, conciliador a — até que os artistas comecem a chegar. Então, veremos. Ele talv ez seja um tanto arrogante, mas contas pagas em dia são contas pagas em dia, diga você o que quiser.

O estranho não ia à igreja e, na verdade, não fazia a menor diferença, nem em seu vestuário entre o domin go e os outros dias não religiosos. Trabalhava, na opinião da sra. Hall, sem a menor regularidade. Alguns dias descia cedo e ata refava-se sem parar. Em outros, levantava-se tarde, andava pelo q uarto, resmungando alto, horas a fio, fumava, e dormia na poltrona junto à lareira. Não tinha a menor comunicação com o mund o para além da aldeia. Seu humor continuava a ser imprevisível; a maior parte do tempo tinha a atitude de um homem que sofria uma provação quase insuportável e, de vez em quando, partia, arr ancava, esmagava ou quebrava coisas, em acessos espasmódico s de violência. Parecia viver sob uma irritação crônica, da maior intensidade. O hábito de falar sozinho em voz baixa ia se agravando cada vez mais, porém, embora a sra. Hall ouvisse atentamente, tudo lhe parecia sem pé nem cabeça. Raramente saía durante o dia mas, ao cair da tarde, tremendamente embuçado, quer o tempo estivesse frio ou não, fazia-o, escolhendo os caminhos mais

desertos e som breados por árvores ou encostas. Seus óculos enormes e o horrív el rosto

enfaixado, sob o toldo do chapéu, surgiam da escuri dão repentina e desagradavelmente diante de um ou outro trabalhador a caminho de casa; e Teddy Henfrey, tropeçando à saída do "Sc arlet Coat", uma noite, às nove e meia, assustou-se vergonhosame nte com a cabeça do estranho, que parecia uma caveira (estava caminhando de chapéu na mão), subitamente iluminada pela luz da porta aberta. As crianças que o viam à noite sonhavam com fantasmas e era discutível se ele detestava os garotos mais do que estes o detestavam, ou o inverso — mas, certamente, havia u ma aversão bem definida de ambos os lados.

Era fatal que uma pessoa de aparência e comportamen to tão incomuns se tornasse assunto freqüente em uma a ldeia como Iping. As opiniões estavam muito divididas quanto à sua ocupação. A sra. Hall era suscetível nesse ponto. Quando inte rrogada, explicava cautelosamente enunciando as sílabas com cuidado, como quem teme algum perigo oculto, que ele era um "pesq uisador experimental". Quando lhe perguntavam o que signifi cava ser um pesquisador experimental respondia, com um toque de superioridade, que a maioria das pessoas instruídas sabia e então explicava que "descobria coisas". Seu hóspede sofre rá um acidente, dizia, que havia, temporariamente, lhe arroxeado o rosto e as mãos; e como era sensível, evitava exibir publicamente o fato. Longe dos ouvidos dela, havia a opinião geralmente

aceita de que era um criminoso tentando fugir da ju stiça e enrolando-se de tal forma que se ocultaria completa mente dos olhos da polícia. A idéia surgira da mente do sr. T eddy Henfrey. Mas não se sabia da ocorrência de nenhum crime de q ualquer importância cometido em meados ou no final de fever eiro. Elaborada na imaginação do sr. Gould, o novo assist ente da Escola Nacional, essa teoria apontava o estranho como um a narquista disfarçado que preparava explosivos e resolveu empr eender operações de investigação, de acordo com sua dispon ibilidade de tempo. Em geral, estas consistiam, principalmente, em olhar o desconhecido com muita atenção, sempre que se encon travam, ou em fazer perguntas a respeito dele a pessoas que nu nca o haviam visto. Mas não descobriu nada.

Outra escola de pensamento seguia o sr. Fearenside e aceitava a teoria de que era malhado ou coisa semel hante; como, por exemplo, Silas Durgan, que tinham ouvido assegu rar que "se ele quisesse exibir-se nas feiras, faria fortuna em um piscar de olhos" e sendo um pouco teólogo comparava-o com o h omem que só tinha um talento. E ainda uma outra corrente de opinião explicava o caso todo considerando o estranho como um maluco inofensivo. Isso tinha a vantagem de justificar tud o, sem maiores especulações.

Entre os grupos principais, havia os indecisos e os

acomodados. O povo de Sussex tem poucas superstiçõe s e só depois dos acontecimentos do início de abril a cogi tação do sobrenatural foi murmurada pela primeira vez na ald eia. Mesmo assim, só as mulheres acreditaram nisso.

Mas, o que quer que pensassem, todos os habitantes de Iping concordavam plenamente em sua repulsa a ele. A irritabilidade que demonstrava, embora pudesse se r compreensível para um trabalhador intelectual urban o, era surpreendente para aqueles calmos aldeões de Sussex . A gesticulação frenética que presenciavam vez por out ra, o caminhar apressado depois que a noite caía, ultrapassando-os velozmente em cantos escuros, a brutalidade desumana com que rechaçava todas as tímidas tentativas de curiosidade, o gosto pela penumbra que levava ao fechar de portas, abaixar de venezianas e à exti nção de velas e lampiões — quem poderia concordar com tudo aquilo? Davam-lhe passagem quando atravessava a aldeia, mas quando se ia, os jovens humoristas levantavam a gola dos casacos, abaixavam a aba dos chapéus e seguiam-no em passadas nervosas, imitando -lhe o jeito furtivo. Naquela época, havia uma canção muito popu lar, chamada o "Homem Fantasma"; a srta. Statchell a tinha canta do em um concerto na sala de aula da escola (a fim de ajudar a angariar fundos para a iluminação da igreja) e, daí por diante, tod as as vezes em que dois ou mais aldeões estavam reunidos e o estranho aparecia,

sempre algum deles assoviava um ou dois compassos d a canção, mais ou menos agudos ou graves. E as criancinhas qu e tinham se atrasado também lhe gritavam "Homem Fantasma!" e fu giam, medrosamente

alvoroçadas.

Cuss, o clínico-geral, estava roído pela curiosidad e. As ataduras excitavam-lhe o interesse profissional e a s mil e uma garrafas despertavam-lhe um respeito invejoso. Durante todo o mês de abril e o de maio, ansiou por uma oportunidade d e falar com o estranho; até que, ao se aproximar a festa de Pente costes, não pôde agüentar mais e arranjou a desculpa de uma lista de contribuições para contratar uma enfermeira para a aldeia. Ficou surpreso ao descobrir que o sr. Hall desconhecia o nome de seu hóspede. "Ele deu um nome" — disse a sra. Hall, numa afirmativa completamente infundada — mas não ouvi direito. — Achava que pare ceria uma idiotice não saber o nome do homem.

O sr. Cuss bateu na porta da sala e entrou. De dent ro, veio uma imprecação perfeitamente audível. — Perdoe minha intromissão — desculpou-se e então a porta fechou-s e e a sra. Hall foi excluída do resto da conversa.

Ouviu o murmúrio de vozes nos dez minutos seguintes , um arrastar de pés, uma cadeira atirada para o lado , um riso curto, passos apressados até a porta e Cuss apareceu, o ro sto lívido, olhando fixamente para trás, por cima do ombro. Dei xou a porta

aberta e. sem sequer relancear para ela, passou pel o corredor; desceu os degraus e seguiu-se o ruído de passos cam inhando velozmente pela escada. Levava o chapéu na mão. Ela deixou-se ficar, atrás da porta aberta, olhando para a sala. Depois ouviu o estranho rindo baixinho e seus passos atravessaram o aposento. De onde estava, não podia ver-lhe o rosto. A porta da sala bateu, e tudo ficou em silêncio outra vez.

Cuss foi direto à aldeia, procurar Bunting, o vigár io. — Estarei louco? — foi dizendo bruscamente, ao entrar no pequeno escritório humilde. — Tenho cara de maluco?

— Que aconteceu? — perguntou o vigário, pondo um peso sobre as folhas soltas de seu próximo sermão. — O sujeito da estalagem. ..

— Bem?

— Dê-me alguma coisa para beber — pediu Cuss, sentando-se.

Quando seus nervos se acalmaram, graças a um copo d e xerez barato — a única bebida de que o vigário disp unha — contou-lhe a entrevista que acabara de ter. — Entre i — arfou — e comecei a pedir uma contribuição para o Fundo destinado a pagar a enfermeira. Tinha posto as mãos nos bolsos quando m e viu e estava todo curvado na cadeira. Fungou. Disse-lhe q ue sabia do interesse que tinha pelas coisas ligadas à ciência. Concordou.

Fungou de novo. Ficou fungando o tempo todo, eviden temente presa recente de um forte resfriado. Não é de admir ar, agasalhado daquela forma! Expus a idéia de se ter uma enfermei ra, mantendo, ao mesmo tempo, os olhos bem abertos. Garrafas — pr eparados químicos — por todos os lados. Balança, tubos de ensaio suspensos e um cheiro de. .. prímulas noturnas. Estaria dispo sto a contribuir? Disse que pensaria no assunto. Perguntei a ele, dir etamente, se estava fazendo pesquisas. Respondeu que sim. Uma pe squisa demorada? Ficou muito irritado. "Um diabo de pesqui sa, muito longa" falou, estourando, por assim dizer. — Oh — d isse eu. Ele desabafou. O homem estava prestes a perder o contro le e minha pergunta fez com que explodisse. Tinham-lhe dado um a receita, uma receita muito importante — não disse para quê. Era uma receita médica? "Vá para o inferno! Que está tentan do descobrir?" Pedi desculpas. Fungou com seriedade e tossiu. Falo u de novo. Ele a tinha lido. Cinco ingredientes. Tinha-a largado e voltado a cabeça. Uma corrente de ar que vinha da janela tinha carreg ado o papel. Houve um silvo, um farfalhar. Estava trabalhando em uma sala com uma lareira aberta, continuou. Viu um lampejo, e lá estava a receita, queimando e flutuando chaminé acima. Corre u para ela no momento em que desaparecia pela chaminé. Foi isso! Justamente nesse ponto, para ilustrar a história, fez um gesto com o braço. — Bem?

— Não tinha mão — só a manga vazia. Deus! pensei, que aleijão! Com certeza tem um braço postiço, suponho, e tirou-o. Depois, pensei, há alguma coisa estranha aqui. Que diabo mantém a manga levantada e aberta, se não há nada nela? Não havia nada nela, estou lhe dizendo. Nada, de cima a baixo, até a articulação. Podia ver até o cotovelo, e havia um raio de luz br ilhando através de um rasgão na fazenda. — Deus do Céu! — exclamei. Aí ele parou. Olhou-me fixamente, com aqueles óculos escur os e depois olhou a manga.

— Bem?

— É só. Não disse uma palavra; olhou-me fixamente e pôs depressa a manga no bolso. "Dizia", prosseguiu, "que lá estava a receita sendo queimada, não é"? Tossiu interrogat ivamente. — Que diabo — indaguei — como pode mover uma manga va zia assim? — "Manga vazia?" — Sim — insisti — uma manga vazia. "É uma manga vazia, é? O senhor viu que era uma manga vazia?" Levantou-se imediatamente. Levantei-me também. Veio em minha direção em três passos bem lentos e parou mui to perto. Fungou furiosamente. Não vacilei, embora queira cai r morto se aquela cabeça enfaixada e aqueles óculos não forem o suficiente para acovardar qualquer um, vindo silenciosamente p ara uma pessoa.

"O senhor disse que era uma manga vazia?" — repetiu .

— Sem dúvida — confirmei. Só em ficar olhando, sem dizer nada, um homem de cara limpa e sem óculos começa a sentir-se inquieto. Então, muito calmamente, ele tirou a manga do bolso e levantou o braço para mim, como se quisesse mostrá-lo de novo. E o fez muito, muito devagar. Olhei para aquilo. Pareceu-me um século. — Então? — disse eu, pigarreando — não há nada aí. — Tinha que dizer alguma coisa. Estava começando a ficar assust ado. Podia enxergar do começo ao fim. Ele estendeu-a diretamen te para mim, lentamente, lentamente — assim mesmo — até que o pu nho ficou a centímetros do meu rosto. É esquisito ver uma man ga vazia aproximar-se da gente daquela forma! E então... — Bem?

— Alguma coisa — cujo contato era exatamente como o de um dedo e um polegar — beliscou meu nariz. Bunting começou a rir.

— Mas não havia nada ali! — protestou Cuss, a voz s e tornando aguda, quase um grito, ao dizer "ali". — O senhor pode rir, mas estou lhe dizendo, fiquei tão apavorado qu e golpeei o punho dele com força, dei meia-volta e fugi da sala — deixei-o. .. Cuss fez uma pausa. Não havia dúvida quanto à sinceridade de seu pânico. Voltou-se, transtornado, e tomou um segundo copo do excelente xerez muito ordinário do pároco. — Quando atingi o punho dele — concluiu Cuss —, asseg uro-lhe que

senti exatamente como se estivesse batendo em um braço. Mas não havia braço! Não havia nem sombra de um braço! O sr. Bunting refletiu. Olhou, desconfiado, para Cu ss. — É uma história totalmente fora do comum — comentou. Tinha uma expressão muito sábia e grave. — Na verdade — r epetiu o sr. Bunting, cautelosamente enfático — uma história tot almente fora do comum.

O ROUBO NO PRESBITÉRIO

Os fatos do roubo na casa paroquial chegaram a nós principalmente através do pastor e de sua esposa. A conteceu na madrugada da segunda-feira de Pentecostes — o dia d edicado às festividades do Clube em Iping. Parece que a sra. B unting tinha acordado de repente, no silêncio que precede o aman hecer, com a forte impressão de que a porta do quarto do casal h avia sido aberta e fechada. A princípio, não acordou o marido, mas s entou-se na cama, atenta. Depois, ouviu nitidamente o arrastar de pés descalços saindo do quarto de vestir ao lado e andando pelo c orredor até a escada. Tão logo teve certeza disso, acordou o sr. Bunting, fazendo o menor barulho possível. Este não acendeu a luz, m as pondo os

óculos, o roupão da mulher e seus chinelos, foi até o patamar e ficou escutando. Ouviu distintamente remexerem na m esa do escritório no andar inferior e depois um espirro violento. Diante disso, voltou ao quarto, armou-se com a arma mais óbvia, o atiçador, e desceu a escada tão silen ciosamente quanto pôde. A sra. Bunting saiu para o patamar. Eram cerca de quatro horas e a escuridão fechada da noite se fora. Havia um leve reflexo de luz no vest íbulo, mas a porta do escritório estava escancarada para uma obs curidade impenetrável. Tudo continuava quieto e só se ouvia o ligeiro ranger dos degraus sob os passos do sr. Bunting e os movim entos quase imperceptíveis no escritório. Então, alguma coisa e stalou, a gaveta abriu-se e houve um farfalhar de papéis. Depois dis so uma imprecação, um fósforo acendeu-se e inundou o escritório com sua luz amarelada. O sr. Bunting, já no vestíbulo, viu, através de uma fresta da porta, a escrivaninha com a gaveta aberta e uma vela ardendo sobre a mesa. Mas não conseguia ver o ladrã o. Ficou parado ali, sem saber o que fazer e a sra. Bunting, pálida e hesitante, desceu lentamente a escada para

juntar-se a ele. Só uma coisa mantinha a coragem do sr. Bunting: a certeza de que aquele ladrão era um morador da aldeia.

Ouviram o tilintar de dinheiro e compreenderam que o ladrão tinha encontrado a reserva doméstica de ouro — duas libras

e dez, tudo em meios soberanos. A este som, o sr. Bunting animou- se a tomar uma atitude drástica. Segurando o atiçad or com firmeza, precipitou-se para o cômodo, seguido de perto pela sra. Bunting. — Renda-se — gritou o sr. Bunting ferozmente e paro u, surpreso: a sala estava completamente vazia.

Entretanto, a impressão de ambos, de que tinham, naquele exato momento, ouvido alguém mover-se na sa la, transformou-se em certeza. Ficaram de boca aberta, talvez por meio minuto e então a sra. Bunting atravessou o apo sento e olhou atrás das cortinas, enquanto o sr. Bunting, levado por um impulso semelhante, olhava embaixo da mesa. A sra. Bunting descerrou as cortinas e o sr. Bunting olhou pela chaminé, experimentando-a com o atiçador. Aí a sra. Bunting examinou a cesta de p apéis e o sr. Bunting abriu a tampa do depósito de carvão. E deti veram-se, olhando um para o outro interrogativamente.

— Poderia jurar... — começou a sra. Bunting. — A vela! — exclamou o sr. Bunting. — Quem acendeu a vela?

— A gaveta! — secundou-o a sra. Bunting. — E o dinheiro sumiu! — Apressadamente, foi até a porta. — Foi a coisa mais estranha...

Ouviram um espirro alto, no corredor. Saíram corren do e, no mesmo momento, a porta da cozinha bateu com estrondo. —

Traga a vela — disse o sr. Bunting, e foi na frente . Ambos escutaram o som de ferrolhos precipitadamente abertos. Quando ele puxou a porta da cozinha viu, além da pi a, que a porta dos fundos estava se abrindo e a luz fr aca do início da manhã só mostrava as moitas escuras do jardim do la do de fora. Tinha a certeza de que nada havia saído pela porta. Porém esta abriu-se, ficou aberta um instante e depois fechou- se violentamente. Nesse instante a vela do escritório que a sra. Bunting estava carregando tremeluziu e brilhou de n ovo. Passou-se mais de um minuto antes que

entrassem na cozinha. Estava vazia. Fecharam novamente a porta dos fundos , examinaram a cozinha, despensa e copa minuciosamente e, por fim, desceram ao porão. Não havia uma alma na casa, por mais que procurassem.

A luz do dia encontrou o vigário e a mulher, um parzinho vestido com roupas antiquadas, ainda assombrado em sua propriedade, à luz desnecessária de uma vela gotejante.

OS MÓVEIS QUE FICARAM LOUCOS

Aconteceu que, nas primeiras horas da segunda-feira de Pentecostes, antes que Millie fosse procurada para fazer o trabalho

do dia, o sr. e sra. Hall levantaram-se e desceram silenciosamente à adega. O propósito de ambos era de natureza particular e tinha algo a ver com a densidade específica da cerveja. Mal ti nham entrado, quando a sra. Hall percebeu que havia se esquecido de trazer uma garrafa de salsaparrilha do quarto de ambos. Como e ra perita e a principal operadora naquele assunto, o sr. Hall, ju stificadamente, subiu para buscá-la.

No patamar, ficou surpreso ao ver que a porta do estranho estava escancarada. Entrou em seu quarto e achou a garrafa onde lhe fora indicado.

Mas, ao voltar com ela, notou que os ferrolhos da p orta da frente tinham sido abertos e que a porta, estava, de fato, fechada apenas com a lingüeta da fechadura. Em um lampejo d e inspiração, associou aquilo ao quarto do estranho em cima e às insinuações do sr. Teddy Henfrey. Lembrava-se perfeitamente de que tinha ficado segurando a vela enquanto a sra. Hall aferrolhava a porta para a noite. Ao ver aquilo deteve-se, boquiaberto e, aind a com a garrafa na mão, voltou para cima. Bateu na porta do estranh o. Não houve resposta. Bateu outra vez; depois empurrou-a e entrou. Era o que esperava. A cama, e também o quarto, esta vam vazios. E o que era de espantar, mesmo a sua inteli gência meio lerda, na cadeira e nos pés da cama havia roupas es palhadas, as únicas roupas que, até onde sabia, o hóspede tinha, e suas ataduras.

Até o grande chapéu macio estava colocado jovialmente em um dos pés da cama.

Enquanto estava parado ali, ouviu a voz da mulher, vinda das profundezas da adega, com a rápida superposição das sílabas e a escala crescente e interrogativa das palavras fin ais até um som agudo, uma forma através da qual o nativo de West Sussex costuma manifestar uma grande impaciência. — George! Pegou o que pedi? Diante disso, deu meia-volta e apressou-se a ir até ela. — Janny — disse por cima do corrimão da escada para a adega — o que Henfrey diz é verdade. Ele não está no quarto, não está. E a porta da frente está desaferrolhada.

A princípio a sra. Hall não entendeu, mas, logo que o fez, resolveu ver por si mesma o quarto vazio. Hall, ain da segurando a garrafa, foi na frente. — Ele não está lá, mas as roupas estão. E que estará fazendo sem roupas? É um negócio muito curioso. Quando subiram os degraus da adega, ambos, como foi confirmado posteriormente, pensaram ter ouvido a po rta da frente abrir-se e fechar-se mas, ao vê-la fechada e nada p or ali, não disseram nem uma palavra um ao outro na ocasião. A sra. Hall ultrapassou o marido no corredor e foi a primeira a subir correndo a escada. Alguém espirrou. Hall, seguindo-a seis pa ssos atrás, pensou que a ouvira espirrar. Ela, andando na frent e, teve a impressão de que Hall tinha espirrado. Abriu comple tamente a

porta e ficou olhando o quarto. — Que coisa esquisita! — disse. Ouviu outro espirro que parecia perto da cabeça del a e, voltando-se, ficou surpresa ao ver Hall a uns três metros, no último degrau da escada. Mas, logo depois, chegou a seu la do. Ela inclinou-se e pôs a mão no travesseiro e depois emb aixo das roupas.

— Estão frios — disse. — Levantou-se há uma hora ou mais.

Ao fazê-lo, aconteceu uma coisa realmente extraordi nária — a roupa de cama juntou-se sozinha, atirou-se para o alto de repente, em uma espécie de monte e depois pulou dir etamente por cima dos pés da cama. Era como se uma mão a tivesse agarrado pelo meio e jogado para o lado. Logo depois, o chap éu do estranho saltou do pé da cama e, descrevendo uma trajetória revoluteante pelo ar, quase um círculo completo, atirou-se diret amente no rosto da sra. Hall. Depois veio a esponja do lavatório; e m

seguida a cadeira, deixando cair para o lado, descuidadamente , o casaco e as calças do estranho e, rindo secamente, em uma voz m uito parecida com a dele, a cadeira virou para cima, com as quatr o pernas para o ar; por um momento pareceu fazer pontaria na direçã o da sra. Hall e precipitou-se para ela. Gritando, ela virou-se e as pernas da cadeira tocaram-lhe as costas, sem brutalidade, mas com firmeza, e empurraram-na, juntamente com Hall, para fora do quarto. A porta

fechou-se violentamente e foi trancada. Durante alg um tempo a cadeira e a cama pareceram estar executando uma dan ça triunfal e depois, abruptamente, tudo cessou.

A sra. Hall ficou no patamar, quase desmaiada nos braços de Hall. Foi com a maior dificuldade que ele e Mill ie, que fora acordada por seus gritos de alarma, conseguiram lev á-la para baixo e dar-lhe os reconstituintes habituais nesses casos. — Foram os espíritos — disse a sra. Hall. — Sei que foram os espíritos. Já li nos jornais a respeito de les. Mesas e cadeiras pulando e dançando!...

— Tome mais uma gota, Janny — insistiu Hall. — Vai acalmar você.

— Deixem-no do lado de fora — disse a sra. Hall. — Não permitam que entre outra vez. Bem que desconfie i. . . Devia saber. Com os olhos esbugalhados e a cabeça enfaixa da e nunca indo à igreja aos domingos. E todas aquelas garrafas — m uito mais de que qualquer um tem o direito de ter. Foi e le quem pôs espíritos nos móveis. Meus móveis antigos tão bons! Era naquela cadeira que minha mãe costumava sentar-se quando eu era pequena. Pensar que pôde erguer-se contra mim! — Só mais uma gota, Janny — disse Hall. — Seus nervos estão em frangalhos.

Mandaram Millie do outro lado da rua, à luz dourada das cinco da manhã, para acordar o sr. Sandy Wadgers, o ferreiro. Que transmitisse os cumprimentos do sr. Hall e dissesse que os móveis no segundo andar estavam procedendo como loucos. Po deria o sr. Wadgers ir até lá? Era um homem bem informado, o sr. Wadgers, e fértil em recursos. Este considerou o caso com muit a seriedade. — Quero ir para o inferno se isso não é feitiçaria — foi a opinião do sr. Sandy Wadgers. — É preciso ter ferraduras para um espírito assim.

Ele foi, muito preocupado. Queriam dar-lhe a precedência na subida até o quarto, mas não parecia ter nenhuma pressa. Preferiu conversar no corredor. O ajudante de Huxter, do outro lado da rua, começou a retirar os anteparos d a vitrine da tabacaria. Chamaram-no para participar da discussão . Naturalmente, o sr. Huxter seguiu-o logo depois. O gênio anglo- saxão para o parlamentarismo reafirmou-se; houve mu itos debates, mas nenhuma ação decisiva. — Primeiro, vamos aos fa tos — insistia o sr. Sandy Wadgers. — Precisamos estar se guros de que agiremos com toda a razão, ao arrombar aquela porta . Uma porta não arrombada é sempre passível de ser arrombada, m as não se pode desarrombar uma porta que já tenha sido arrombada. E, de súbito, fantasticamente, a porta do quarto de cima abriu-se sozinha e, ao olharem para o alto, assombr ados, viram a

figura embuçada do estranho descendo as escadas, fi tando-os mais sombrio e carrancudo do que nunca através daqueles seus enormes e absurdos olhos de vidro azul. Descia rigidamente e devagar, com o olhar fixo; assim caminhou pelo corredor e depois parou. — Vejam ali! — apontou, e os olhos de todos seguira m a direção indicada pelo dedo enluvado e viram uma gar rafa de salsaparrilha junto à porta da adega. Então entrou na sala e bruscamente, rapidamente, violentamente, bateu-lhes com a porta na cara.

Ninguém disse uma palavra até que o eco da porta ba tida tivesse se dissipado. Entreolharam-se. — Ora, se is so não é o máximo! — exclamou o sr. Wadgers, sem mencionar a alternativa. — Se fosse comigo, iria perguntar a ele sobre o que acontece — disse Wadgers ao sr. Hall. — Exigiria uma explicação. Levou algum tempo até que o marido da estalajadeira se animasse. Afinal bateu na porta, abriu, e só conseg uiu dizer — Com licença.. .

— Vá para o inferno! — berrou o estranho em voz estrondosa, e: — Feche a porta quando sair. — Assim terminou aquela breve entrevista.

A DESCOBERTA DO ESTRANHO

O estranho entrou na pequena sala da "Coach and Horses" por volta das cinco e meia da manhã e ali p ermaneceu até quase meio-dia, as persianas

descidas, a porta fech ada e ninguém, depois da expulsão de Hall, aventurou-se a chegar perto dele. Durante todo esse tempo, devia ter jejuado. Tocou a campainha três vezes, a terceira furiosa e continua damente, mas ninguém o atendeu. — Ele e os dele que vão para o i nferno! — disse a sra. Hall. Mais tarde, espalhou-se o boato, um tanto adulterado, do roubo na casa paroquial e somaram dois e dois. Hall, acompanhado por Wadgers, saiu à procura do juiz, sr. Shuckleforth, para pedir-lhe conselhos. Ninguém ousava subir. Não se sabia em que o estranho estava se ocupando. De vez em quando andava ruidosamente de um lado para outro e, por duas veze s, ouviu-se uma explosão de imprecações, um rasgar de papéis e uma violenta quebra de garrafas.

O pequeno grupo assustado, porém curioso, continuav a aumentando; a sra. Huxter apareceu; alguns jovens a legres, esplêndidos em seus paletós negros comprados pronto s e gravatas de papel crepom, pois era segunda-feira de Pentecos tes, reuniram- se ao grupo, fazendo perguntas confusas. O jovem Ar chie Harker

destacou-se, indo até o pátio e tentando olhar pela s venezianas. Não podia ver nada, mas permitiu que pensassem que podia e, pouco a pouco, outros membros da juventude de Iping juntaram-se a ele.

Aquela era a melhor de todas as segundas-feiras de Pentecostes e ao longo da rua da aldeia havia uma f ileira de perto de uma dúzia de barracas e uma galeria de tiro e, n o gramado ao lado da forja, viam-se três vagões amarelos e cor d e chocolate e alguns desconhecidos pitorescos de ambos os sexos, organizando um balcão de tiro. Os cavalheiros vestiam blusas de malha azul e as senhoras exibiam túnicas brancas e chapéus muito mo dernos, com pesadas plumas. Wodger, do "Purple Fawn" e o sr. Ja ggers, c sapateiro, que também vendia bicicletas ordinárias de segunda mão, estavam estendendo um cordão de bandeiras inglesas e insígnias reais (que, primitivamente tinham servido para fest ejar o jubileu), de um lado a outro da rua.

E do lado de dentro, na escuridão artificial da sal a, na qual só penetrava um fraco raio de sol, o estranho, faminto e amedrontado, envolto em agasalhos quentes e incômod os, lia atentamente seus papéis através dos óculos escuros, ou entrechocava suas garrafinhas sujas e, de vez em qu

ando, xingava selvagemente os rapazes lá fora, audíveis ainda que invisíveis. No canto, junto à lareira., jaziam os fragmentos de me ia dúzia de

garrafas quebradas e um cheiro penetrante de cloro impregnava o ar. Soube-se disso pelo que se ouviu na ocasião e p elo que, subseqüentemente, se viu na sala.

Por volta de meio-dia ele abriu a porta subitamente e parou, encarando com o olhar fixo as três ou quatro pessoas no bar. — Sra. Hall — chamou. Alguém saiu e, timidamen te, chamou a sra. Hall.

Após algum tempo, esta apareceu, um tanto sem fôleg o mas, por isso mesmo, mais irritada. Hall ainda não tinha chegado. Ela havia refletido sobre os acontecimentos e foi a té o hóspede levando uma pequena bandeja com uma conta que não h avia sido paga.

— Está querendo sua conta, senhor? — perguntou. — Por que não trouxe o café da manhã? Por que não preparou minhas refeições nem respondeu à campainha ? Acha que vivo sem comer?

— Por que minha conta não foi paga? — desafiou-o a sra. Hall. — Isso é o que quero saber.

— Há três dias disse-lhe que estava aguardando uma remessa. . .

— Há dois dias disse-lhe que não ia esperar remessa s. Não pode reclamar se espera um pouco pelo café se m inha conta está esperando há cinco dias, pode?

O estranho praguejou brevemente, mas com vigor. — Epa, epa — disseram no bar.

— E agradeceria muito, senhor, se guardasse seus xingamentos para o senhor mesmo.

O estranho continuou imóvel parecendo, mais do que nunca, um escafandrista zangado. No bar, todos sentiram que a sra. Hall estava levando vantagem. As palavras dele, a s eguir, o demonstraram.

— Olhe aqui, minha boa mulher. ..

— Não me venha com essa de boa mulher — retrucou a sra. Hall.

— Já lhe disse que a remessa de dinheiro não chegou. . . — Que remessa!

— Porém, acho que em meu bolso. ..

— O senhor me disse, há dois dias, que não tinha ma is que um soberano em níqueis.

— Bem, achei mais alguns...

— Opa! — ouviu-se no bar.

— Só queria saber onde os encontrou! — disse a sra. Hall. Isso pareceu aborrecer muito o estranho. Bate u com o pé no chão. — Que quer dizer? — perguntou.

— Que queria saber onde os encontrou — repetiu a sr a. Hall.

— E antes que eu receba qualquer conta, sirva qualq uer café, ou faça qualquer outra coisa, o senhor tem qu e me explicar uma ou duas coisas que não compreendo, nem eu nem n inguém e todos têm muita vontade de entender. Quero saber o que andou fazendo com minhas cadeiras lá em cima e quero sabe r como entrou novamente se seu quarto estava vazio. As pes soas que se hospedam aqui entram pelas portas — essa é uma regr a da casa e o senhor não o fez e o que quero saber é como entrou. E quero saber. ..

De repente, o estranho ergueu as mãos enluvadas e cerradas, bateu com os pés no chão e gritou: — Pare ! — com tal violência que silenciou-a instantaneamente.

— A senhora não sabe — disse ele — quem sou e o que sou. Vou lhe mostrar. Por Deus! Vou lhe mostrar. — Colocou então a mão espalmada sobre o rosto e retirou-a. O centro de seu rosto tornou-se uma cavidade negra. — Tome — disse. Adiantou- se e entregou a sra. Hall algo que ela, de olhos fi xos no rosto metamorfoseado, aceitou automaticamente. Então, qua ndo viu o que era, deu um grito agudo, deixou-o cair e recuou , cambaleando. O nariz — era o nariz do estranho! rosado e brilhan te — rolou para o chão.

Depois tirou os óculos e todos os presentes arqueja ram convulsivamente. Tirou o chapéu e, com um gesto bru sco, puxou

as suíças e as ataduras. Por um momento estas resis tiram. O súbito arrepio de um pressentimento terrível percorreu o b ar. — Oh, meu Deus! — exclamou alguém. Então, elas se soltaram. Foi pior ainda. A sra. Hall, em pé, de boca aberta, aterrorizada, dava berros estridentes diante do que via e precipitou- se para a porta. Todos começaram a se mover. Estavam preparados para cicatrizes, deformidades, horrores tangíveis, mas para o nada! As ataduras e cabelos postiços voavam pelo corredor até o bar, fazendo um rapazelho pular para evitá-los. Todos se atropelavam descendo os degraus. Pois o homem que estava ali, g ritando uma explicação incoerente, era uma figura concreta até a gola do casaco e dali — nada mais, nenhuma coisa visível!

Os habitantes da aldeia ouviram gritos e berros e, olhando rua acima, viram a "Coach and Horses" expel ir violentamente seres humanos. Viram a sra. Hall cair e o sr. Teddy Henfrey pular, para não cair por cima dela, e então ouviram os guinchos apavorantes de Millie que, saindo de repen te da cozinha por causa do barulho e do tumulto, topara com o est ranho sem cabeça pelas costas.

Imediatamente, todos os que estavam na rua, o vende dor de doces, o proprietário do tiro aos cocos e seu as sistente, o homem do balanço, menininhos e garotas, grã-finas r urais, moças bonitas, os mais velhos de guarda-pó e ciganas de a vental,

começaram a correr em direção à estalagem; e, em um lapso de tempo miraculosamente curto uma multidão, talvez de umas quarenta pessoas e aumentando rapidamente, começou a atropelar- se, vaiar, indagar, exclamar e dar palpites, em fre nte ao estabelecimento da sra. Hall. Todos pareciam ansios os por falar ao mesmo tempo e o resultado era uma babel. Um pequeno grupo amparava a sra. Hall que havia sido encontrada quas e desfalecida. Havia uma conferência em curso e o incrível depoime nto de uma espalhafatosa testemunha ocular. "Um fantasma!" "En tão o que tem andado fazendo?" "Não machucou a moça, não é?" "Atacou-os com uma faca, creio." "Não tinha cabeça, estou lhe dizendo. Não é um modo de falar, estou dizendo que não tinha cabeç a mesmo!" "Tolice! Foi

algum truque de prestidigitação." "Tir ou todas aquelas faixas..."

Em sua luta para enxergar além da porta aberta, a multidão formou uma cunha irregular, o ápice mais c orajoso perto da entrada da estalagem. "Ele ficou parado um momen to, ouvi a moça gritar e então voltou-se. Vi as saias dela des aparecerem e ele foi atrás dela. Não levou dez segundos. Depois volt ou com uma faca na mão e um pão; ficou imóvel como se estivess e contemplando alguma coisa. Agora há pouco. Passou p or aquela porta e entrou e, eu lhe digo, não tinha nenhuma cabeça. Por pouco você não o via..."

Houve uma agitação atrás e o homem que falava afast ou- se para um lado, para dar passagem a uma pequena pr ocissão que marchava resolutamente para a casa — primeiro o sr. Hall, muito vermelho e decidido, depois o sr. Bobby Jaffers, o policial da aldeia, e por fim o prudente sr. Wadgers. Vinham munidos de um mandado.

Todos gritavam informações contraditórias sobre os mais recentes acontecimentos. — Com cabeça ou sem cabeça tenho que prendê-lo e é o que vou fazer — declarou Jaffers. O sr. Hall subiu os degraus, foi direto à porta da sala e abriu-a bruscamente. — Guarda — disse ele — cumpra seu dever. Jaffers entrou, seguido por Hall e atrás deste, Wad gers. Na penumbra, viram diante deles um corpo sem cabeça , com um pedaço de pão mordido em uma das mãos enluvadas e uma fatia de queijo na outra.

— É ele! — apontou o sr. Hall.

— Que diabo é isso? — A pergunta veio em tom de reclamação irritada, de um ponto acima do colarinho da figura. — O senhor é um sujeito muito esquisito, senhor — disse o sr. Jaffers. — Mas com cabeça ou sem cabeça , o mandado diz "corpo" e dever é dever...

— Afaste-se! — disse o vulto, recuando.

Subitamente, deixou cair o pão e o queijo e o sr. H all

pegou a faca em cima da mesa bem a tempo de guardá- la. A luva esquerda foi retirada e esbofeteou o rosto de Jaffe rs. No momento seguinte, Jaffers, interrompendo uma declaração sob re o mandado, pegou-o pelo pulso sem mão e agarrou a garganta inv isível. Levou uma

violenta canelada que o fez gritar, porém não a largou. Hall escorregou a faca sobre a mesa para Wadgers, que ag iu, por assim dizer, como um goleiro na ofensiva, e deu um passo à frente, enquanto Jaffers e o estranho oscilavam e tropeçavam em direção a ele, embolados e trocando golpes. Uma cadeira que e stava no caminho foi atirada para o lado, espatifando-se, qu ando caíram juntos.

— Segurem os pés — murmurou Jaffers entre dentes. O sr. Hall, tentando obedecer às instruções, recebe u um violento soco nas costelas, o que o deteve por um m omento e o sr. Wadgers, vendo que o estranho decapitado tinha rola do e estava por cima do sr. Jaffers, bateu em retirada para a p orta e por isso colidiu com o sr. Huxter e o carroceiro de Siddermo rton que tinham acorrido para ajudar a lei e a ordem. No mes mo instante, três ou quatro garrafas caíram do aparador, espalha ndo um cheiro penetrante pelo ar.

— Eu me rendo — gritou o estranho, embora estivesse dominando Jaffers e logo pôs-se de pé, arfando, uma figura surpreendente, sem cabeça e sem mãos — pois tirara também a

luva da mão direita. — Não adianta — falou, como se tivesse dificuldade em respirar.

Era a coisa mais fantástica do mundo, ouvir aquela voz que parecia sair de um espaço vazio, mas os aldeões de Sussex talvez sejam as pessoas mais prosaicas sob o sol. J affers também se levantou e exibiu um par de algemas. E teve um sobressalto. — E agora? — disse, desconcertado por uma obscura percepção do absurdo daquela situação. Que diabo! Não vejo como usá-las.

O estranho correu o braço de cima para baixo do pal etó e, como por milagre, os botões para os quais aponta va a manga vazia, desabotoaram-se. Depois disse alguma coisa sobre tornozelos e inclinou-se. Parecia estar mexendo nos sapatos e meias. — Vejam! — disse Huxter, de repente. — Isso não é u m homem. São apenas roupas vazias. Olhem! Pode-se enx ergar gola abaixo e até o forro das roupas dele. Poderia enfiar o braço. Estendeu a mão; esta pareceu encontrar um obstáculo a meio caminho e retirou-a com uma exclamação surda. — Gostaria que tirasse os dedos de meu olho — disse a voz fantasmagórica,

em um tom de veemente protesto. — Na verdade, estou to do aqui; cabeça, mãos, pernas e o resto, mas acontece que so u invisível. É muito inconveniente, mas sou. Isso não é razão para que seja apalpado até ficar em pedaços por cada campônio idiota de Iping.

As roupas, todas desabotoadas e pendendo frouxament e de suportes invisíveis, levantaram-se, as mangas nos quadris. Vários outros homens tinham entrado na sala que est ava ficando superlotada. — Invisível, hein? — duvidou H uxter, ignorando o insulto do estranho. — Onde já se viu isso? — Talvez seja fora do comum, mas não é crime. Por q ue fui agredido dessa forma por um policial?

— Ah! Isso é diferente — respondeu Jaffers. — Sem dúvida o senhor é um tanto difícil de ver nesta luz , mas tenho um mandado e tudo legal. Não estou atrás de invisibili dade: é de um roubo. Arrombaram uma casa e tiraram dinheiro. — E daí?

— As circunstâncias realmente indicam...

— Tolice e estupidez — replicou o Homem Invisível. — Espero que sim, senhor; mas tenho minhas ordens. — Está bem — concordou o estranho. — Eu vou. Eu vou. Mas sem algemas.

— São de praxe.

— Sem algemas — exigiu o estranho.

— Perdoe-me — disse Jaffers.

O vulto sentou-se bruscamente e antes que alguém pudesse entender o que fazia, os sapatos meias e ca lças tinham sido jogados para baixo da mesa. Então levantou-se de um salto e

retirou o paletó.

— Ei, pare com isso — protestou Jaffers, compreendendo de repente o que estava acontecendo. Agarrou o colete; este lutou e a camisa escorregou para fora dele e deixou-o mole e vazio em suas mãos. — Segurem-no — gritou Ja ffers. — Quando ele tirar o resto. . .!

— Segurem-no — gritaram todos e houve um avanço geral para a camisa em movimento que era tudo quant o se podia ver do estranho.

A manga da camisa plantou um sopapo traiçoeiro na c ara de Hall, que procurava impedir seu avanço de braços abertos e precipitou-o de costas sobre o velho Toothsome, o s acristão e, no momento seguinte a camisa foi erguida e ficou sacud indo as mangas, enrugada e vazia, como uma camisa que está sendo tirada pela cabeça. Jaffers agarrou-a, o que apenas ajudou a retirada; levou um golpe na boca, vindo do ar e, incontinenti, puxo u o cassetete e atingiu violentamente o alto da cabeça de Teddy Henfrey. — Cuidado! — berravam todos, esgrimindo ao acaso e batendo no nada. — Segurem-no! Fechem a porta! Não o deixem solto! Peguei alguma coisa! Aqui está ele! Criou-se uma completa confusão de vozes. Ao que parecia, todos estavam ap anhando ao mesmo tempo e Sandy Wadgers, esperto como sempre e alertado por um terrível golpe no nariz, reabriu a porta e l iderou a turba. Os

outros que o seguiram imediatamente ficaram, por in stantes, espremidos em um canto junto à porta. A pancadaria continuava. Phipps, o unitário, teve um dente da frente quebrad o e machucaram a cartilagem do ouvido de Henfrey. Jaffe rs levou um soco no maxilar e, voltando-se, atingiu algo que es tava entre ele e Huxter no tumulto e impedia que se aproximassem. Se ntiu um peito musculoso e, em seguida, a multidão de homens que se debatiam, excitados, precipitou-se no vestíbulo repleto. — Apanhei-o! — gritou Jaffers engasgando e rodopiando entre eles, lutando, com o rosto vermelho de veias inchadas, contra um inimigo que não via.

Os homens tropeçavam, à direita e esquerda, enquant o aquela luta extraordinária progredia aos solavancos e rapidamente em direção à porta da casa e rolava meia dúzia de d egraus da estalagem. Jaffers gritou, com voz estrangulada — e mesmo assim segurando com força e usando o joelho — rodou sobre si mesmo e caiu pesadamente de costas, a cabeça no cascalho. S ó então seus dedos relaxaram.

Houve gritos excitados de "Segurem-no!" "Invisível! " e outros mais e um jovem, desconhecido no lugar, e cu jo nome não se soube, correu, segurou alguma coisa, perdeu a pe ga e caiu sobre o corpo do policial prostrado. Na estrada, a meio c aminho, uma mulher gritou quando

alguma coisa a empurrou; um cã o, que

parecia ter sido chutado, gemeu, e correu ganindo a té o pátio de Huxter, e foi assim a saída do Homem Invisível. Por algum tempo, todos ficaram pasmos e gesticulantes e então chegou o Pânico e dispersou-os pela aldeia, como um pé de vento espal ha folhas mortas.

Mas Jaffers continuava imóvel, com o rosto voltado para cima e os joelhos dobrados.

EM TRÂNSITO

O oitavo capítulo é extremamente breve e conta que Gibbins, o naturalista amador do distrito, deitado no espaço aberto das colinas, sem uma única alma a menos de um par d e milhas de distância, segundo imaginava, e quase adormecido, o uvira, bem próximo, o som de um homem tossindo, espirrando e b lasfemando selvagemente entredentes; e que, olhando, não vira nada. Entretanto, a voz era real. E continuava a blasfema r com a fluência e variedade que caracterizam as blasfêmias de um ho mem culto. Atingira um ápice, diminuíra novamente e fora torna ndo-se inaudível com a distância, indo, ao que parecia, em direção a Adderdean. Erguera-se mais uma vez em um espirro espasmódico e sumira. Gibbins ignorava completamente as ocorrênci as da manhã, mas o fenômeno fora tão estranho e perturbador que sua tranqüilidade filosófica desaparecera; levantara-se precipitadamente e apressara-se a descer a colina íngreme, tão rápido quanto possível, em direção à vila.

O SR. THOMAS MARVEL

Pode-se descrever o sr. Thomas Marvel como uma pessoa de rosto abundante e flexível, com um nariz que era uma protuberância cilíndrica, a boca afeita à bebida, a mpla e flutuante, e uma barba espetada e excêntrica. O corpo tinha prop ensão à gordura e os membros curtos só faziam acentuar essa propensão. Usava um chapéu sedoso e felpudo e a freqüente subs tituição de botões e cordões de sapato por barbante, visível em pontos críticos de sua roupa, caracterizavam-no como um homem essen cialmente solteiro.

O sr. Thomas Marvel estava sentado com os pés em um a vala à beira da estrada que corta a colina, em dire ção a Adderdean, mais ou menos a uma milha e meia de Iping. Exceto p elas meias que ostentavam uma trama rendada irregular, tinha o s pés nus e seus dedões eram largos e espetados como as orelhas de um cão de guarda. Preguiçosamente — fazia tudo preguiçosament e — contemplava a possibilidade de experimentar um par de botas. Eram as botas mais fortes que já encontrara havia m uito tempo, mas grandes demais para ele; ao passo que as que us ava calçavam- no muito confortavelmente em tempo seco, mas eram d e sola

demasiado fina para a umidade. O sr. Thomas Marvel odiava botas folgadas, mas odiava igualmente a umidade. Nunca ti nha pensado sobre qual delas odiava mais, porém o dia estava ag radável e não havia nada melhor a fazer. Portanto, dispôs as quat ro botas em um grupo gracioso no gramado e contemplou-as. Mas ao v ê-las ali entre a grama e as flores amarelas que a salpicavam , ocorreu-lhe, de repente, que ambos os pares constituíam uma visão e xtremamente feia. Não se assustou nem um pouco com a voz atrás dele. — De qualquer maneira, são botas — disse a voz. — São botas dadas por caridade — disse o sr. Thomas Marvel, com a cabeça inclinada para um lado, contem plando-as com repugnância; — e quero ir para o inferno se sou ber qual delas faz o par mais horrendo de todo este bendito mundo! — Hum... — falou a voz.

— Já usei piores — na verdade fiquei até sem usar nenhuma. Mas não usar nenhuma é tão escandalosament e feio, se me permite a expressão, que tenho andado mendigando — botas em especial — há dias. Porque estava farto delas. C laro, são bastante sólidas. Mas um cavalheiro em suas andança s vê muito as próprias botas. E, acredite o senhor ou não, por ma is que tentasse, não consegui nada nesse bendito condado além DELAS. Olhe para elas! E este é, de um modo geral, um bom condado para botas. Mas a minha sorte é que varia. Há dez anos ou mais que arranjo botas

neste lugar. E agora tratam-me assim.

— É um lugar horrível — disse a voz. — E as pessoas são uns porcos.

— É mesmo! — concordou o sr. Thomas Marvel. — Deus! Mas essas botas! São demais.

Voltou a cabeça para a direita para olhar as botas de seu interlocutor, com a intenção de compará-las e eis q ue, onde deveriam estar as botas dele, não havia pernas nem botas. Voltou a cabeça por cima do ombro esquerdo e ali também não havia pernas nem botas. Foi invadido pelo clarão de um grande espanto. — Onde está você? — perguntou o sr. Thomas Marvel por sobre o ombro, virando-se de quatro. Viu apenas uma extensão de colinas desoladas sob o balanço do vento e moita s distantes de tojo de pontas verdes.

— Estarei bêbado? — perguntou-se o sr. Marvel. — Terei tido visões? Estaria falando sozinho? Que... — Não se assuste — disse uma voz.

— Nada de ventriloquismo comigo — disse o sr. Marve l pondo-se de pé. Onde está você? Assustado, eu! — Não se assuste — repetiu a voz.

— Você é que vai ficar assustado daqui a um minuto, seu idiota — ameaçou o sr. Thomas Marvel. — Onde está? Espere até que o pegue.

— Está enterrado? — insistiu o sr. Thomas Marvel, a pós um intervalo.

Não houve resposta. O sr. Thomas Marvel de pé, sem botas e assombrado, quase tirando o casaco.

— Piu piu — disse um pássaro, muito ao longe. — Ora essa, piu piu! — protestou o sr. Thomas Marve l. — Não é hora de brincadeiras. — A colina estava des erta, a leste, oeste, norte e sul; a estrada, com suas valetas ras as balizadas de branco, seguia inalterada e vazia, para o norte e p ara o sul e, a não ser pelo pássaro, o céu azul também estava vazio. — Deus que me ajude — disse o sr. Thomas Marvel, puxando novament e o casaco para os ombros. — É a bebida! Eu já devia saber. — Não é a bebida — falou a voz. — Controle seus nervos.

— Ui! — gemeu o sr. Marvel e seu rosto ficou lívido nos espaços entre as manchas. — É a bebida — repetiram seus lábios silenciosamente. Continuou a olhar em volta, oscila ndo lentamente para trás. — Podia jurar que ouvi uma voz — sussurrou. — Claro que ouviu.

— Lá está ela outra vez — disse o sr. Marvel fechando os olhos e pondo a mão na testa, em um gesto trágico. Subitamente foi agarrado pelo colarinho e sacudido com força, f icando mais tonto do que nunca. — Não seja estúpido — censurou a voz.

— Eu. . . estou. . . perdendo. . . a. . . maldita. . . cabeça — lamentou-se o sr. Marvel. — Não adianta. Foi por me irritar tanto por causa daquelas botas excomungadas. Estou perden do minha bendita cabeça. Ou são os espíritos.

— Nem uma coisa nem outra — disse a voz. — Escute! — A cabeça — queixou-se o sr. Marvel.

— Um minuto — disse a voz em tom penetrante, trêmula com o esforço de controlar-se.

— Bem? — perguntou o sr. Thomas Marvel, com a estranha sensação de ter sido espetado com força po r um dedo no peito.

— Você acha que sou apenas imaginação? Apenas imaginação?

— Que outra coisa pode ser? — indagou o sr. Thomas Marvel, esfregando a nuca.

— Muito bem — disse a voz, em tom de alívio. — Pois então vou lhe jogar pedras até que pense diferente. — Mas onde está você?

A voz não respondeu. Uma pedra voou, sibilando, aparentemente vinda do ar e não atingiu o sr. Marve l por um fio. Este, voltando-se, viu outra pedra levantar-se, tra çar uma trajetória complicada, deter-se um momento e depois precipitar-se a seus pés, com uma rapidez quase impossível de acompanhar com os olhos.

Estava admirado demais para esquivar-se. E a pedra veio, asso- viando e ricocheteou de um dedo nu para a vala. O s r. Thomas Marvel pulou meio metro e berrou alto. Depois começ ou a correr, tropeçou em um obstáculo oculto e desabou completam ente, caindo sentado.

— Agora — disse a voz, enquanto uma terceira pedra curvou-se para o alto e ficou suspensa no ar, sobre o vagabundo. — Sou imaginário?

Como resposta, o sr. Marvel lutou para pôr-se de pé e foi imediatamente derrubado outra vez. Por um momento, deixou-se ficar, caído e quieto. — Se você resistir mais — fa lou a voz —, jogo a pedra em sua cabeça.

— Essa é boa — replicou o sr. Thomas Marvel sentando- se, pegando o artelho ferido com a mão e fixando o olhar no terceiro míssil. — Não entendo nada. Pedras se atir ando. Pedras falando. Ponha-se no chão. Apodreça. Eu desisto. A terceira pedra caiu.

— É muito simples — disse a voz. — Sou um homem invisível.

— Diga alguma coisa que eu não saiba — protestou o sr. Marvel, ofegando de dor. — Onde se escondeu, como c onsegue isso. .. Eu é que não sei. Estou perdido.

— É só — disse a voz. — Sou invisível. É o que quer o

que entenda.

— Qualquer um pode ver isso. Não precisa ficar tão danado, moço. Falando sério. Dê uma pista. Como está escondido? — Sou invisível. É o que importa. E o que quero que compreenda é isso...

— Mas onde? — interrompeu o sr. Marvel.

— Aqui. A cinco metros de você.

— Ora, vamos! Não sou cego. Daqui a pouco vai me dizer que é apenas ar. Não sou um desses vagabundos ignorantes. — Sim, sou... transparente como o ar. Você está olh ando através de mim.

— Quê! Não tem nenhum recheio? Vox et. . . como é mesmo? Falação. É assim?

— Sou apenas um ser humano: sólido, precisando de comida e bebida, precisando de roupa também. . . Ma s sou invisível. Entende? Invisível. A idéia é simples. Invisível. — Quê, mas de verdade?

— Sim, de verdade.

— Se é real, deixe pôr a mão em você — disse Marvel . — Não será tão esquisito assim, pois. .. Deus! — ex clamou —, como me apavorou! Segurando-me com toda essa força! Tocou com os dedos a mão que se havia fechado em torno de seu pulso, e continuou a tatear timidament e braço acima,

espalmou a mão em um peito musculoso e explorou fac es barbadas. O rosto de Marvel era a imagem do pasmo. — Estou mal! — balbuciou. — Isso é mais excitante d o que qualquer briga de galos! Extraordinário! E esto u vendo agora mesmo um coelho através de você, a um meio quilômet ro! E nada em você é visível. .. exceto.. . Examinou atentamen te o espaço aparentemente vazio. — Você não andou comendo pão c om queijo? — perguntou, segurando o braço invisível. __ Tem toda a razão e ainda não foi totalmente assimilado.

— Ah! — congratulou-se o sr. Marvel. — Mas não deix a de ser meio fantástico.

— Naturalmente, isso não é tão maravilhoso quanto pensa.

— É suficientemente maravilhoso para minhas modesta s necessidades — disse o sr. Thomas Marvel. — Como co nsegue? Que diabo, como é feito?

— É uma longa história. E, além disso...

— Estou lhe dizendo que todo esse negócio quase me derrubou — insistiu o sr. Marvel.

— O que quero dizer, no momento, é o seguinte: prec iso de ajuda. Cheguei a um ponto. .. Vi você de repente . Estava andando a esmo, louco de raiva, nu e sem recursos. Poderia matar.

E vi você...

— Deus! — invocou o sr. Marvel.

— Vim por trás de você. . . hesitei, continuei.. . A expressão do sr. Marvel era eloqüente.

— . . .e depois parei. "Ali está", disse a mim mesm o, "um pária como eu. Esse é o homem de que preciso". Port anto, dei meia-volta e aproximei-me de você... de você. E... — Deus! — repetiu o sr. Marvel. — Mas estou completamente confuso. Posso perguntar. .. Como se sente? E de que pode precisar, em matéria de ajuda? Invisível! — Quero que me ajude a arranjar roupas e abrigo e depois, outras coisas. Há tempo demais que as deixe i. E se não o fizer. . . bem! Mas fará. Tem que fazer.

— Olhe aqui! — disse o sr. Marvel. — Estou abismado . Não me bata mais. E deixe que vá embora. Tenho que me acalmar um pouco. E você quase quebrou meu dedo do pé. É tu do tão sem lógica. Colinas desertas, céu deserto. Nada à vista por muitos quilômetros, a não ser o seio da Natureza. E então vem uma voz. Uma voz vinda do céu! E pedras! E um punho. . . Deus! — Controle-se — disse a voz —, porque tem que cumprir a tarefa que escolhi para você.

O sr. Marvel esvaziou as bochechas e seus olhos fic aram redondos.

— Eu o escolhi — reafirmou a voz. — Você é o único homem, tirando alguns daqueles idiotas lá embaixo, que sabe que existe um homem invisível. Tem que ser meu ajudante . Ajude-me e farei grandes coisas por você. Um homem invisível é um homem que tem poder. — Deteve-se um instante para espirra r violentamente.

— Mas, se me trair — continuou —, se deixar de faze r o que mandar. ..

Fez uma pausa e bateu com força no ombro do sr. Marvel. Ao sentir o toque, o sr. Marvel deu um guin cho de terror. — Não quero trair você — afirmou, procurando afasta r-se do alcance dos dedos. — Pense o que quiser, mas nem pense nisso. Só quero ajudar você, é só dizer o que tenho que fazer . (Deus!) Seja o que for, farei com a maior boa vontade.

A VISITA DO SR. MARVEL A IPING

Depois que a primeira onda de pânico esmoreceu, Ipi ng começou a questionar. O ceticismo subitamente expôs sua cabeça — um ceticismo um tanto nervoso, sem a menor confia nça em sua retaguarda mas, ainda assim, ceticismo. Era muito m ais fácil não

acreditar em um homem invisível; e aqueles que o ha viam efetivamente visto dissolver-se no ar, ou sentido a força de seu braço, podiam ser contados pelos dedos das mãos. E, entre essas testemunhas, o sr, Wadgers estava ausente, tendo-se isolado inacessivelmente por trás dos trincos e trancas da própria casa e Jaffers continuava a jazer, atordoado, no salão da "Coach and Horses". Idéias grandiosas e estranhas que, muitas vezes, transcendem à experiência, afetam menos a homens e mulheres do que considerações menores, porém mais tangíveis. Ip ing tinha um aspecto alegre, cheia de bandeiras e todos vestiam roupas de gala. A primeira segunda-feira após o domingo da Páscoa tin ha sido ansiosamente esperada por mais de um mês. Ao chegar a tarde, mesmo os que acreditavam no Invisível estavam começ ando a reassumir seus divertimentos simples, ainda meio he sitantes, na suposição de que, de fato, se fora; e, para os desc rentes, ele já se tornara um gracejo. Porém as pessoas, fossem elas c éticas ou crentes, mostravam-se extremamente sociáveis durante todo aquele dia.

Uma tenda dava à alameda de Haysman uma aparência festiva e nela a sra. Bunting e outras senhoras est avam fazendo chá enquanto, do lado de fora, as crianças da escola pa roquial apostavam corridas e faziam brincadeiras, sob a bar ulhenta tutela do pastor e das senhoritas Cuss e Sackbut. Sem dúvi da, pairava

ainda um leve mal-estar, mas a maioria dos presente s dava provas de bom senso suficiente para ocultar qualquer recei o que experimentassem em suas imaginações. No gramado da aldeia, grandemente apreciada pelos adolescentes, havia uma corda inclinada, pela qual se podia descer agarrado a uma roldana movida por uma manivela, que podia atirar qualquer um viol entamente contra o saco que ficava na outra extremidade. Havi a balanços, arremesso aos cocos e passeios, e o órgão de foles, amarrado aos balanços, enchia o ar com um cheiro penetrante de ó leo e música igualmente penetrante. Os membros do clube, que tin ham ido à igreja de manhã, estavam esplêndidos com seus emble mas rosa e verde e alguns dos mais animados tinham enfeitado t ambém os chapéus com tiras de cores brilhantes. O velho Flet cher, cujas idéias sobre festas eram severas, podia ser visto à sua janela através dos jasmineiros, ou pela porta aberta (onde quer qu e se preferisse olhar) equilibrando-se precariamente sobre uma pran cha apoiada em duas cadeiras, caiando o

teto da sala da frente. Por volta das quatro horas, um estranho chegou à al deia, vindo das colinas. Era um sujeito baixo, gordo, usa va um chapéu alto incrivelmente sujo e parecia estar quase sem f ôlego. Suas bochechas eram alternadamente flácidas ou estofadas ao máximo. O rosto avermelhado parecia apreensivo e movia-se c om uma espécie de vivacidade relutante. Dobrou a esquina j unto à igreja e

tomou o caminho da "Coach and Horses". O velho Flet cher, entre outros, lembrava-se de tê-lo visto e, na verdade, o velho senhor ficou tão perturbado com aquela agitação estranha que, sem querer, deixou que uma quantidade de cal escorresse pela br oxa e penetrasse na manga do casaco enquanto olhava para ele. Esse estranho, no entender do proprietário do jogo de cocos, parecia estar falando sozinho e o sr. Huxter observou a mesma coisa. Parou ao pé dos degraus da "Coach and Horses" e, segundo o sr. Huxter, pareceu travar uma violenta l uta interior, antes de convencer-se a entrar na casa. Subiu finalmente os degraus e o sr. Huxter viu-o tomar à esquerda e abrir a por ta da sala. Vozes de dentro da sala e do bar advertiram o homem do er ro que ia cometendo. — Essa sala é particular! — disse Hall e o estranho fechou desajeitadamente a porta e foi para o bar. Em poucos minutos reapareceu, enxugando os lábios com as costas da mão e um ar de tranqüila satisfaçã o que, de alguma forma, deu ao sr. Huxter a impressão de ser falsa. Por uns poucos instantes ficou parado, olhando os arredores e depois o sr. Huxter viu-o andar de um modo estranhamente furtivo em direção aos portões do pátio, sobre o qual se abria a janel a da sala. Após alguma hesitação, o estranho encostou-se em um dos marcos do portão, tirou do bolso um cachimbo curto de argila e preparou-se para enchê-lo. Seus dedos tremiam. Acendeu-o, canhestro, e pôs-se

a fumar com uma atitude displicente, que os rápidos olhares que lançava ao pátio desmentiam inteiramente.

O sr. Huxter viu tudo isso por cima das latas de fu mo da vitrine e o comportamento singular do homem levou-o a manter sua observação.

Um pouco mais tarde o estranho endireitou bruscamen te o corpo e pôs o cachimbo no bolso. Depois desaparec eu no pátio. Sem hesitar, imaginando que estava sendo testemunha de algum furto, o sr. Huxter

contornou o balcão e correu par a a rua, a fim de interceptar o ladrão. Ao fazê-lo, viu que o sr. Mar vel reaparecia, o chapéu torto, uma trouxa grande de xadrez azul em u ma das mãos e na outra três livros, amarrados com o que se soub e mais tarde serem os suspensórios do vigário. Quando viu Huxter , ofegou, e voltando-se rapidamente para a esquerda, começou a correr. — Pega ladrão! — gritou Huxter e começou a persegui - lo. As sensações do sr. Huxter foram nítidas, porém de curta duração. Avistou o homem um pouco à frente dele, ac elerando os passos na direção da esquina da igreja e da estrada da colina. Viu as bandeirolas da aldeia e um ou dois rostos voltados para ele. Berrou de novo — Pega! — Mal tinha dado umas dez passadas quando sentiu a canela presa de alguma forma misteriosa e já não estava correndo, mas voando pelos ares com uma rapidez inc rível. Percebeu que, de repente, o chão se aproximava de s eu rosto. O

mundo pareceu fragmentar-se em um milhão de partícu las rodopiantes de luz e os acontecimentos subseqüentes deixaram de interessá-lo.

NA "COACH AND HORSES"

Bem, mas para compreender com clareza o que tinha acontecido na estalagem, é necessário voltar ao momento em que o sr. Marvel foi visto da janela do sr. Huxter, pela primeira vez. Naquele exato momento, o sr. Cuss e o sr. Bunting a chavam-se na sala. Com a maior seriedade, investigavam as bizarr as ocorrências da manhã e estavam, com a permissão do sr. Hall, fa zendo um exame minucioso dos pertences do Homem Invisível. J affers, parcialmente recuperado da queda que levara, tinha ido para casa em companhia de seus solícitos amigos. As roupas es palhadas do hóspede tinham sido guardadas pela sra. Hall e a sa la fora arrumada. E, sobre a mesa, junto à janela, onde o e stranho costumava trabalhar, Cuss descobriu, quase instanta neamente, os três livros grossos, manuscritos, intitulados "Diário". — Um diário! — exclamou Cuss, enfileirando os três livros sobre a mesa. — Agora, ao menos, vamos saber de alguma

coisa. — O pastor estava de pé, com as mãos em cima da mesa. — Um diário — repetiu Cuss, sentando-se, ajeitando dois volumes para apoiar o

terceiro e abrindo-o. — Hum. . . Não há nome na primeira página. Que transtorno! É um códig o. E há números.

O vigário aproximou-se para olhar por cima do ombro dele. Cuss virou as páginas, o rosto subitamente de sapontado. — Eu. . . Deus! Está tudo em código, Bunting.

— Não há diagramas? — perguntou o sr. Bunting. — Nenhuma ilustração que esclareça. ..

— Veja você mesmo — disse o sr. Cuss. — Parte é matemática, parte em russo ou alguma língua semelha nte (a julgar pelos caracteres), e parte em grego. Quanto ao greg o, pensei que você. . .

— Claro — disse o sr. Bunting, tirando e limpando o s óculos e sentindo-se subitamente muito pouco à vont ade — pois o que restava de grego em sua cabeça nem valia a pena mencionar; — sim, o grego, naturalmente, pode dar uma pista. — Vou arranjar um lugar para você.

— Preferia folhear os volumes primeiro — disse o sr . Bunting, ainda limpando os óculos. — Antes de mais nada', uma impressão geral, Cuss, e depois, compreende, podemo s procurar pistas.

Tossiu, pôs os óculos, ajustou-os cuidadosamente, t ossiu de novo e desejou que acontecesse alguma coisa para impedir o que poderia ser uma desmoralização inevitável. E então, alguma coisa realmente aconteceu.

A porta abriu-se de repente.

Os dois cavalheiros sobressaltaram-se violentamente , olharam e tiveram o alívio de ver um rosto, de um r osado desigual, sob o chapéu de seda felpuda. — Cerveja? — pergunto u o rosto e ficou imóvel, olhando-os fixamente.

— Não — disseram os dois cavalheiros ao mesmo tempo.

— Do outro lado, homem — acrescentou o sr. Bunting. — Por favor, feche a porta — recomendou o sr. Cuss, em tom irritado.

— Certo — disse o intruso, em uma voz que parecia baixa, curiosamente diferente do espalhafato da primeira indagação. — Têm razão —

continuou o estranho no tom inicial. — Atenção, afastar-se! — e desapareceu, fechando a porta. .— Um marinheiro, imagino — comentou o sr. Bunting. — São uns sujeitos divertidos. Ora, "Atenção, afast ar-se!" Um termo náutico, referindo-se ao fato de ter-se retir ado da sala, suponho.

— Acredito que sim — concordou Cuss. — Meus nervos

estão descontrolados hoje. A porta se abrindo assim . . . Realmente fez-me pular.

O sr. Bunting sorriu, como se ele próprio não tives se pulado também. — E agora — disse, com um suspiro — vamos aos livros.

— Um minuto — pediu Cuss e foi fechar a porta. — Assim acho que estamos a salvo de interrupções. Alguém espirrou, quando ele disse isso.

— Uma coisa é incontestável — falou Bunting, puxand o uma cadeira para junto da de Cuss. — De fato, neste s últimos dias, aconteceram coisas muito estranhas. Naturalmente, n ão posso acreditar nessa história absurda de invisibilidade.. . — É inacreditável — concordou Cuss —, inacreditável . Mas permanece o fato de que vi.. . na verdade vi a manga vazia até embaixo.

— Mas você viu... tem certeza? Suponhamos que havia um espelho, por exemplo... É tão fácil criar alucin ações. Não sei se já viu um ilusionista realmente bom...

— Não vou discutir de novo — objetou Cuss. — Já debatemos isso exaustivamente, Bunting. E, no momen to, há esses livros Ah! Aqui está algo que acho que é grego! Os caracteres decerto são gregos.

Apontou para o meio da página. O sr. Bunting corou de

leve e aproximou o rosto, parecendo estar em dificu ldades com os óculos. De repente, apercebeu-se de uma sensação es quisita em sua nuca. Tentou levantar a cabeça mas encontrou uma di ficuldade irremovível. A impressão era de que havia uma força inexplicável, como a de uma mão pesada e firme que baixava seu qu eixo, irresistivelmente, para a mesa. "Não se mexam, home nzinhos", sussurrou uma voz, "ou estouro os

miolos dos dois!" Olhou para o rosto de Cuss, bem junto ao dele e cada um viu no o utro um horrível reflexo do próprio pasmo acovardado. — Lamento ter que ser brutal com os senhores — disse a Voz — mas é inevitável. Desde quando aprenderam a v iolar as anotações particulares de um pesquisador? — insisti u a Voz; e os dois queixos bateram na mesa ao mesmo tempo e duas dentaduras rangeram.

— Desde quando aprenderam a invadir os aposentos particulares de um homem em apuros? — e o choque fo i repetido. — E onde puseram minhas roupas?

— Ouçam — falou a Voz. — As janelas estão trancadas e tirei a chave da porta. Sou um homem bastante for te e estou com o atiçador à mão, além de ser invisível. Não há a m ínima dúvida de que posso matar os dois e sair com toda a facilidad e, se quiser, compreendem? Muito bem. Se soltá-los, prometem não tentar nenhuma tolice e fazer o que lhes mandar?

O pastor e o médico entreolharam-se e a expressão d este mudou. — Sim — concordou o sr. Bunting e o médico r epetiu o mesmo. Então a pressão em seus pescoços relaxou e o médico e o pároco esticaram-se, ambos muito vermelhos e contor cendo as cabeças.

— Por favor, mantenham-se sentados no mesmo lugar — disse o Homem Invisível. — Aqui está o atiçador, como vêem. — Quando entrei nesta sala — prosseguiu o Homem Invisível, depois de tocar com o atiçador a ponta d o nariz de cada um de seus visitantes —, não esperava encontrá-la o cupada e queria, além de meus livros de anotações, uma muda de roupa. Onde está? Não, não se levantem. Já vi que não está aqui. Nesse exato momento, embora os dias sejam bastante quente s para que um homem invisível passa andar por aí pelado, as no ites são frias. Quero roupas. . . e mais algumas coisas; e também p reciso desses três livros.

O HOMEM INVISÍVEL PERDE A PACIÊNCIA

Neste ponto, torna-se impossível deixar de interrom per outra vez a narrativa, por uma certa razão muito pe nosa que não tardará a se tornar evidente. Enquanto os fatos ant eriores aconteciam na sala e enquanto o sr. Huxter estava o bservando o sr.

Marvel que fumava o cachimbo encostado ao portão, o sr. Hall e Teddy Henfrey, a menos de uma dúzia de metros de di stância, discutiam, em um estado de nebulosa confusão, o tóp ico corrente em Iping.

Subitamente ouviu-se uma pancada violenta contra a porta da sala, um grito agudo e depois, silêncio. — Opa! — exclamou Teddy Henfrey.

— Opa! — repetiram do bar.

O sr. Hall compreendia as coisas lentamente, mas co m segurança. — Isso não está certo — disse, e saiu de trás do bar encaminhando-se para a porta da sala.

Ele e Teddy aproximaram-se da porta ao mesmo tempo, com uma expressão decidida e olhos atentos. — Algum a coisa está errada — disse Hall, e Henfrey acenou, concordando. Baforadas de um desagradável odor químico vieram ao encontro del es e ouviram o som abafado de uma conversa muito rápida, em voz baixa. — Tudo bem aí? — perguntou Hall, batendo.

A conversa murmurada cessou bruscamente, houve um momento de silêncio e depois continuou em sussurros sibilantes seguidos de um grito agudo, protestando "Não! Não, não faça isso!" Ouviu-se um movimento súbito, o ruído de uma cadeira virada e de uma breve luta. E fez-se silêncio, novamente. — Que diabo? — exclamou Henfrey, sotto você.

— Tudo bem aí? — perguntou outra vez o sr. Hall rispidamente.

A voz do vigário respondeu, com uma entonação curiosamente entrecortada: — Muito bem. Por favor, não interrompam.

— Esquisito! — disse o sr. Henfrey.

— Esquisito! — ecoou o sr. Hall.

— Diz para não interromper — falou Henfrey.

— Eu ouvi — concordou Hall.

— E um espirro — acrescentou Henfrey.

Ficaram à escuta. A conversa era rápida e surda. — Não posso! — protestou o sr. Bunting, elevando a voz. — Estou lhe dizendo, senhor, não o farei.

— Que foi isso? — indagou Henfrey.

— Disse que não ia fazer — respondeu Hall. — Não estava falando conosco, estava?

— É uma vergonha — disse o sr. Bunting, na sala. — "Uma vergonha" — repetiu o sr. Henfrey. — Ouvi claramente.

— Quem está falando agora? — perguntou Henfrey. — O sr. Cuss, suponho — respondeu Hall. — Está ouvindo alguma coisa?

Silêncio. Os sons que vinham da sala eram indistint os e

enigmáticos.

— Parece que estão sacudindo a toalha da mesa. A sra. Hall apareceu por trás do bar. Hall fez gest os para que ficasse quieta e chamou-a.

Isso despertou o antagonismo feminino da sra. Hall. — Por que está aí escutando, Hall? — perguntou. — Não tem mais nada que fazer em um dia atarefado como este? Hall tentou explicar tudo por caretas e mímica, mas a sra. Hall obstinou-se. Ergueu a voz. Por isso, Hall e He nfrey, um tanto passados, voltaram para o bar na ponta dos pés, ges ticulando para se fazerem entender.

A princípio, ela recusou-se a ver alguma coisa de a normal no que tinham ouvido. Depois insistiu para que Hall ficasse calado, enquanto Henfrey lhe contava sua história. Sentia-s e inclinada a considerar tudo aquilo uma bobagem — talvez estives sem apenas arrastando os móveis. — Eu o ouvi dizer "É uma verg onha"; isso eu ouvi — afirmou o sr. Hall.

— Também ouvi, sra. Hall — disse Henfrey.

— É possível. . . — começou a sra. Hall.

— Psiu! — disse o sr. Teddy Henfrey. — Será que foi a janela?

— Que janela? — perguntou a sra. Hall.

— A janela da sala — respondeu Henfrey.

Todos se calaram, escutando atentamente. Os olhos d a sra. Hall fixos bem em frente viram, sem registrar, o retângulo claro emoldurado pela porta da estalagem, a estrada branc a e bem delineada e a frente da loja de Huxter brilhando ao sol de junho. De repente, a porta de Huxter abriu-se e este apareceu, os olhos cheios de excitação, gesticulando com os braços. — Ali! — gritou — Pega ladrão! — e passou obliquamente pela porta, correnD o para o portão do pátio e desaparecendo.

Simultaneamente ouviu-se um tumulto na sala e o som de janelas que se fechavam.

Hall, Henfrey e todos os ocupantes humanos do bar precipitaram-se para a rua, na maior confusão. Vira m alguém dobrar a esquina que dava para a estrada nas colina s, e o sr. Huxter executando um complicado salto no ar e caindo de ca ra e de ombros. Pela rua, as pessoas tinham se detido, pasm as, ou corriam para ele.

O sr. Huxter estava atordoado. Henfrey ainda parou para constatar tal fato, mas Hall e dois empregados do b ar continuaram sem hesitação até a esquina, gritando palavras incoerentes e viram o sr. Marvel desaparecer ladeando o canto do muro da igreja. Ao que parecia, tinham chegado à bizarra conclusão de que aquele era o Homem Invisível tornado visível de repente e logo haviam decidido persegui-lo, correndo pelo caminho. Mas Hall, que m al correra uns

doze metros, deu um berro de espanto e foi atirado para o lado, voando de cabeça, agarrado a um dos empregados e de rrubando-o com ele. Fora atacado como se ataca um homem jogand o futebol. O segundo empregado aproximou-se, descrevendo um cí rculo, olhou e, achando que Hall tinha caído sozinho, volt ou-se para continuar a perseguição; isso apenas para levar um calço na canela, da mesma forma que Huxter fora calçado. Então, quan do o primeiro empregado procurava pôr-se de pé, foi atin gido de lado por um golpe que poderia abater um boi.

Quando caiu, os que vinham correndo da praça da ald eia também dobraram a esquina. O primeiro a aparecer fo i o proprietário da barraca de tiro aos cocos, um homem atarracado, vestindo uma camisa de malha azul, que ficou espant ado ao ver os três homens absurdamente estatelados no chão. E ent ão, alguma coisa aconteceu com o pé que ficara atrás em sua pa ssada e caiu de cabeça, rolando para o lado bem a tempo de atingir os pés de seu irmão e sócio que o seguia de perto. Os dois homens foram chutados, pisoteados, tropeçados e xingados por um número considerável de pessoas superapressadas.

Quando Hall, Henfrey e os empregados precipitaram-s e para fora de casa, a sra. Hall, que havia aprendido com anos de experiência, permaneceu no bar, junto à caixa. E a porta da sala abriu-se repentinamente, o sr. Cuss apareceu e, sem olhar para ela,

desceu depressa os degraus e correu para a esquina. — Segurem- no! — gritou. — Não deixem que jogue o embrulho no chão! Só podem vê-lo enquanto estiver carregando o embrulho. — Não sabia da existência de Marvel, pois o Homem Invisív el tinha entregue os livros e o embrulho a este já no pátio. O sr. Cuss parecia zangado e resoluto, mas sua roupa era insuf iciente, uma espécie de saiote bambo que só poderia ser admitido na Grécia. — Segurem-no! — berrava. — Está com minhas calças! E toda a roupa do pastor!

— Cuido dele daqui a pouco! — gritou para Henfrey a o passar por Huxter que continuava caído, e voltando à esquina para juntar-se ao tumulto, foi prontamente derrubado em uma queda indecorosa. Alguém, em plena corrida, pisou com for ça em seus dedos. Ele gemeu, lutou para ficar novamente de pé, foi derrubado outra vez e atirado de quatro, quando tomou consciê ncia de que não estava tomando parte em uma captura, mas em uma debandada. Todos estavam voltando à aldeia. Levanto u-se de novo e foi atingido com força atrás da orelha. Cambalean te, dirigiu-se de volta à "Coach and Horses", pulando por cima do aba ndonado Huxter que tinha conseguido sentar-se.

Quando já havia subido a metade dos degraus da estalagem, ouviu, às suas costas, um repentino urro de raiva, que se destacou nitidamente, em meio à confusão de gritos e uma sonora

bofetada no rosto de alguém. Reconheceu a voz como a do Homem Invisível e o tom era o de um homem inopinada mente enfurecido por um golpe doloroso.

No momento seguinte, o sr. Cuss estava de volta à s ala. — Ele vem vindo, Bunting! — exclamou, entrando. — P roteja-se! Ele enlouqueceu!

O sr. Bunting estava junto à janela, ocupado em uma tentativa de vestir-se com o tapete da lareira e um número da West Surrey Gazette. — Quem está vindo? — perguntou, tão assustado que sua roupagem escapou por pouco da desintegração. — O Homem Invisível — respondeu Cuss e correu para a janela. — É melhor sairmos daqui! Ele está louco de raiva! Louco! No mesmo instante já estava de fora, no pátio. — Deus do céu! — lamentou-se o sr. Bunting, hesitan do entre duas alternativas horríveis. Ouviu uma luta t errível no corredor da estalagem e tomou uma decisão. Pulou a janela, arrumou a roupa apressadamente e fugiu aldeia acima , tão depressa quanto as pequenas pernas gordas lhe permitiam. A partir do momento em que o Homem Invisível gritar a de raiva e o sr. Bunting executara a fuga memorável , tornou-se impossível fazer um relato coerente dos acontecimen tos em Iping. Provavelmente, a intenção inicial do Homem Invisíve l tinha sido apenas proteger a fuga de Marvel com as roupas e os livros. Mas

sua paciência, que já naquela ocasião não era muita , havia se desintegrado completamente diante de um golpe casua l e, daí por diante, pôs-se a bater e derrubar, pelo mero prazer de ferir. Imagine-se a rua, cheia de gente que corria, de por tas que batiam e de brigas por lugares seguros. Deve-se ima ginar o tumulto atingindo o equilíbrio precário da tábua do velho F letcher e de suas duas cadeiras, com resultados catastróficos. Deve-s e imaginar um casal desprevenido apanhado de surpresa em um turbilhão. E então todo o tumulto passou e as ruas de Iping, com seus enfeites e bandeiras, ficaram desertas, a não ser pelo Desconh ecido ainda furioso, e juncadas de cocos, telas de lona derruba das e o estoque completo de uma barraca de gulodices espalhado pelo chão. Por toda parte, ouvia-se o som de janelas fechando-se e de trancas sendo colocadas, e o único sinal visível de um ser humano era, ocasionalmente, um olhar furtivo sob uma sobrancelh a erguida, no canto do painel de uma janela.

O Homem Invisível ainda se divertiu um pouco quebrando todas as janelas da "Coach and Horses" e depois enfiou uma lâmpada da rua pela janela da sala da sra. Grib ble. Também devia ter sido ele quem tinha cortado os fios do te légrafo para Adderdean, um pouco além do chalé de Higgins, na es trada de Adderdean. E, depois de tudo isso, como suas caract erísticas especiais lhe permitiam, ficou fora do alcance da percepção humana

e não foi mais visto, ouvido nem pressentido em Ipi ng. Desapareceu completamente.

Mas passaram-se quase duas horas antes que qualquer ser humano se aventurasse a sair de novo para a desolaç ão da Iping Street.

O SR. MARVEL TENTA PEDIR

DEMISSÃO

Quando a noite começou a cair e Iping estava apenas começando a olhar timidamente para fora contempland o os destroços inúteis de seu feriado, um homem baixo e atarracado, com um velho chapéu sedoso, caminhava penosamente n o crepúsculo pela estrada de Bramblehurst, por trás d o renque de faias. Levava três livros amarrados por uma espécie de tira elástica estampada e uma trouxa embrulhada em uma toalha de mesa azul. Seu rosto vermelho demonstrava medo e cansaço; pare cia tomado de uma pressa espasmódica. Acompanhava-o uma voz qu e não era a sua e a todo momento estremecia ao toque de mãos invisíveis. — Se você fugir outra vez — disse a Voz —, se tenta r fugir outra vez. ..

— Deus! — implorou o sr. Marvel. — Esse ombro já está todo machucado.

— ... palavra de honra — continuou a Voz —, eu o mato.

— Não tentei fugir — retrucou Marvel, com uma voz que não estava muito longe das lágrimas — juro que não. Não vi a maldita curva. Que diabo! Como ia saber que havia a quela maldita curva? E assim mesmo levei tantos encontrões... — E vai levar muitos mais se não prestar

atenção — ameaçou a Voz e o sr. Marvel calou-se bruscamente. Bufou, e em seus olhos havia um eloqüente desespero.

— Já foi um desastre expor meu segredo a esses labr egos estúpidos, sem que você, ainda por cima, tentasse s e mandar com meus livros. Por sorte alguns desistiram e correram naquela hora! Aqui estou eu.. . Ninguém sabia que era invisível! E agora, que vou fazer?

— E eu, o que vou fazer? — perguntou o sr. Marvel, baixinho.

— A história se espalhou. Vai sair nos jornais! Tod os procurarão por mim; todos estarão prevenidos... — A Voz explodiu em xingamentos furiosos e depois calou-se. A expressão de desespero do sr. Marvel acentuou-se e arrastou os passos.

— Ande! — ordenou a Voz.

O rosto do sr. Marvel assumiu um tom acinzentado en tre as placas mais vermelhas.

— Não deixe esses livros caírem, idiota! — disse a Voz rudemente, aproximando-se. — O fato é que vou ter que usar você. É um instrumento inadequado, mas preciso dele. — Sou um péssimo instrumento — disse o sr. Marvel. — É mesmo — concordou a Voz.

— Sou o pior instrumento que poderia arranjar — lamentou-se Marvel. — Não sou forte — acrescentou, após um silêncio desanimador. — Não sou muito forte — repetiu. — Não?

— E meu coração é fraco. Todo aquele negócio. . . consegui, naturalmente, mas, por Deus, podia ter morrido. — E daí?

— Não tenho coragem ou forças para o tipo de coisas que quer.

— Eu o estimulo.

TA

— Prefiro que não. Sabe que não gostaria de estraga r seus planos. Mas poderia, por puro medo e aflição. — Melhor que não — disse a Voz, em

tom baixo e ameaçador.

— Queria estar morto — lamuriou-se Marvel. — Não é justo — prosseguiu. — Há de concordar. Acho que ten ho todo o direito .. .

— Vá andando! — ordenou a Voz.

O sr. Marvel apressou o passo e, durante algum temp o, seguiram em silêncio.

— É duro como o diabo — falou novamente o sr. Marvel. Isso não teve o menor efeito. Tentou outro argumento. — Que ganho com isso? — começou de novo, em um tom de quem se sentia insuportavelmente prejudicado. — Oh! Cale-se! — exclamou a Voz com uma ênfase repentina e surpreendente. — Pode estar certo de qu e cuidarei de você. Faça o que mando. Faça tudo certo. É um idiot a e o mais, porém vai fazer. . .

— Estou lhe dizendo, senhor, não sou capaz.

Respeitosamente, mas essa é a verdade.

— Se não se calar, vou torcer seu pulso outra vez — disse o Homem Invisível. — Quero pensar.

Depois de algum tempo, puderam ver entre as árvores dois retângulos de luz amarela, e a torre quadrada de uma igreja avultou no entardecer. — Ficarei com a mão em seu o mbro de um lado a outro da aldeia — disse a Voz. — Atravesse-a direto e não tente nenhuma bobagem. Se tentar, será pior para você.

— Sei disso — suspirou o sr. Marvel. — Sei de tudo isso. A criatura de aspecto infeliz, com um chapéu de seda fora de moda, percorreu a rua da pequena aldeia de um la do a outro e desapareceu na escuridão crescente, fora do alcance das luzes das janelas.

EM PORT STOWE

Às dez horas da manhã seguinte, encontraram o sr. Marvel sentado no banco do lado de fora de uma pequ ena estalagem nos arredores de Port

Stowe, barbado, suj o e amarfanhado pela viagem, os livros a seu lado e as mãos enterradas nos bolsos, parecendo muito cansado, nervoso e pouc o à vontade, e bufando a todo momento. Os livros junto a ele já estavam amarrados com um barbante. A trouxa fora abandonada no bosque de pinheiros depois de Bramblehurst, de acordo com uma mudança nos planos do Homem Invisível. O sr. Marvel permane cia sentado e, embora ninguém lhe prestasse a mínima atenção, s ua inquietude continuava febril. As mãos entravam e saíam sem ces sar dos vários bolsos em um tatear curiosamente agitado.

Quando já estava ali havia quase uma hora, um velho marinheiro saiu da estalagem trazendo um jornal e s entou-se ao lado dele, dizendo: — Que dia agradável!

O sr. Marvel relanceou para as cercanias e responde u,

com algo muito semelhante ao terror. — Muito. — Um tempo bem ameno para esta época do ano — disse o marinheiro em um tom que não admitia contestação. — É verdade — concordou o sr. Marvel.

O marinheiro sacou de um palito e (ocultando o olha r), ocupou-se com ele durante alguns minutos. Enquanto isso, seus olhos ficaram à vontade para examinar o aspecto empoeirado do sr. Marvel e os livros ao lado dele. Quando se aproxima ra deste, tinha um som como o tilintar de moedas postas em um bolso . O contraste entre o aspecto do sr. Marvel e aquela su gestão de opulência havia lhe despertado a curiosidade. Mas d epois, seus pensamentos voltaram-se novamente para um tópico qu e tinha se apossado de sua imaginação.

— Livros? — perguntou de repente, terminando de manejar o palito com um ruído considerável.

O sr. Marvel sobressaltou-se e olhou-se. — Ah, sim — respondeu. — Sim, são livros.

— Há muitas coisas extraordinárias nos livros — comentou o marinheiro.

— Acredito — assentiu o sr. Marvel.

— E muitas coisas extraordinárias fora dele — disse o marinheiro.

— Isso também é verdade — concordou o sr. Marvel.

Olhou para seu interlocutor e depois relanceou em torno. — Há algumas coisas extraordinárias nos jornais, po r exemplo — continuou o marinheiro.

— Há.

— Neste jornal — insistiu o marinheiro.

— Ah! — disse o sr. Marvel.

— Há uma história — disse o marinheiro, fixando o s r. Marvel com um olhar firme e decidido — há uma histó ria sobre um Homem Invisível, por exemplo.

O sr. Marvel contorceu a boca, cocou o rosto e sent iu que suas orelhas ardiam. — Que mais serão capazes d e escrever depois dessa? — perguntou com voz fraca. — Na Áustr ia ou na América?

— Nada disso — respondeu o marinheiro. — Aqui! — Deus! — exclamou o sr. Marvel, estremecendo. — Quando digo aqui — prosseguiu o marinheiro para enorme alívio do sr. Marvel — naturalmente não me r efiro aqui, a este lugar; quero dizer nos arredores.

— Um Homem Invisível! — falou o sr. Marvel. — E o que andou fazendo?

— Tudo — respondeu o marinheiro, observando o sr. Marvel e depois ampliando a notícia: — Todas as diabruras. — Há quatro dias que não vejo um jornal — explicou

Marvel.

— Começou em Iping — disse o marinheiro.

— Verdade? — exclamou o sr. Marvel.

— Começou lá. E parece que ninguém sabe de onde veio. Aqui está: "História Misteriosa em Iping". E o jornal diz que as provas são extraordinariamente positivas. Extraordinariamente. — Deus! — repetiu

mais uma vez o sr. Marvel. — Mas, afinal, é uma história extraordinária: as testemunhas são um homem do clero e um cavalheiro m édico — viram-no decerto e muito bem — ou, isto é, não o vi ram. Diz aqui que estava hospedado na "Coach and Horses", e que n inguém percebeu o problema dele, é o que diz, não perceberam o problema dele até que, em uma briga na estalagem, arrancaram as faixas da cabeça dele. Então observaram que a cabeça dele era invisível. Imediatamente fizeram tentativas para agarrar o homem, porém ele, tirando a roupa, diz o jornal, conseguiu fugir, mas só depois de uma luta desesperada, durante a qual feriu seriamente, diz aqui, nosso digno e capaz policial, o sr. J.A. Jaffers. Bem cla ra a história, não acha? Nomes e tudo.

— Deus! — invocou mais uma vez o sr. Marvel, olhand o nervosamente em volta e tentando contar o dinheiro em seu bolso unicamente pelo tato, tomado de uma idéia estranha e nova. — Parece espantoso.

— Não é? Extraordinário, é o que penso. Nunca ouvi falar em Homem Invisível, nunca, mas hoje em dia ou ve-se uma quantidade de coisas extraordinárias... que. . . — Foi só isso o que ele fez? — indagou o sr. Marvel , tentando mostrar-se relaxado.

— Foi o bastante, não acha? — disse o marinheiro. — E por acaso não voltou? — perguntou Marvel. — Fugiu e tudo acabou, hein?

— Tudo. Mas por quê? Não acha o bastante?

— Mais do que bastante.

— Considero que foi o bastante — disse o marinheiro . — Considero que foi o bastante.

— Ele não tinha amigos — o jornal não diz se tinha amigos, diz? — perguntou, ansioso, o sr. Marvel. — Uma única pessoa assim não chega para você? — perguntou o marinheiro. — Não, graças a Deus, como se diz, não tinha.

Balançou a cabeça lentamente. — A simples idéia des se sujeito andando pelos campos, faz com que me sinta mal. No momento está solto e, de acordo com certos indícios , acredita-se que tenha seguido — que seguiu, acho que é o que querem dizer — pela estrada de Port Stowe. Está vendo

que estamos bem no caminho! Desta vez, não é nenhum daqueles fenômenos

americanos. E pense só nas coisas que poderia fazer ! Imagine se resolvesse dar um pulo até aqui e cismasse com você ? Suponhamos que queira roubar — quem pode impedi-lo? Pode invad ir domicílios, pode assaltar, pode atravessar um cordão de polícia com tanta facilidade quanto eu ou você poderíamos nos l ivrar de um cego! Com mais facilidade! Pois esses sujeitos cegos, dizem, têm um ouvido muitíssimo apurado. E, em qualquer lugar que houvesse bebida que lhe agradasse. . .

— Realmente ele leva uma tremenda vantagem — disse o sr. Marvel. — E, bem. ..

— Está certo — concordou o marinheiro. — Leva. O sr. Marvel estivera o tempo todo observando atentamente os arredores, procurando escutar passos leves, tentando detectar movimentos imperceptíveis. Pareci a a ponto de tomar uma decisão muito importante. Tossiu, protege ndo a boca com a mão.

Olhou novamente ao seu redor, ouviu, inclinou-se pa ra o marinheiro e baixou a voz. — A verdade é que. . . A contece que sei. por fontes particulares, uma ou duas coisas a respeito desse Homem Invisível.

— Oh! — exclamou o marinheiro, interessado. — Você? — Sim — retrucou o sr. Marvel. — Eu.

— É verdade? — perguntou o marinheiro. — E posso

saber .. .

— O senhor ficará pasmo — disse o sr. Marvel por tr ás da mão. — É tremendo.

— Realmente?

— O fato é — começou o sr. Marvel ansiosamente, em voz discreta e confidencial. De repente sua express ão modificou-se totalmente. — Ui! — gritou. Levantou-se do banco, m uito tenso. Seu rosto demonstrava com eloqüência um grande sofr imento físico. — Uau! — gemeu.

— Que aconteceu? — quis saber o marinheiro, preocupado.

— Dor de dentes — respondeu o sr. Marvel, e levou a mão à orelha. Apanhando os livros, disse: — Acho qu e tenho que ir andando. Escorregou estranhamente pelo banco, af astando-se de seu interlocutor. — Mas estava a ponto de me falar sobre o tal Homem Invisível! — protestou o marujo. O sr. Marvel pareceu consultar seus botões. — É fraude — disse uma voz. — É fraude — repetiu o sr. Marvel.

— Mas está nos jornais — disse o marinheiro. — Mas não deixa de ser fraude — reafirmou o sr. Marvel.

— Conheço o sujeito que espalhou o boato. Não há nenhum Homem Invisível. . . Que diabo!

— E este jornal? Quer dizer que. . .

— Nem uma palavra — concluiu Marvel com firmeza. O marinheiro arregalou os olhos, o jornal na mão. O sr. Marvel virou-lhe as costas, em pequenos movimentos espasmódicos. -— Espere um pouco — disse o marujo levantando- se e falando lentamente. — Quer dizer. . .?

— É isso mesmo — respondeu o sr. Marvel.

— Então por que me deixou falar e lhe contar toda e ssa maldita história? Por que razão deixa um homem pass ar por idiota dessa maneira? Hein?

O sr. Marvel bufou. O marinheiro, de repente, ficou muito vermelho; cerrou os punhos. — Estive falando nestes últimos dez minutos — disse — e você, seu barrigudi nho cara de vaca e filho da mãe, não podia ter a educação elementar. . . — Não comece a me xingar de nomes — disse o sr. Marvel.

— Xingar de nomes! O que tenho vontade é de. . . — Vamos — disse uma voz e o sr. Marvel deu meia- volta subitamente e começou a marchar de modo esqui sito, aos arrancos. — É melhor que dê o fora — disse o marinh eiro. — Quem está dando o fora? — desafiou o sr. Marvel. Es tava se retirando obliquamente em um passo estranho e apres sado, com saltos ocasionais e violentos para a frente. Em alg um lugar da

estrada começou um monólogo resmungado, cheio de pr otestos e recriminações.

— Sujeito estúpido! — gritou-lhe o marinheiro, as pernas muito afastadas, as mãos nas cadeiras, olhando para a figura que se distanciava. — Eu lhe mostro, sua besta. . . Enganando a mim! Está aqui — no jornal!

O sr. Marvel replicou incoerentemente e desapareceu ao longe em uma curva da estrada, mas o marinheiro ain da ficou de pé, imponente, no meio da estrada, até que o carro do açougueiro o fez abrir caminho. Então dirigiu-se a Port Stowe. — São umas bestas extraordinárias — disse para si mesmo em voz baixa. — Só queria me fazer um pouco de palhaço — essa era a pi ada idiota dele. — Está no jornal!

E tinha havido uma outra coisa extraordinária da qu al tomaria conhecimento mais tarde e que acontecera be m perto dele. Fora a visão de um punho fechado, cheio de dinheiro — nada menos — que se locomovia sem uma razão visível, ao longo do muro, na esquina da Alameda de St. Michael. Um cole ga marinheiro tinha visto o fato miraculoso naquela me sma manhã. Tentara agarrar o dinheiro e fora derrubado de cabe ça e, quando se levantara, o dinheiro-borboleta havia desaparecido. Nosso marinheiro sempre estava disposto a acreditar em tu do, afirmara, mas aquilo era forte demais. Porém, mais tarde, com eçou a refletir

sobre os acontecimentos.

A história do dinheiro voador era verdadeira. E em toda a vizinhança o dinheiro fora subtraído, até da august a Companhia de Bancos de Londres e do Campo, das caixas das lojas e esta La — já que, naquele dia de sol, todas as portas estavam co mpletamente abertas — e tinha sido visto saindo tranqüila e habilmente aos rolos e mãos cheias, flutuando discretamente ao longo das paredes e em lugares à sombra, ocultando-se com presteza de olho s humanos que se aproximassem. E embora nenhum homem soubesse de onde vinha, acabava sempre seu misterioso vôo no bo lso do agitado cavalheiro de velho chapéu lustroso, que ti nha se sentado do lado de fora da pequena estalagem perto de Port Stowe.

O HOMEM QUE CORRIA

Ao cair da noite, o dr. Kemp estava em seu escritór io, no mirante sobre a colina que dominava Burdock. Era um pequeno aposento agradável, com três janelas que davam para o norte, oeste e sul, estantes cheias de livros e publicações cien tíficas, uma grande escrivaninha e, sob a janela que abria para o norte, um microscópio, lâminas de vidro, pequenos instrumentos, algumas culturas e vidros

espalhados de reagentes. A lâmpada solar do dr. Kem p estava acesa, embora o céu ainda estivesse iluminado pela luz do entardecer, e as persianas suspensas, pois não havi a a possibilidade de que passantes curiosos obrigassem-no a baixá-las . O dr. Kemp era um jovem alto e magro, com cabelos de um louro desbotado e bigodes quase brancos e o trabalho de que se ocupav a lhe daria, segundo esperava, o título de membro da Sociedade R eal, tão otimista era sua opinião a respeito dele.

Seus olhos, desviando-se do trabalho, contemplaram o pôr-do-sol que ardia por trás da colina além daquel a em que se encontrava. Ficou parado, talvez por um minuto, mor dendo a ponta da caneta e admirando a bela cor dourada acim a do topo, quando sua atenção foi desviada pela minúscula silh ueta completamente negra de um homem que corria pela enc osta em direção a ele. Era um homenzinho pequeno e usava ch apéu alto e sua corrida era tão rápida que suas pernas, na verd ade, piscavam intermitentemente.

— Mais um daqueles idiotas — pensou. — Como aquele asno que me deu um encontrão ao dobrar a esquina es sa manhã ; com o seu "O Homem Invisível está chegando, senhor! " Não sei o que há com essa gente. Até parece que estamos no século XIII. Levantou-se, foi até a janela e fitou a encosta cre puscular e a pequena figura negra que corria por ela. — Pare ce que está com

uma pressa dos diabos, mas não parece fazer muito p rogresso. Não poderia correr mais pesadamente se tivesse os bolso s cheios de chumbo.

— Mais depressa, senhor — disse o dr. Kemp.

No momento seguinte, a mais alta das casas que havi am se estendido de Burdock colina acima, ocultou a sil hueta que corria Por um instante tornou-se novamente visível, mais u ma vez e mais outra, três vezes entre as três casas separadas que vinham a seguir e depois o terraço o escondeu.

— Burros! — exclamou o dr. Kemp dando meia-volta e dirigindo-se à sua mesa de trabalho.

Mas os que tinham visto o fugitivo mais de perto e percebido o terror abjeto na face suada e que també m estavam na estrada aberta, não compartilhavam do desdém do dou tor. O homem continuava a martelar o chão e, enquanto corr ia, tilintava como uma bolsa cheia, jogada de trás para a frente. Não olhava para a direita nem para a esquerda: seus olhos dila tados fixavam diretamente morro abaixo, onde os postes de ilumina ção estavam sendo acesos e as pessoas se apinhavam na rua. A boca mal acabada escancarava-se, uma espuma como clara de ovo havia se formado em seus lábios e tinha a respiração rouca e barulhe nta. Todos por quem passava detinham-se e começavam a olhar a estr ada para cima e para baixo, interrogando uns aos outros com uma ponta de

ansiedade, sobre o que lhe causaria aquele ódio. Então, bem mais acima na colina, um cão que brincav a na estrada ganiu e correu a esconder-se sob um port ão e enquanto ainda estavam tentando compreender, alguma coisa — um golpe de vento, um tap, tap, tap, um som como uma respiração arquejante — passou por eles.

Umas pessoas gritaram. Outras pularam do chão. Aqui lo propagou-se aos gritos, propagou-se por instinto, c olina abaixo. Já gritavam nas ruas, antes que Marvel estivesse a meio caminho de lá. Trancavam as casas e batiam as portas por causa da notícia. Ele ouviu e fez um esforço ainda mais desesperado. O me do chegou em largas passadas, adiantou-se a ele e, em um mome nto, apossou- se da cidade.

— O Homem Invisível está chegando! O Homem Invisível!

NO "JOLLY CRICKETERS

O "Jolly Cricketers" ficava bem no sopé da colina, onde começavam as linhas dos bondes. O encarregado do bar apoiava os braços gordos e vermelhos no balcão e falava de cav alos com um

cocheiro anêmico, enquanto um homem de barba negra, vestido de cinza, engolia biscoitos e queijo, bebia Burton e c onversava em americano com um policial de folga.

— Que gritaria é essa? — perguntou o cocheiro anêmico, interrompendo bruscamente a conversa e tentando olh ar para o alto da colina por cima da persiana amarela e suja da janela baixa da estalagem. Alguém, do lado de fora, passou correndo . — Fogo, talvez — respondeu o encarregado do bar.

Correndo pesadamente, passos se aproximaram, a port a foi aberta com violência e Marvel, chorando, descab elado e sem chapéu, a gola do casaco rasgada e aberta, precipit ou-se para dentro, deu uma volta brusca e tentou fechar a port a. Esta era mantida meio aberta por um tirante de couro. — Está vindo! — berrou, a voz estridente de terror. — Ele está vindo. O Homem Invisível! Está me persegui ndo! Pelo amor de Deus! Socorro! Socorro! Socorro!

— Fechem as portas — ordenou o policial. — Quem está vindo? Que barulhada é essa? — Foi até a porta , soltou o tirante e esta fechou-se. O americano fechou a outra porta. — Deixem-me entrar — suplicou Marvel, cambaleante e em prantos, mas ainda agarrado aos livros. — Deixem -me entrar. Tranquem-me em algum lugar — qualquer um. Estou diz endo, ele está me perseguindo. Escapei dele. Disse que me mat aria e vai me

matar.

— Está a salvo — tranqüilizou-o o homem da barba negra. — A porta está fechada. Qual é o problema? — Deixem-me ir para dentro — implorou Marvel e gritou alto quando, subitamente, uma pancada fez tr emer a porta trancada e foi seguida de batidas rápidas e gritos vindos de fora. — Ei — interpelou o policial. — Quem está aí? — O sr. Marvel começou a atirar-se desesperadamente contra os pain éis que pareciam portas. — Ele vai me matar. Tem uma faca o u coisa assim. Pelo amor de

Deus!

— Está bem — disse o encarregado do bar. — Venha para cá. — E levantou a aba móvel do balcão. O sr. Marvel precipitou-se para trás do balcão do b ar, enquanto as batidas do lado de fora se repetiam. — Não abram a porta — berrou. — Por favor, não abram a porta. Ond e posso me esconder?

— Então é mesmo o Homem Invisível? — perguntou o homem de barba negra, com uma das mãos por trás das costas. — Acho que já é tempo de o vermos.

De repente, a janela da estalagem foi quebrada e ho uve gritos e correrias de um lado para outro na rua. O policial tinha subido em um banco para olhar para fora, esforçando -se para ver quem estava à porta. Desceu, com as sobrancelhas er guidas. —

Acho que é — disse. O encarregado do bar postou-se diante da porta do salão do bar que tinha sido fechada tranca ndo o sr. Marvel, examinou a janela quebrada e aproximou-se d os dois outros homens.

Repentinamente, tudo ficou quieto. — Gostaria de te r meu cassetete — disse o policial, caminhando com he sitação para a porta. — Se abrirmos, ele entra. Não há como impedi-lo. — Não se apresse muito com essa porta — disse o cocheiro anêmico, cheio de ansiedade.

— Tire as trancas — propôs o homem de barba negra — e se ele entrar. . . Exibiu o revólver que tinha na mão. — Isso não — objetou o policial. — Isso é assassinato. — Sei em que país estou — disse o barbado. — Vou atirar nas pernas. Tirem as trancas.

— Não com essa coisa disparando por trás de mim — objetou o encarregado, tentando enxergar por cima das persianas. — Muito bem — disse o homem da barba negra e, abaixando-se, o revólver engatilhado, tirou-as ele mesmo. O homem do bar, o cocheiro e o policial deram meia-volta. — Entre — convidou o homem da barba em voz baixa, recuando e ficando de frente para as portas destran cadas, com o revólver atrás das costas. Ninguém entrou. A porta continuou fechada. Cinco minutos depois, quando um segundo co cheiro

enfiou a cabeça para dentro, cuidadosamente, ainda estavam esperando e um rosto aflito surgiu por trás do bar e esclareceu. — Todas as portas da casa estão fechadas? — perguntou Marvel. — Está dando a volta. Cercando. É mais astuto do qu e o diabo.

— Deus do céu! — exclamou o corpulento homem do bar.

— Há os fundos! Cuidado com as portas dos fundos! Escutem! — Impotente, olhou em volta. A porta do sa lão bateu e ouviram a chave girar na fechadura. — Há a porta do pátio e a porta particular. A porta do pátio...

Saiu do bar apressadamente.

Pouco depois apareceu com um facão. — A porta do pátio estava aberta — comunicou e o gordo lábio inf erior ficou pendente.

— Pode estar na casa agora! — arriscou o primeiro cocheiro.

— Não está na cozinha — respondeu o homem do bar. — Há duas mulheres lá e golpeei cada centímetro del a com este pequeno cortador de carne. Elas não acham que tenha entrado. Não notaram..

— Você a fechou? — perguntou o primeiro cocheiro. — Não estou usando saias — replicou o encarregado d o

bar. O homem barbado guardou o revólver. Mas no mom ento em que o fez a aba do bar que estava levantada caiu, f echando-se, o trinco estalou e então, com um barulho tremendo a f echadura da porta arrebentou e a porta do salão do bar escancar ou-se com estrondo. Ouviram Marvel guinchar como uma lebre ap anhada e imediatamente pularam o balcão para socorrê-lo. O r evólver do homem barbado estalou e o espelho, no fundo do salã o, quebrou- se, brilhante, e desabou, tilintando.

Quando o homem do bar entrou na sala, viu Marvel estranhamente encolhido e lutando contra a porta qu e levava à cozinha e ao pátio. Mas, enquanto ele hesitava, a p orta abriu-se de súbito e Marvel foi arrastado para a cozinha. Ouviu -se um grito e depois um choque de panelas. Marvel, de cabeça baix a e tentando obstinadamente não se deixar carregar foi forçado a transpor a porta da cozinha e os trincos

cerraram-se.

O policial, que estava tentando passar à frente do encarregado do bar entrou correndo, seguido por um dos cocheiros, agarrou o pulso da mão invisível que seg urava Marvel pelo pescoço, levou um soco no rosto e foi atirado para trás, rodopiando. A porta abriu-se e Marvel fez um esforç o desesperado para colocar-se atrás dela. Então o cocheiro tocou alguma coisa. — Peguei-o — exclamou. As mãos vermelhas do encarrega do do bar, em garra, procuravam o invisível. — Aqui está! — disse.

O sr. Marvel, subitamente livre, caiu no chão e fez uma tentativa de engatinhar entre as pernas dos homens que lutavam. A luta continuou aos solavancos, até perto da porta. Pela primeira vez, ouviu-se a voz do Homem Invisível gritando alt o quando o policial pisou em seu pé. Depois gritou mais uma ve z, vigorosamente e seus punhos voaram à sua volta como se fossem malhos. O cocheiro gemeu de repente e seu corpo dob rou-se com um golpe abaixo do diafragma. A porta que dava da c ozinha para o salão foi batida e cobriu a retirada do sr. Marvel. Os homens na cozinha ficaram segurando e lutando com o vazio do ar. — Para onde foi ele? — indagou o homem da barba. — Para fora?

— Por aqui — disse o policial, passando para o páti o e detendo-se.

Um pedaço de telha passou, assoviando, sobre sua cabeça e quebrou-se entre as louças na mesa da cozinha. — Vou mostrar a ele — berrou o homem da barba negra e, de repente, um cano de aço brilhou sobre o ombro do policial e cinco balas seguiram umas as outras até a penumbra de onde tinha vindo o projétil. Ao atirar, o homem barbado movia a mão em uma curva horizontal, de forma que os tiros irradiaram- se pelo pátio estreito como os raios de uma roda.

Seguiu-se o silêncio. — Cinco cápsulas — disse o homem

da barba negra. — É o melhor. Quatro ases e o corin ga. Alguém pegue uma lanterna, venha e procure encontrar o corpo dele.

O VISITANTE DO DR. KEMP

O dr. Kemp tinha continuado a escrever em seu escritório, até que os tiros lhe chamaram a atenção . Craque, craque, craque, os estalidos seguiam-se uns aos outros. — Ei! — exclamou o dr. Kemp, pondo a caneta novamente na boca e ouvindo. — Quem está disparando revólveres em Burdock? Que é que os idiotas estão fazendo agora? Foi até a janela que dava para o sul, abriu-a e debruçando-se, olhou para baixo, para o aglomerado de janelas, globos dos lampiões de gás e lojas entremeados pelo s intervalos negros de telhados e pátios, que caracterizavam a cidade à noite. — Parece que há um ajuntamento no sopé da colina, jun to ao "Cricketers" — disse, e ficou observando. Dali seu olhar vagueou pela cidade até mais longe, onde brilhavam as luzes dos navios e o embarcadouro destacava-se vivamente, um pequeno pav ilhão iluminado como uma pedra preciosa de reflexos amare lados. A lua, no quarto crescente, aparecia sobre a colina a oest e, e as estrelas

estavam límpidas, com um fulgor quase tropical. Após cinco minutos, durante os quais sua mente pass ara a uma remota especulação a respeito das condições s ociais do futuro e acabara por perder-se em cogitações sobre a dimensão do tempo, o dr. Kemp voltou a si com um suspiro, fecho u outra vez a janela e voltou à escrivaninha.

Devia ter-se passado quase uma hora, quando a campainha da porta da frente soou. Estivera escreve ndo sem muito interesse, com intervalos de abstração, desde que o s tiros haviam sido disparados. Ouviu a empregada atender à porta e esperou pelo ruído de passos subindo a escada, porém ela não vei o. — Não imagine quem poderia ter sido — resmungou o dr. Kemp. Tentou retomar o trabalho, não conseguiu, levantou- se, desceu as escadas do escritório até o patamar, tocou a campainha e, da balaustrada, perguntou, ao ver a empregada apare cer no vestíbulo embaixo. — Era uma carta?

— Tocaram e correram, senhor — respondeu ela. — Estou inquieto esta noite — disse a si mesmo. Vol tou ao escritório e dessa vez atacou o trabalho resolut amente. Em pouco tempo estava mergulhado nele e os únicos sons no aposento eram o tiquetaquear do relógio e o discreto arranha r de sua pena atarefada, bem no centro do círculo de luz que o ab ajur projetava sobre a mesa.

Só às duas horas o dr. Kemp encerrou o trabalho da noite. Levantou-se, bocejou, e desceu para deitar-s e. Já tinha tirado o paletó e o colete, quando percebeu que estava com sede. Pegou uma vela e desceu até a sala de jantar em busca de um sifão e uísque.

Os interesses científicos do dr. Kemp haviam feito dele um homem muito observador e, voltando pelo corredor , notou uma mancha escura no linóleo, junto ao tapete ao pé da escada. Subiu-a e então, de repente, ocorreu-lhe perguntar- se que mancha poderia ser aquela no linóleo. Ao que parece, impel ia-o algum elemento subconsciente. De qualquer forma, voltou-s e com as coisas que carregava, foi até o vestíbulo, largou o sifão e o uísque e, abaixando-se, tocou a mancha. Sem muita surpresa, d escobriu que era pegajosa e da cor do sangue meio coagulado. Pegou novamente os objetos e foi de novo para cima, olhando a seu redor e tentando explicar a mancha de sangue. No patamar da escada viu algo que o fez parar, surpres o. A maçaneta da porta do quarto estava manchada de sangue. Olhou para as mãos. Continuavam absolutamente limpa s e então lembrou-se de que a porta do quarto estava aberta quando descera do escritório e que, por isso, nem sequer tocara a maçaneta. Entrou imediatamente, o rosto calmo — talvez um pou co mais decidido do que o habitual. Seu olhar, passeando es peculativa-

mente, deteve-se na cama. A colcha estava cheia de sangue e o lençol fora rasgado. Não o tinha notado antes porqu e havia se encaminhado diretamente para a cômoda. Do lado oposto da cama, os lençóis mostravam uma depressão, como se alguém tivesse se sentado ali recentemente.

Então, teve a estranha impressão de que ouvira uma voz dizer alto: — Deus do céu! Kemp! — Mas o dr. Kemp n ão acreditava em vozes.

Ficou parado, olhando fixamente para os lençóis em desordem. Teria aquilo sido realmente uma voz? Exam inou novamente o quarto, mas não viu nada além da cama d esarrumada e manchada de sangue. Então ouviu nitidamente um movimento do outro lado do quarto, perto do suporte da bacia de mãos. Todos os homens, por mais instruídos que sejam, retêm alguns vestígios de superstição. A sensação que é chamada de "sobrenatu ral" apossou- se dele. Fechou a porta, foi até a cômoda e pôs as coisas que

trazia em cima dela. De repente, com um sobressalto, divis ou uma atadura feita de um pedaço de linho, enrolada e man chada de sangue, pendendo do ar, entre ele e a bacia. Olhou para aquilo, cheio de pasmo. Era uma atadura vazia, uma atadura muito bem aplicada, mas inteiram ente vazia. Quis adiantar-se para pegá-la, mas um toque e uma v oz que falava bem perto dele o detiveram.

— Kemp! — disse a Voz.

— Hein? — respondeu Kemp, de boca aberta.

— Mantenha-se calmo — falou a Voz. — Sou um Homem Invisível.

Por algum tempo Kemp não respondeu, de olhos fitos na atadura. — Homem Invisível — repetiu.

A história que contribuíra para ridicularizar de ma nhã, perpassou-lhe pela mente. Naquele momento, ao que p arecia, não ficou muito assustado ou excessivamente amedrontado . A compreensão veio depois.

— Pensei que tudo fosse mentira — disse. A lembranç a das discussões muitas vezes repetidas durante a man hã dominava- lhe os pensamentos. — Você está com uma atadura? — perguntou, — Sim — respondeu o Homem Invisível.

— Oh! — exclamou Kemp e depois irritou-se. — Claro! — disse. — Mas isso é tolice. É algum truque. — Ava nçou subitamente e sua mão, estendida para a atadura, to cou dedos invisíveis.

Recuou, fugindo ao contato e seu rosto mudou de cor. — Calma, Kemp, pelo amor de Deus! Preciso muito de ajuda. Pare!

A mão segurou-lhe o braço. Ele repeliu-a.

— Kemp! — gritou a Voz. — Kemp! Mantenha a calma!

— e a pressão em seu braço aumentou.

Um desejo irracional de libertar-se, tomou conta de Kemp. A mão correspondente ao braço da atadura agar rou-lhe o ombro e, repentinamente, recebeu uma rasteira e foi atirado de costas sobre a cama.

Abriu a boca para gritar e a ponta do lençol foi enfiada entre seus dentes. O Homem Invisível o mant inha à força, mas os braços continuavam livres e desferiu um soco , tentando selvagemente dar pontapés ao mesmo tempo.

— Ouça a voz da razão, está bem? — disse o Homem Invisível segurando-o, apesar de estar levando soco s nas costelas. — Por Deus! Daqui a pouco você vai me irritar! Fiqu e quieto, idiota! — berrou o Homem Invisível no ouvido de Kemp. Este lutou um pouco mais e depois ficou imóvel. — Se gritar, rebento sua cara — advertiu o Homem Invisível, liberando-lhe a boca. — Sou um Homem Invisível. Não é tolice nem feitiçaria. Sou realmente um Homem Invis ível. E quero sua ajuda. Não pretendo machucar você, mas se se co mportar como um labrego apavorado, terei que fazê-lo. Não s e lembra de mim, Kemp? — Griffin, do Colégio Universitário? — Deixe-me levantar — disse Kemp. — Não sairei de onde estou. Deixe-me sentar calmamente um minuto. Sentou-se e apalpou o pescoço.

— Sou Griffin, do Colégio Universitário e tornei-me

invisível. Sou apenas um homem comum — um homem que você conheceu ... e que ficou invisível.

— Griffin? — repetiu Kemp.

— Griffin — confirmou a Voz —, um estudante mais moço, quase albino, de perto de um metro e noventa, forte, com um rosto cor-de-rosa e olhos vermelhos — aquele que ganhou uma medalha em química.

— Estou confuso — queixou-se Kemp. — Meu cérebro parece um turbilhão. Que tem isso a ver com Griffin? — Eu sou Griffin.

Kemp pensou. — É espantoso — disse. — Mas que tipo de bruxaria acontece para tornar um homem invisível? — Não é bruxaria. É um procedimento racional e bastante inteligível. . .

— É espantoso — repetiu Kemp. — Mas como. . .? — É espantoso, concordo. Mas estou ferido, com dor e cansado. . . Meu Deus! Kemp, você é homem. Controle -se. Dê-me o que comer e beber e deixe-me sentar aqui.

Kemp contemplou fixamente a atadura que se movia pelo quarto, depois viu uma cadeira de vime ser arrastad a pelo chão até chegar perto da cama. Ouviu um rangido e o assento afundou talvez uns poucos centímetros. Esfregou os olhos e tateou o pescoço de novo. — Isso é mais do que ver fantasmas — disse, e

riu estupidamente.

— Assim é melhor. Graças a Deus, está voltando a se r sensato!

— Ou tolo — disse Kemp, pressionando os olhos com os nós dos dedos.

— Dê-me um pouco de uísque. Estou quase morto. — Não me pareceu. Onde está? Se me levantar vou esbarrar em você? Ah! Está certo. Uísque? Aqui. Ond e vou lhe entregar?

A cadeira rangeu e Kemp sentiu que lhe tiravam o co po. Soltou-o com esforço; seu instinto era contrário. E ste foi parar a uns quarenta centímetros acima da parte da frente d o assento da cadeira. Olhava para tudo com infinita perplexidade . — Isso é. . . isso deve ser. . . hipnotismo. Você deve ter sugerido que é invisível. — Bobagem — disse a Voz.

— É uma loucura.

— Ouça-me.

— Esta manhã, demonstrei, conclusivamente — começou Kemp —, que a invisibilidade. ..

— Esqueça o que demonstrou! Estou morto de fome — disse a Voz — e a noite é gelada, para um homem sem roupas. — Comida! — exclamou Kemp.

A garrafa de uísque inclinou-se. — Sim — disse o

Homem Invisível com ênfase. — Tem um roupão? Kemp soltou uma interjeição a meia voz. Foi ao guar da- roupas e retirou um roupão de um vermelho encardido . — Isso serve? — perguntou. Arrancaram-no dele. Por um mome nto, pendeu molemente no ar, agitou-se estranhamente e p arou, cheio, abotoando-se decorosamente e sentou-se na cadeira. — Calças, meias e chinelos seriam um conforto —, disse o Estr anho

secamente. — E comida.

— O que quiser. Mas esta é a situação mais insana e m que já estive, em toda a minha vida!

Remexeu as gavetas para apanhar os artigos exigidos e depois foi para baixo, a fim de saquear a despensa. Voltou com costeletas frias e pão, pegou uma mesa leve e coloc ou-a diante do hóspede. — Não se incomode com facas, disse o visit ante, e uma costeleta ficou no ar, com um barulho de estar sendo roída. — Incrível! — resmungou Kemp e sentou-se em uma das cadeiras do quarto.

— Sempre gostei de vestir alguma coisa antes de com er — disse o Homem Invisível com a boca cheia, comendo avidamente. — É uma estranha mania.

— Suponho que esse pulso esteja bem — disse Kemp. — Pode confiar em mim — respondeu o Homem Invisível.

— Entre todas as coisas fantásticas e miraculosas. . . — Exatamente. Mas é esquisito que tenha vindo parar em sua casa para arranjar uma bandagem. Meu primeir o golpe de sorte. De qualquer maneira, já tinha resolvido dorm ir aqui esta noite. Você vai ter que aturar isso! É desagradável que meu sangue apareça, não é? Um belo coágulo lá embaixo. Vai fic ando visível à medida em que coagula, vejo agora. Há três horas qu e estou na casa.

— Mas como pode ser feito? — começou Kemp, em um tom exasperado. — Que diabo! Todo esse negócio.... é irracional, do princípio ao fim.

— Muito lógico — disse o Homem Invisível. — Perfeitamente lógico.

Estendeu a mão e pegou a garrafa de uísque. Kemp contemplou o roupão esfomeado. Um raio de luz de ve la, penetrando em um pedaço rasgado da roupa à altura d o ombro direito, desenhou um triângulo de luz sob as costel as esquerdas. — Que tiros "eram aqueles? — perguntou. — Como começo u o tiroteio?

— Havia um asno de um homem. . . uma espécie de cúmplice — que vá para o inferno! — Que tentou roub ar-me dinheiro. Que roubou.

— É invisível também?

— Não.

— E então?

— Posso comer mais alguma coisa antes de lhe contar tudo? Estou com fome — e com dor. E quer que conte histórias! Kemp levantou-se. — Você não deu nenhum tiro? — perguntou. — Eu não — respondeu o visitante. — Algu m idiota a quem nunca tinha visto, atirou a esmo. Muitos deles ficaram com medo. Todos ficaram com medo de mim. Que vão para o inferno! Escute, quero comer mais do que isso, Kemp.

— Vou ver lá embaixo o que ainda há para comer — disse Kemp. — Lamento, mas não é muito.

Depois de acabar de comer, e tinha sido uma refeiçã o farta, o Homem Invisível pediu um charuto. Mordeu vigorosamente a ponta, antes que Kemp pudesse encon trar um canivete e xingou quando a folha externa soltou-se. Era estranho vê-lo fumar: a boca, garganta, faringe e narinas to rnaram-se visíveis como uma espécie de molde rodopiante de fumaça. — O bendito prazer de fumar! — exclamou ele e exalo u com força. — Tive sorte de encontrar você, Kemp. Te m que me ajudar. Imagine, esbarrar com você neste momento! E stou em um apuro terrível. Acho que devia estar louco. Os aper tos que passei! Mas ainda vamos realizar grandes coisas. Deixe que lhe diga. .. Serviu-se de mais uísque e soda. Kemp levantou-se,

olhou a seu redor e apanhou um copo para ele no qua rto de hóspedes. — É loucura, mas suponho que eu posso beber. — Você não mudou muito, Kemp, nesses doze anos. Os homens claros não mudam. Frios e metódicos. .. depo is do primeiro fracasso. Tenho que lhe contar. Trabalharemos juntos! — Mas como foi feito? — perguntou Kemp. — E como ficou assim?

— Pelo amor de Deus, deixe-me fumar em paz, só um pouquinho! Depois vou começar a contar.

Mas a história não foi contada àquela noite. O puls o do Homem Invisível estava ficando doloroso, sentia-se febril, exausto e sua mente fixou-se na

perseguição colina abaixo e na luta perto da estalagem. Falando em Marvel intermitentemente, pas sou a fumar mais depressa e a voz foi ficando colérica. Kemp te ntava entender o que era possível.

— Ele tinha medo de mim, podia-se ver que tinha med o de mim — disse o Homem Invisível muitas vezes. — Pr etendia me dar o fora... estava sempre se afastando! Que idiota fui! — O canalha!

— Devia tê-lo morto...

— Onde arranjou o dinheiro? — perguntou Kemp bruscamente.

Por algum tempo, o Homem Invisível guardou silêncio .

— Não posso dizer esta noite.

De súbito gemeu e inclinou-se para a frente, apoian do a cabeça invisível em mãos invisíveis. — Kemp — disse — não durmo há quase três dias, exceto por uns dois cochilos de uma hora mais ou menos. Preciso dormir o quanto antes. — Bem, use o meu quarto — use este quarto.

— Mas como posso dormir? Se dormir, ele foge. Ai! Q ue importa?

— Como é o ferimento? — perguntou Kemp.

— Nada — um arranhão e sangue. Oh, Deus! Como quero dormir!

— Por que não?

O Homem Invisível pareceu estar observando Kemp. — Porque faço objeção a ser apanhado por meus semelhantes — disse lentamente.

Kemp estremeceu.

— Que louco sou! — disse ele, dando uma violenta pancada na mesa. — Pus a idéia em sua cabeça.

O HOMEM INVISÍVEL DORME

Embora exausto e ferido como estava, o Homem Invisível recusou-se a aceitar a palavra de Kemp de que sua liberdade seria respeitada.

Examinou as duas janela s do quarto, subiu as persianas e abriu as cortinas para conferi r a informação de Kemp de que uma fuga através delas seria possível. Lá fora a noite estava tranqüila e parada e a lua nova banhava a co lina. Depois examinou as chaves do quarto de dormir e as duas portas do quarto de vestir, para convencer-se de que aquelas também poderiam servir para lhe assegurar a liberdade. Finalmente d eclarou-se satisfeito. Ficou de pé, junto à lareira e Kemp ouv iu o som de um bocejo.

— Desculpe — disse o Homem Invisível — se não posso lhe contar o que fiz esta noite. Mas estou es gotado. Sem dúvida, é grotesco. É espantoso! Mas acredite, Kemp , é uma coisa realmente possível. Fiz uma descoberta. Pretendia guardá-la só para mim. Mas não posso. Tenho que ter um sócio. E você. .. Há tanta coisa que podemos fazer. . . Amanhã. Agora, Kemp, s into que preciso dormir ou morro.

Kemp estava no meio do quarto, olhando a roupa sem

cabeça. — Acho que devo deixá-lo — disse. — É incrí vel. Se acontecessem três coisas assim, derrubando todas as minhas idéias preconcebidas, ficaria louco. Mas é verdade! Há mai s alguma coisa que possa lhe dar?

— Só me dê boa-noite — respondeu Griffin.

— Boa-noite — disse Kemp, e apertou uma mão invisível. Caminhou meio de lado para a porta. De r epente, o roupão aproximou-se dele. — Compreenda! — disse — n ada de tentativas de me tolher ou capturar. Ou. ..

A expressão do rosto de Kemp mudou um pouco. — Pensei que tinha lhe dado minha palavra — protestou. Ao sair, Kemp fechou a porta sem barulho e imediatamente esta foi trancada a chave. Então, enq uanto ele ainda permanecia com um ar de espanto inerte, pés ligeiro s chegaram até a porta do quarto de vestir e esta também foi trancada. Kemp bateu com a mão na testa. — Estarei sonhando? O mundo fic ou doido ou fiquei eu?

Sorriu e passou a mão pela porta fechada. — Fui bar rado de meu próprio quarto por um absurdo clamoroso! Andou até o alto da escada, voltou-se e olhou fixam ente as portas fechadas. — É um fato — disse. Pôs os ded

os no pescoço ligeiramente dolorido. — Um fato inegável! Mas... — Sacudiu a cabeça, desanimado e desceu.

Acendeu a lâmpada da sala de jantar, pegou um charuto e começou a caminhar pela sala, falando sozinho. De v ez em quando argumentava consigo mesmo.

— Invisível?

— Existe algum animal invisível? No mar, sim. Milha res! Milhões! Todas as larvas, todos os pequenos náuplio s e tomarias, todas as coisas microscópicas, a medusa. No mar, há mais coisas invisíveis do que visíveis! Nunca pensei nisso ante s. E nos charcos também. Todas as pequenas coisas que vivem nos char cos — fragmentos de gelatina translúcida. Mas no ar? Não! — Não pode ser.

— Mas afinal, por que não?

— Se um homem fosse feito de vidro, ainda assim ser ia visível.

Sua meditação tornou-se profunda. O volume de três charutos tinha passado a ser invisível, ou então di fuso sob a forma de cinza branca, até que falou novamente. Mas foi a penas uma exclamação. Voltou-se, saiu da sala, foi até o pequ eno consultório e acendeu o gás. O aposento era pequeno porque o dr. Kemp não vivia da clínica; lá estavam os jornais do dia. O j ornal da manhã tinha sido aberto descuidadamente e posto de lado. Apanhou-o, virou as páginas e leu o texto da "História Misteri osa em Iping", a mesma que o marinheiro em Port Stowe havia soletrad o tão

penosamente para o sr. Marvel. Kemp leu-a depressa. — Embrulhado! — exclamou. — Disfarçado!

Escondendo-se! Ninguém parece ter percebido sua inf elicidade! Que diabo de jogo é o dele?

Largou o jornal e buscou com os olhos. — Ah! — diss e, e pegou a St. James Gazette, que ainda estava dobrada como chegara. — Agora vamos descobrir a verdade. — Rasgou a cinta de papel e abriu o jornal; umas duas colunas chamaram-lhe a at enção. "Toda Uma Aldeia em Sussex Enlouquece", era a manchete. Meu Deus — explodiu Kemp, lendo

avidamente um incrível relato dos acontecimentos em Iping na tard e anterior, os mesmos que já foram descritos. A narrativa do jorna l da manhã fora transcrita.

Releu-a. "Correu pelas ruas batendo à direita e esq uerda. Jaffers, inconsciente. O sr. Huxter muito ferido, a inda incapaz de descrever o que vira. Humilhação terrível — o vigário. Uma mulher doente de medo! Janelas quebradas. Essa história extraordinária era, provavelmente, inventada. Boa de mais para não ser impressa... cum grano!"

Largou o jornal e ficou olhando para a frente, sem entender — Provavelmente inventada!

Pegou o jornal de novo e releu tudo. — Mas onde ent ra o Vagabundo? Por que diabos estaria perseguindo um Vagabundo?

Sentou-se bruscamente na mesa de exames. — Ele não é apenas invisível, é louco — disse. — Homicida! Quando a madrugada chegou para misturar sua clarida de à luz da lâmpada e à fumaça de charuto na sala de j antar, Kemp ainda estava andando de um lado para outro, tentand o aprender o incrível.

Sentia-se excitado demais para dormir. Os criados, ao descerem sonolentamente, descobriram-no ali e pensa ram que o estudo demasiado tinha lhe feito mal. O patrão deu- lhes instruções estranhas, mas bastante explícitas, para servirem o desjejum para dois no escritório do mirante e depois limitarem-se ao porão e ao pavimento térreo. E continuou a percorrer a sala de jantar, até que o jornal da manhã chegou. Este falava muito, mas di zia pouco, além da confirmação da notícia da noite anterior e um relato bastante mal escrito de outra história notável em P ort Burdock. Tudo aquilo forneceu a Kemp o essencial sobre os ac ontecimentos no bar "Jolly Cricketers" e o nome de Marvel. "Obri gou-me a ficar com ele vinte e quatro horas", testemunhava Marvel. Acrescentara também certos detalhes menos importantes à história de Iping, principalmente o corte do fio de telégrafo da aldei a. Mas não havia nada que esclarecesse a ligação entre o Homem Invis ível e o Vagabundo; pois o sr. Marvel não dera informações s obre os três livros e o dinheiro que lhe enchia os bolsos. O tom de

incredulidade desaparecera e um bando de repórteres e investigadores já estava a postos para elaborar a matéria. Kemp leu cada linha da história e mandou a criada comprar todos os jornais da manhã que pudesse. E ta mbém os devorou.

— Ele é invisível! — concluiu. — E parece que sua r aiva está se tornando maníaca! As coisas que pode fazer! As coisas que pode fazer! E está lá em cima, livre como o ar. Como devo agir? — Por exemplo, seria quebrar a palavra se. . .? Não. Foi até uma pequena mesa desarrumada em um canto e começou a escrever um bilhete. Rasgou-o quando já e stava pela metade e escreveu outro. Leu-o e pensou bastante. E ntão pegou um envelope e endereçou-o ao "Coronel Adye, Port Burdock". Enquanto Kemp se ocupava disso, o Homem Invisível acordou. Despertou de mau humor e Kemp, atento a ca da som, ouviu de repente o ruído de seus passos correndo pe lo quarto acima. Depois uma cadeira foi atirada e o lavatório com a bacia quebraram-se. Kemp apressou-se a subir e bateu na p orta, ansiosamente.

CERTOS PRINCÍPIOS BÁSICOS

— Que aconteceu? — perguntou Kemp, quando o Homem Invisível deixou-o entrar.

A resposta foi: — Nada.

— Mas, que diabo! E o estrondo?

— Um acesso de raiva — respondeu o Homem Invisível. — Esqueci o braço e está doendo.

— Você parece dado a esse tipo de coisa.

— Sou.

Kemp atravessou o quarto e apanhou os fragmentos de vidro quebrado. — Já se sabe de todos os fatos sobr e você — disse-lhe, ali de pé, com os vidros na mão —; tudo o que aconteceu em Iping e na encosta da colina. O mundo tomou cons ciência de seu cidadão invisível. Mas ninguém sabe que está aqui. O Homem Invisível xingou.

— O segredo foi descoberto. Imagino que fosse segre do. Não sei quais são os seus planos mas, naturalmente, estou pronto a ajudar.

O Homem Invisível sentou-se na cama.

— Há café lá em cima — disse Kemp, falando com a maior naturalidade possível e teve o prazer de ver que o estranho

hóspede levantava-se de boa vontade. Kemp foi na fr ente, subindo a escada estreita até o mirante.

— Antes que possamos fazer qualquer outra coisa, preciso compreender um pouco mais sobre sua invisib ilidade — disse Kemp. Relanceou nervosamente pela janela e se ntou-se com o ar de um homem que tem coisas a dizer. Suas dúvid as sobre a sanidade de toda aquela história aflorou-lhe à ment e e desapareceu de novo, quando olhou para o lugar que Griffin ocupava à mesa do café — um. roupão sem cabeça e sem mãos, enxugando lábios invisíveis em um guardanapo miraculosamente seguro. — É bastante simples — e bastante verossímil — diss e Griffin, pondo de lado o guardanapo e apoiando a ca beça invisível em uma mão invisível.

— Para você sim, sem dúvida, mas... — Kemp riu. — Bem, de fato, a princípio pareceu-me maravilhoso. Porém agora, meu Deus! Mas juntos ainda faremos gra ndes coisas! Descobri o princípio em Chesilstowe.

— Chesilstowe?

— Fui para lá, quando deixei Londres. Sabe que abandonei a medicina para dedicar-me à física? Não? Bem, foi o que fiz. A luz me fascinava.

— Ah!

— A densidade ótica. Seu campo é uma rede de enigma s,

com soluções brilhando fugazmente. E, tendo apenas vinte e dois anos e um grande entusiasmo, pensei: "Vou dedicar m inha vida a isso. Vale a pena." Você sabe como somos ingênuos a os vinte e dois anos.

— Ingênuos nessa época ou ingênuos agora.

— Como se o saber trouxesse qualquer satisfação a u m homem!

— Mas comecei a trabalhar — como um escravo. E mal tinha começado a trabalhar e a pensar no assunto, a penas seis meses, quando, de repente, a luz atravessou uma das malhas, subitamente ofuscante! Descobri um princípio geral de pigmentos e refração — uma fórmula, uma expressão geométrica en volvendo quatro dimensões. Tolos e homens comuns, e até os m atemáticos comuns, não sabem nada sobre o que certas expressõe s gerais podem significar para o estudante de física molecular. Nos livros — os livros que o Vagabundo escondeu — há maravilhas, milagres! Mas aquele não era um método, era uma idéia que pod eria levar a um método, através do qual seria possível, sem modi ficar qualquer outra propriedade da matéria — exceto as cores, em alguns casos — baixar o índice de refração de uma substância, só lida ou líquida, para o do ar — visando todos os propósitos.

— Ufa! — exclamou Kemp. — Isso é estranho! Mas ainda não vejo. . . Compreendo que, a partir dali, você poderia

anular uma pedra preciosa, mas a invisibilidade pes soal está muito longe disso.

— Exatamente — disse Griffin. — Mas considere: a visibilidade depende da ação dos corpos visíveis sobre a luz. Ou um corpo absorve a luz ou a reflete, ou então faz tudo isso. Se ele não reflete, refrata nem absorve a luz, não pode, por s i só, ser visível. Você vê uma caixa vermelha opaca, por exemplo, porq ue a cor absorve alguma luz e reflete o resto — toda a parte vermelha da luz — para você. Se ela não absorvesse nenhuma parte es pecífica da luz, mas a refletisse totalmente, então seria uma b rilhante caixa branca. Prata! Uma caixa feita de brilhantes não ab sorveria muita luz, nem refletiria muito da superfície total, mas apenas aqui e ali, onde as superfícies fossem favoráveis, a luz seria refletida e refratada e você teria uma aparência brilhante de clarões de reflexos e transparências — uma espécie de esqueleto de luz. Uma caixa de vidro não seria tão cintilante nem tão claramente v isível como uma caixa de brilhantes, pois haveria menos refração e reflexão. Entende? Sob certos ângulos, poder-se-ia ver claram ente através dela. Alguns tipos de vidro seriam mais visíveis do que outros, uma caixa de cristal seria mais reluzente do que uma ca ixa de

vidro de janela comum. Uma caixa de vidro comum muito fino s eria difícil de ver em pouca luz, porque não absorveria quase ne nhuma luz e refrataria e refletiria muito pouca. E se se pusess e uma placa de

vidro branco na água, ou mais ainda, se se usasse a lgum líquido mais denso que a água, ela desapareceria quase totalmente, porque a luz que passaria da água para o vidro, seria apenas levemente refratada ou refletida, ou, na verdade, afetada de qualquer forma. Seria quase tão invisível quanto o são o gás de car bono ou o hidrogênio no ar. E precisamente pela mesma razão! — Sim — disse Kemp. — É indiscutível.

— E aqui está outro fato que você sabe que é verdadeiro. Se uma folha de vidro for quebrada, Kemp, e reduzid a a pó, fica muito mais visível enquanto está no ar; transforma- se, finalmente, em um pó branco e opaco. Isso é porque a pulverizaç ão multiplica as superfícies do vidro onde ocorrem refrações e re flexões. Na folha de vidro há apenas duas superfícies; no pó, a luz é refletida ou refratada por cada grão que atravessa, e muito pouc a atravessa totalmente o pó. Mas se o vidro branco pulverizado é posto na água, desaparece imediatamente. O vidro pulverizado e a água têm índices de refração muito semelhante; isto é, a luz sofre muito pouca refração ou reflexão, ao passar de uma para o outro. — É possível tornar o vidro invisível colocando-o em um líquido com quase o mesmo índice de refração; um ob jeto transparente fica invisível se for colocado em qual quer meio com um índice de refração quase igual. E, se pensar apenas um segundo, verá também que o pó de vidro pode desaparecer no a r se seu

índices de refração muito semelhantes; isto é, a lu z sofre muito haverá refração ou reflexão, quando a luz passar do vidro para o ar. — Sim, sim — concordou Kemp. — Mas um homem não é feito de vidro em pó!

— Não — disse Griffin. — É mais transparente. — Tolice!

— Ouvir isso de um médico! Como as pessoas se esquecem! Já esqueceu sua física, em dez anos? Pens e só em todas as coisas que são transparentes e não parecem sê-lo . O papel, por exemplo, é feito de fibras transparentes e é branco e opaco apenas pela mesma razão que o vidro em pó é branco e opaco. Ponha óleo em um papel branco, encha com óleo os

interstícios entre as partículas para que não haja mais refração ou refle xão nas superfícies e ele fica transparente como o vidro. E não é só o papel, mas a fibra de algodão, de linho, de lã, de madeira e de osso, Kemp, a carne, Kemp, o cabelo, Kemp, as unhas e nervos, K emp, na verdade toda a matéria que compõe o homem, com exce ção do vermelho do sangue e do pigmento negro do cabelo, é feita de tecido transparente e incolor. E só isso é suficien te para nos tornarmos visíveis uns aos outros. Pois a maioria d as fibras de um ser vivo não são mais opacas do que a água.

— Céus — exclamou Kemp. — Naturalmente, naturalmente! À noite passada estive pensando nas l arvas marinhas

e na medusa!

— Agora entendeu! Estava com tudo isso na cabeça um ano depois de ter deixado Londres — há seis anos. M as guardei comigo. Tinha que fazer meu trabalho com muitas des vantagens. Oliver, meu professor, era um cientista pouco sério , jornalista por instinto e um ladrão de idéias — estava sempre bisb ilhotando. Você conhece o sistema desonesto do mundo científic o. Simplesmente, não podia publicar minha descoberta e permitir que ele partilhasse do crédito. Continuei a trabalhar. Fui chegando cada vez mais perto de transformar minha fórmula em uma experiência, uma realidade. Não falei com ninguém, porque pretendia desvendar meu trabalho para o mundo com um efeito esmagador — e tornar- me famoso imediatamente. Dediquei-me ao estudo dos pigmentos, para preencher certos lapsos. E, de repente, sem qu erer, por acidente, fiz uma descoberta no campo da fisiologia. — Sim?

— Você conhece a matéria que colore o sangue de vermelho; pode ficar branca, incolor — e permanecer assim com todas as funções que lhe são peculiares.

Kemp deu um grito de incredulidade e espanto. O Homem Invisível levantou-se e começou a andar pel o pequeno escritório. — Pode se admirar. Lembro-me da quela noite. Era tarde — durante o dia sempre se era incomodado com

estudantes bobos e de boca aberta — e naquela época costumava trabalhar até a madrugada. Tudo surgiu-me na mente, de súbito, esplêndido e completo. Estava só. O laboratório per manecia quieto, com as luzes brilhando silenciosa e intensa mente no alto. Em todos os meus momentos importantes, tenho estado só. "Poder-se-ia fazer com que um animal, um tecido, fi que transparente! Poder-se-ia fazê-los invisíveis! Tudo , menos os pigmentos. Eu poderia ser invisível!", pensei, comp reendendo de um golpe o que significaria ser um albino com tais conhecimentos. Era avassalador. Larguei a filtragem de que estava me ocupando e fui até a grande janela, de onde contemplei as estr elas. — Poderia ser invisível! — repeti.

— Realizar um tal feito seria transcender a mágica. E contemplei, sem a sombra da dúvida, uma visão magní fica do que poderia significar a invisibilidade para um homem — o mistério, o poder, a liberdade. Não via dificuldades. Só precis ava pensar. E eu, um instrutor mal vestido, pobre e enclausurado, ens inando asnos em uma universidade provinciana, poderia me tornar, da noite para o dia, isso. Pergunto-lhe, Kemp, se você... Digo-lh e que qualquer um se teria atirado a essa pesquisa. Trabalhei três anos, e cada montanha de dificuldades que conseguia vencer, most rava, de seu topo, mais outra. Os detalhes infinitos! E a irrita ção — um professor, um professor de província, sempre espion ando.

"Quando vai publicar esse seu trabalho?" — era sua eterna pergunta. E os estudantes, a insuficiência de recur sos! Tive três anos disso...

— E após três anos de segredo e exasperação, descob ri que era impossível completar o trabalho — impossível. — Por quê? — perguntou Kemp.

— Dinheiro — disse o Homem Invisível e foi de novo olhar pela janela.

Bruscamente, voltou-se. — Roubei o velho.. . roubei meu pai. O dinheiro não era dele e matou-se com um tiro.

NA CASA DE GREAT PORTLAND

Por um momento Kemp ficou calado, olhando fixamente para as costas da figura sem cabeça, à janela. Estr emeceu tomado por um pensamento, levantou-se, pegou o braço do Ho mem Invisível e fez com que se afastasse daquele ponto de observação. — Você está cansado — disse — e enquanto estou sentado, fica andando. Tome minha cadeira.

Colocou-se entre Griffin e a janela mais próxima.

Por algum tempo Griffin permaneceu sentado e em silêncio e depois prosseguiu abruptamente: — Quando isso aconteceu, já tinha saído da pequena casa de Chesilstowe. Foi em dezembro passado. Tinha alug ado um quarto em Londres, enorme e sem móveis, em uma gran de e mal-cuidada hospedaria, de um bairro pobre perto de Gre at Portland Street. Não tardou muito para que o quarto se enche sse de aparelhos que tinha comprado com o dinheiro dele; o trabalho progredia com regularidade e êxito, aproximando-se do fim. Sentia- me como um homem emergindo de um bosque cerrado que, de repente, deparasse com uma tragédia sem sen tido. Fui sepultá-lo. Minha mente estava absorta na pesquisa e não ergui um dedo para inocentá-lo. Lembro-me do funeral, do cai xão barato, da breve cerimônia, da colina ventosa e coberta de gea da, e do velho colega de colégio que leu o serviço fúnebre em sua intenção — um velho andrajoso, escuro e curvo, com uma terrível coriza. — Lembro-me também de voltar à casa vazia, andando por um lugar que tinha sido uma aldeia e estava, na quela ocasião, completamente demarcado e remexido por construtores baratos, à feia semelhança de uma cidade. Por todos os lados o s caminhos estendiam-se até os campos profanados e terminavam em montes de lixo e ervas daninhas, úmidas e malcheirosas. Re cordo-me de seguir pelo calçamento escorregadio e brilhante, um a silhueta

emaciada e sombria, e da estranha sensação de alhea mento em relação à respeitabilidade esquálida, ao sórdido co mercialismo daquele lugar.

— Não tive nem um pouco de pena de meu pai. Parecia - me que fora vítima do próprio sentimentalismo tolo. As convenções correntes exigiam minha presença no ente rro, mas aquilo, realmente, nada tinha a ver comigo.

— Mas, seguindo a High Street, minha antiga vida voltou-me à memória, pois encontrei a moça que conh ecera fazia dez anos. Nossos olhos se fitaram. Alguma coisa fez com que voltasse e falasse com ela. Era uma pessoa extremamente banal. — Aquela visita aos lugares do passado foi como um sonho. Na ocasião, não me senti sozinho, nem senti que viera do mundo para um lugar desolado. Tinha consciência de minha indiferença, mas atribuí-a à vacuidade generalizada de todas as coisas. Entrar novamente em meu quarto foi como rec obrar a realidade. Guardava objetos que conhecia e amava. A li estavam os aparelhos, as experiências organizadas e à espera. E, além do planejamento dos detalhes, restavam muito poucas dificuldades. — Mais cedo ou mais tarde, Kemp, vou revelar a você toda a complexidade dos processos. Não precisamos f alar nisso agora. A maioria deles, a não ser por certos trecho s que preferi decorar, está escrita em código naqueles livros que o vagabundo

escondeu.

Precisamos encontrá-lo. Precisamos recuperar esses livros. Mas a fase essencial era colocar o objeto t ransparente, cujo índice de refração deveria ser reduzido entre dois núcleos de irradiação de uma espécie de vibração etérea, da qu al lhe falarei minuciosamente mais tarde. Não, nada dessas vibraçõ es Rontgen — acho que aquelas a que me refiro ainda não são co nhecidas. No entanto, são bastante óbvias. Precisava de dois peq uenos dínamos, que fazia funcionar com um motor barato a gás. Minh a primeira experiência foi com um pedaço de tecido branco de l ã. Foi a coisa mais estranha do mundo observá-lo, branco e macio, no tremular dos raios de luz, vê-lo ficar diáfano como um anel de fumaça e depois desaparecer.

— Mal podia acreditar que o fizera. Estendi minhas mãos para o vazio e ali estava a matéria, sólida como se mpre. Tateei cuidadosamente e joguei-a no chão. Tive certa dific uldade em encontrá-la de novo.

— Então, houve uma experiência curiosa. Ouvi um miado atrás de mim e voltando-me, vi um gato branco magro, muito sujo, em cima da cobertura da caixa de água, do lado de fora da janela. Tive uma idéia. "Está tudo pronto para v ocê", disse, e fui até a janela, abri-a e chamei brandamente.

Ele entr ou, ronronando. O pobre animal estava morto de fome — e dei-lhe um pouco de

leite. Toda minha comida estava em um armário no ca nto do quarto. Depois, ele continuou farejando — evidentem ente com o objetivo de se instalar com todo o conforto. O pano invisível perturbou-o um pouco; você precisava ver como se er içou! Mas arranjei-lhe um lugar cômodo no travesseiro de minh a cama de rodízios. E dei-lhe manteiga, para induzi-lo a lavar-se. — E você submeteu-o ao processo?

— Sim. Mas dar drogas a um gato não é brincadeira, Kemp! E o processo falhou.

— Falhou!

— Em duas coisas. Havia as unhas e aquele pigmento — qual é? — no fundo do olho de um gato. Sabe qual é? — O tapetum.

— Sim, o tapetum. Não desapareceu. Depois que ministrei a droga para descorar o sangue e fiz mais algumas c oisas, dei ópio ao animal e coloquei-o, junto com o travesseiro onde dormia, sobre o aparelho. Mas, mesmo quando tudo tornou-se imprec iso, acabando por sumir, ainda ficaram os dois pequenos espectros dos olhos dele.

— Estranho!

— Não sei como explicar. Claro que estava enfaixado e preso — portanto, seguro; mas acordou ainda indisti nto e miou horrivelmente; alguém veio bater à porta. Era uma m ulher esquisita

que vivia no andar de baixo e que desconfiava que e u fazia vivissecções — uma pobre velha, encharcada de bebid a, que só tinha no mundo um gato branco para amar. Molhei uma gaze com clorofórmio, apliquei-a no gato e atendi a porta. " Será que ouvi um gato?", perguntou. "O meu gato?" "Aqui não", respon di, muito polidamente. Ela ficou um pouco hesitante e tentou olhar para o quarto atrás de mim, que, sem dúvida, lhe parecia b astante estranho, naturalmente — paredes nuas, janelas sem cortinas, cama de rodízios, o motor a gás vibrando, os reflexos do s pontos luminosos e aquele leve e desagradável odor de clor ofórmio no ar. Afinal teve que desistir e foi embora.

— Quanto tempo levou? — perguntou Kemp.

— Três ou quatro horas para o gato. Os ossos, tendõ es e gorduras foram os últimos a sumir, bem como as pont as mais escuras dos pêlos. E, como disse, o fundo dos olhos que, embora iridescentes, não desapareciam.

— A noite tinha caído quando terminou e não se podi a ver nada além dos olhos empanados e as unhas. Desli guei o motor a gás, tateei e acariciei o gato que ainda estava i nsensível e depois, cansado, deixei-o dormindo no travesseiro invisível e fui para a cama. Tive dificuldade em conciliar o sono. Fiquei acordado, pensando em disparates vazios e sem objetivo, repet indo mentalmente a experiência, muitas e muitas vezes, o u sonhando,

febril, com coisas que se tornavam vagas e desapare ciam junto de mim, até que tudo, inclusive o chão que me sustenta va, deixou de existir e tive um daqueles pesadelos angustiantes e m que se está caindo, que às vezes ocorrem. Por volta das duas ho ras, o gato começou a miar pelo quarto. Tentei silenciá-lo, fal ando com ele e depois resolvi pô-lo para fora. Lembro-me do choque que sofri quando estava acendendo a luz — só havia os olhos r edondos, de um verde brilhante — e nada em torno deles. Teria l he dado leite, mas não havia mais nenhum. O animal não ficava quie to, sentava- se e miava para a porta. Tentei agarrá-lo, pensando em fazê-lo sair pela janela, mas não se deixava apanhar, desapareci a. Então começou a miar pelo quarto, em lugares diferentes. Finalmente abri a janela e fiz um movimento brusco. Suponho que aca bou por ir embora. Nunca mais o vi.

— Então, só Deus sabe por quê, comecei a pensar no enterro de meu pai e na colina desolada e ventosa, até o raiar do dia. Concluí que era impossível dormir e saí, fecha ndo a porta, para vaguear pelas ruas adormecidas.

— Você não está dizendo que existe um gato invisíve l por aí! — duvidou Kemp.

— Se não foi morto — confirmou o Homem Invisível. — Por que não?

— Por que não? — ecoou Kemp. — Não quis

interromper.

— Muito provavelmente foi morto — continuou o Homem Invisível. — Sei que estava vivo quatro dias depois, em um bueiro em Great Titchfield Street; vi uma multidão em volta dele, tentando saber de onde vinham os miados.

Calou-se por quase um minuto. Depois prosseguiu. — Lembro-me nitidamente da manhã antes da transformação. Devia ter subido a Great Portland Street. Recordo o quartel em Albany Street e os soldados saindo a cavalo; e, afinal, vi- me sentado ao sol, sentindo-me muito mal e estranho , no alto de Primrose Hill. Era um dia de sol em janeiro — um de sses dias ensolarados e gélidos que tivemos antes da neve, es te ano. Meu cérebro cansado tentava equacionar a situação, a fi m de concatenar um plano a ser seguido.

— Fiquei surpreso ao descobrir como me parecia fúti l atingir a vitória, quando já a tinha ao meu alcance . Na verdade, estava esgotado; a extrema tensão de um trabalho co ntínuo de quase quatro anos tinha me deixado incapaz de qualq uer emoção positiva. Sentia-me apático e tentei inutilmente re cobrar o entusiasmo das pesquisas iniciais, a paixão pela de scoberta que me levara a ignorar a desgraça que iria se abater sobr e os cabelos brancos de meu pai. Nada parecia importar. Percebi, com muita lucidez, que aquele era um estado de espírito trans itório, devido ao

excesso de trabalho e falta de sono e que, com remé dios ou repouso poderia recobrar minhas forças.

— A única coisa em que conseguia pensar claramente era que aquilo devia ser levado a cabo; essa idéia fixa me dominava. E tinha que ser logo, pois meu dinheiro estava quase no fim. Contemplei a colina, com crianças brincando e moças cuidando delas e procurei pensar em todas as fantásticas van tagens que um homem invisível teria no mundo. Depois de algum tem po arrastei- me para casa, comi um pouco, tomei uma dose forte de estricnina e adormeci vestido na cama que não fora desfeita. A e stricnina é um tônico maravilhoso para vencer a fraqueza de um homem, Kemp. — É o diabo — disse Kemp. — A idade da pedra concentrada em uma garrafa.

— Acordei completamente revigorado e bastante irritadiço. Você sabe, não é?

— Conheço a droga.

— E havia alguém batendo à porta. Era meu senhorio com ameaças e perguntas, um velho judeu polonês de casaco cinzento comprido e chinelos sebosos. Tinha a certe za de que eu andara torturando um gato durante a noite — a velha dera com a língua nos dentes. Insistia em apurar os fatos. As leis do país contra a vivissecção eram muito severas — ele poderia ser responsabilizado. Neguei o gato. Mas sentia-se a vi bração do

pequeno motor a gás por toda a casa, objetou ele. A quilo, realmente, era verdade. Esgueirou-se, passando por mim e entrou no quarto, examinando-o por cima dos óculos alemães de armação de prata e, de repente, temi que pudesse divulgar um pouco do meu segredo. Tentei colocar-me entre ele e o aparelho s intetizador que tinha montado e isso apenas aguçou-lhe a curiosidad e. Que estava fazendo? Por que me mantinha sempre isolado e miste rioso? Era legal? Perigoso? Eu não pagava senão o aluguel de p raxe. A casa dele sempre fora extremamente respeitável em uma vizinhança mal- afamada. Subitamente, perdi a paciência. Disse-lhe que saísse. Ele começou a protestar, a papaguear sobre seu direito de entrar. Em um instante peguei-o pela gola; alguma coisa rasgou -se e ele foi projetado, rodopiando, para o corredor. Bati a port a, tranquei-a e sentei-me, tremendo.

O sujeito do lado de fora criou um rebuliço a que não dei atenção e após algum tempo foi embora.

— Mas isso gerou uma crise em torno do caso. Não sabia o que ele faria, e nem mesmo o que teria o direito de fazer. Mudar para outro apartamento implicaria em atraso; restav am-me no mundo apenas vinte libras — a maior parte em um ban co — e não podia dar-me a esse luxo. Desaparecer! A idéia era irresistível. Mas haveria um inquérito, a pilhagem de meu quarto. . . — Ao pensar na possibilidade da revelação de meu

trabalho ou de sua interrupção, agora que chegara a o auge, fiquei enfurecido e ativo. Saí apressadamente com meus trê s livros de anotações e meu talão de cheques — o vagabundo está com eles agora — e despachei-os da agência dos Correios mais próxima para uma posta-restante para cartas e volumes em Great Portland Street. Tentei sair sem fazer barulho. Ao voltar, encontrei meu senhorio subindo as escadas silenciosamente; ouvira a porta fechar-se, creio. Você teria rido se o visse pular para o lado do pat amar da escada, quando corri atrás dele. Fulminou-me com o olhar qu ando o ultrapassei, e fiz a casa toda tremer quando bati a porta. Ouvi-o chegar, arrastando os pés, hesitar e descer. Imediatamente pus-me a trabalhar em minhas fórmulas.

— Fiz tudo naquela tarde e noite. Enquanto ainda es tava sentado, sob o efeito enjoativo e entorpecente das drogas que descolorem o sangue, bateram insistentemente na por ta. Pararam, ouvi passos que se afastavam e voltavam e as batida s recomeçaram. Houve uma tentativa de enfiar alguma coisa por baix o da porta — um papel azul. Então, em um acesso de cólera, levan tei-me, escancarei a porta com violência e perguntei: — Que é agora? — Era meu senhorio, com uma intimação de despejo, o u coisa semelhante. Estendeu-a para mim, acho que viu algo esquisito em minhas mãos e ergueu os olhos para meu rosto. — Por um instante, ficou de boca aberta. Depois, de u

uma espécie de grito surdo, deixou cair a vela e a intimação e fugiu aos tropeções, pelo corredor escuro até as escadas. Fechei e tranquei a porta e fui até o espelho. Ali, entendi o pânico do homem. Meu rosto estava branco como uma pedra-mármore. — Tudo foi horrível. Não tinha contado com tanto sofrimento. Uma noite de suplício, enjôo e desmaios . Cerrei os dentes, embora minha pele estivesse em fogo; todo o meu corpo estava em fogo; mas resisti com unhas e dentes. Com preendi então porque o gato tinha miado tanto até que lhe aplicas se o clorofórmio. Por sorte vivia só em meu quarto, sem ninguém que zelasse por mim. Houve ocasiões em que soluçava, ge mia e me lamentava. Mas resisti. Tornei-me insensível e acor dei debilitado, no escuro.

— A dor passara. Achei que estava me suicidando, ma s pouco me importava. Nunca esquecerei daquela madrug ada, do estranho terror de ver que minhas mãos pareciam fei tas de vidro opaco ao observá-las

enquanto iam ficando cada vez mais límpidas e transparentes com o correr do dia, até que, final mente, tornou-se possível ver através delas a incrível desordem de m eu quarto, mesmo que fechasse minhas pálpebras, também transpa rentes. Braços e pernas foram ficando vítreos, os ossos e artérias tornaram- se imprecisos e desapareceram e os pequenos nervos esbranquiçados foram os últimos a sumir. Rilhei os dentes e

agüentei até o fim, quando só permaneceram as ponta s mortas de minhas unhas, descoradas e lívidas e a mancha casta nha de algum tipo de ácido em meus dedos.

— Lutei para levantar-me. A princípio senti-me tão incapaz quanto um bebê de cueiros — tentando pôr-me de pé com membros que não podia ver. Estava fraco e com muita fome. Fui até ao espelho em que me barbeava e olhei para o na da, a não ser por um pigmento atenuado que ainda restava por trás da retina de meus olhos, mais tênue do que uma névoa. Tive que a poiar-me na mesa e encostar a testa de encontro ao espelho. — Só um apelo desesperado a toda minha força de vontade arrastou-me de volta à aparelhagem, para co mpletar o processo.

— Dormi a manhã toda, cobrindo os olhos com o lenço l para defender-me da claridade e, por volta de meio- dia, fui novamente acordado por uma batida na porta. Tinha r ecobrado minhas forças. Ergui-me, atento e ouvi um sussurro. Pus-me de pé, em um salto e, tão silenciosamente quanto possível, comecei a desmontar as ligações de meu aparelho e a espalhá-l as pelo quarto, de forma a destruir qualquer sugestão de uma montag em correta. Um pouco depois bateram de novo e chamaram, primeiro a voz do senhorio e a seguir mais duas. Para ganhar tempo, r espondi. Peguei o pano e o travesseiro invisíveis e joguei-os fora, em cima da tampa

da caixa de água. Quando abri a janela, ouvi um est rondo à porta. Alguém a tinha forçado, com a intenção de quebrar a fechadura. Mas os trincos resistentes que tinha colocado algun s dias antes, detiveram-no. Aquilo me sobressaltou e enfureceu. C omecei a tremer e a fazer as coisas apressadamente.

— Juntei no meio do quarto algumas folhas soltas de papel, palha, papel de embrulho e coisas assim e abri o gás. A porta começou a ser castigada

por golpes cada vez mais vi olentos. Não encontrava os fósforos. A raiva fazia-me socar as p aredes. Fechei novamente o gás, saí pela janela para a tampa da ca ixa de água, baixei cuidadosamente a janela de guilhotina e sent ei-me para ver o que acontecia, invisível e seguro, mas trêmulo de ó dio. Vi que tinham rebentado um painel da porta, em seguida que brado os encaixes das lingüetas das fechaduras e estavam no umbral da porta aberta. Eram o senhorio e seus enteados, dois rapaz es fortes de vinte e três ou vinte e quatro anos. Atrás deles ag itava-se a velhota do andar térreo.

— Pode imaginar seu espanto ao encontrarem o quarto vazio. Um dos jovens correu imediatamente para a ja nela, abriu-a e olhou para fora. Seus olhos parados e o rosto barba do de lábios grossos chegaram a centímetros de meu rosto. Tive v ontade de socar aquela cara idiota, mas contive meu punho fec hado. Ele olhou através de mim. O mesmo fizeram os outros que se

acercaram dele. O velho foi olhar embaixo da cama e depois todos se precipitaram para o armário. Discutiram longamen te sobre os fatos em iídiche e em dialeto de Londres. Concluíra m que eu não lhes tinha respondido e que a imaginação os enganar a. Uma sensação de euforia extraordinária substituiu minha ira enquanto os observava sentado do lado de fora, quatro pessoas — pois a velha também entrara e olhava à sua volta tão desconfiada quanto um gato, tentando compreender o enigma de meu comportamento. — O velho, até onde podia entender seu dialeto, concordava com a mulher que eu era um vivisseccioni sta. Os filhos protestavam, em um inglês vulgar, afirmando que era eletricista, baseados nos dínamos e caloríferos. Todos receavam que eu chegasse, embora mais tarde tivesse descoberto que haviam trancado a porta de entrada. A velha deu uma espiad ela no armário e embaixo da: cama e um dos jovens empurrou o regis tro e examinou a chaminé. Um dos outros hóspedes, um verd ureiro ambulante que dividia o quarto em frente com um aço ugueiro, apareceu no patamar, foi convidado a entrar e disse coisas incoerentes.

— Ocorreu-me que, se os aparelhos de aquecimento caíssem nas mãos de uma pessoa arguta e instruída r evelariam muito do meu trabalho e aproveitando uma oportunidade, entrei no quarto e entortei um dos

pequenos dínamos em relaçã o ao outro

no qual se apoiava, quebrando ambos os aparelhos. E ntão, enquanto eles tentavam explicar por que tinham se q uebrado, esgueirei-me para fora do quarto e desci sem fazer barulho. — Entrei em uma das salas e esperei até que descess em também, ainda especulando e discutindo, todos um ta nto desapontados por não terem encontrado "horrores" e um pouco confusos quanto à posição assumida em relação a mim . Então subi de novo com uma caixa de fósforos, pus fogo no mont e de papel e lixo, coloquei as cadeiras e roupa de cama junto de le, dirigi o gás para tudo aquilo por meio de um tubo de borracha e, dando adeus ao quarto, deixei-o pela última vez.

— Você incendiou a casa! — exclamou Kemp.

— Incendiei a casa. Era a única forma de encobrir m inha trilha — e, sem dúvida, estava no seguro. Abri cuid adosamente os trincos da porta da frente e saí para a rua. Estava invisível e apenas começava a compreender a enorme vantagem que a invi sibilidade me dava. Minha cabeça já estava fervilhando com pla nos de todas as coisas loucas e maravilhosas que poderia fazer impunemente.

EM OXFORD STREET

— Ao descer as escadas pela primeira vez, deparei c om

uma dificuldade inesperada, porque não via meus pés ; na verdade, tropecei duas vezes e foi com uma falta de jeito qu e não me era habitual que segurei o ferrolho. No entanto, conseg ui andar razoavelmente bem no piso plano, tomando cuidado para não olhar para baixo.

— Devo dizer que meu estado de espírito era o de euforia. Sentia-me como um homem que, com os pés ac olchoados e roupas que não farfalhavam, enxergasse em uma cid ade de cegos. Tive um impulso louco de brincar, de assombrar as p essoas, de bater nas costas dos homens, de jogar para longe se us chapéus e de divertir-me de um modo geral com minha extraordinár ia prerrogativa.

— Mas mal chegara a Great Portland Street (a casa o nde me hospedava era perto de uma grande loja de fazend as naquela rua), quando ouvi o estrondo de uma batida e fui at ingido violentamente por trás; voltando-me, vi um homem qu e carregava uma cesta de sifões de soda, olhando atônito o seu fardo. Embora o golpe tivesse me machucado realmente, achei o esp anto dele tão irresistível que ri alto. "O diabo está na cesta", disse eu, e puxei-a bruscamente da mão dele. Soltou-a, incontinenti e b alancei toda a carga no ar.

— Mas o idiota de um cocheiro que estava parado em frente a um botequim correu para apanhá-la e seus d edos

estendidos acertaram-me abaixo da orelha com uma fo rça insuportável. Deixei cair tudo com uma pancada no c ocheiro e só depois, com o barulho de pés perto de mim, gente sa indo das lojas e veículos parando, é que entendi o que tinha feito a mim mesmo; maldizendo minha estupidez, recuei até uma vitrine e preparei-me para fugir àquela confusão. Não tardaria muito para que fosse cercado pela multidão e fatalmente descoberto. Empu rrei o ajudante do açougue que, para minha sorte, nem se v oltou para investigar o nada que o havia empurrado para o lado e refugiei-me atrás da carruagem do cocheiro. Não sei como explic aram os fatos. Apressei-me a atravessar a rua que, felizmente, est ava desimpedida; e, mal prestando atenção ao caminho que tomava, por causa do incidente que me despertara o medo de ser descobert o, mergulhei no congestionamento vespertino de Oxford Street. — Tentei incorporar-me à corrente de pessoas, mas estava muito compacta e não demorou para que pisass em meus calcanhares. Desci para a sarjeta, cuja aspereza er a dolorosa para meus pés e logo o varal de um cabriolé vagaroso pre ssionou-me com força a omoplata, lembrando-me de que já estava muito machucado. Cambaleante, saí do caminho do veículo, driblei um carrinho de criança com um movimento convulsivo e f ui parar atrás do cabriolé. Salvou-me uma inspiração feliz e segui em sua esteira enquanto este avançava devagar, trêmulo e a ssustado com o

desfecho de minha aventura. E não apenas trêmulo, m as batendo os dentes. Era um dia claro de janeiro, minha nudez era total, e a camada escorregadia de lama que cobria o chão estav a gelada. Por mais tolo que me pareça agora, não tinha pensado que, transparente ou não, ainda

estava sujeito ao tempo e a todas as suas variações. — Subitamente, ocorreu-me uma idéia luminosa. Circundei o cabriolé e subi. Assim, tintando, amedr ontado, espirrando com os primeiros sinais de um resfriado e começando a sentir as contusões e minhas costas, desci lentamen te Oxford Street, deixando para trás Tottenham Court Road. Po de-se imaginar como meu estado de espírito era diferente daquele com que tinha saído fazia dez minutos. Aquela invisibil idade era demais! Um só pensamento me dominava — como livrar-me da en rascada em que estava metido.

— Passamos devagar por Mudie e ali uma mulher alta, com cinco ou seis livros de etiquetas amarelas, fez sinal para o meu cabriolé e mal tive tempo de pular fora para fugir a ela, escapando por pouco de um vagão ferroviário, em minha precipi tação. Tomei o caminho de Bloomsbury Square, pretendendo, passad o o Museu, dirigir-me para o norte, para o distrito mais calmo . Estava dolorosamente enregelado e a estranheza de minha si tuação acovardava-me tanto que choramingava ao correr. No canto norte da praça um cachorrinho branco saiu da sede da Soci edade

Farmacêutica e correu imediatamente para mim, farejando. — Nunca tinha pensado nisso antes, mas o nariz está para a mente de um cão, como os olhos para a mente de um homem que vê. Os cães sentem o cheiro de um homem e m movimento, como os homens registram sua aparência. O animal começou a latir e pular, demonstrando claramente, a o que me parecia, perceber minha presença. Atravessei Great Russell Street relanceando para trás por cima do ombro e segui um pouco por Montague Street, antes de perceber para onde estava correndo. — Então ouvi um clamor de música e, olhando rua abaixo, vi um grupo de pessoas que vinham de Russel l Square, de camisas vermelhas e empunhando a bandeira do Exérci to da Salvação. Não podia alimentar a esperança de varar tal multidão que cantava pelo caminho, batendo com os pés no chão e, temendo voltar, afastando-me novamente de casa, decidi impu lsivamente; subi correndo os degraus brancos de uma casa em fre nte às grades do Museu e fiquei ali até que a multidão pudesse pa ssar. Felizmente, o cão parou, ao ouvir o barulho da música, hesitou, deu meia-volta e correu de novo para Bloomsbury Square. — A banda continuou a se aproximar cantando, com uma ironia inconsciente, um hino que dizia: "Quando verei seu rosto?" e a corrente da multidão

pareceu levar um t empo infinito a passar pela rua diante de mim. O tambor soava bum, bum, bum,

com uma ressonância vibrante e, momentaneamente, nã o me apercebi de dois garotos parados em frente às grade s, a meu lado. "Veja aquilo", disse um. "Aquilo o quê?", perguntou o outro. "Ora, aquelas marcas de pé, descalças. Como as que se faz na lama." — Olhei para baixo e vi que os garotos tinham parad o e estavam olhando, de boca aberta, as pegadas sujas d e lama que deixara, ao subir os degraus recentemente cobertos de neve. Os passantes acotovelavam-nos e empurravam-nos, mas a maldita inteligência deles fora despertada. "Bum, bum, bum. Quando, bum.. veremos, bum, seu rosto, bum, bum." "Um homem descalço subiu esses degraus, ou não entendo de nada", disse um deles "E não desceu. E o pé dele estava sangrando."

— O grosso da multidão já tinha passado. "Olhe aqui , Ted", falou o mais jovem dos detetives, com a vivac idade da surpresa em sua voz, e apontou diretamente para meu s pés. Olhei também e vi logo a sugestão imprecisa de seus conto rnos calcados nos salpicos de lama. Por um instante, fiquei paralisado. — "Ora, isso é esquisito", disse o mais velho. "Dan ado de esquisito! Parece até o fantasma de um pé, não a cha?" Hesitou e avançou, com a mão estendida. Um homem, e depois um a moça, pararam bruscamente para ver o que estava apanhando . Faltava pouco para que me tocasse. Então vi o que tinha a f azer. Dei um passo, o menino pulou para trás com uma exclamação e, com um

movimento rápido, passei para o pórtico da casa viz inha. Mas o menino menor tinha a vista suficientemente apurada para seguir esse movimento e, antes que tivesse descido todos o s degraus para chegar à calçada, recobrou-se do espanto momentâneo e começou a gritar que os pés tinham passado por cima do muro. — Deram a volta apressadamente e viram minhas novas pegadas materializarem-se sobre o último degrau e a calçada. "Que está acontecendo?", perguntou alguém. "Pés! Vejam! Pés correndo!" Com exceção de meus três perseguidores, todas as pessoas na rua acompanhavam o Exército da Salvação, e isso não era um obstáculo apenas para mim, mas para eles tam bém. Houve um tumulto, cheio de surpresas e interrogações. Con segui passar, embora tivesse que derrubar um jovem e, logo em seg uida, vi-me correndo em volta de Russell

Square, com seis ou se te sujeitos assombrados seguindo as marcas de meus pés. Não hav ia tempo para explicações, ou toda aquela gente viria atrás de mim. — Dobrei esquinas duas vezes, atravessei a rua três e voltei atrás e então, enquanto meus pés ficavam que ntes e secos, as impressões úmidas começaram a desaparecer. Afinal p odia respirar e esfreguei os pés com as mãos para limpá-los e ass im consegui escapar. A última coisa que vi da perseguição foi u m pequeno grupo, talvez uma dúzia de pessoas, examinando com infinita perplexidade a impressão de um pé que secava lentam ente e saíra

de uma poça em Tavistock Square — uma pegada tão so litária e incompreensível para eles quanto a descoberta isolada de Crusoé — Toda aquela correria tinha me aquecido até certo ponto e prossegui mais animado pelo labirinto dos caminhos pouco freqüentados que existem nas cercanias. Minhas cost as estavam ficando mais rígidas e doloridas, minhas amígdalas tinham sido machucadas pelos dedos do cocheiro e a pele de meu pescoço fora arranhada pelas unhas dele; os pés doíam demais, e um pequeno corte em um deles fazia-me coxear. Em tempo, vi um cego que se aproximava e fugi capengando, pois temia sua intuiç ão sutil. Uma ou duas vezes ocorreram colisões acidentais e deixa va as pessoas pasmas com vários xingamentos inexplicáveis tinindo em seus ouvidos. Depois senti algo silencioso e macio de en contro a meu rosto e toda a praça foi coberta por um véu de floc os de neve que caíam devagar. Tinha apanhado um resfriado e, por m ais que fizesse, não podia evitar um espirro ocasional. E c ada cão que surgia, com o nariz em riste e o farejar curioso, e ra um terror para mim.

— Logo apareceram homens e garotos correndo, primeiro um, depois outros, gritando enquanto corri am. Era um incêndio.

Apressavam-se na direção de minha hospedaria e, olhando para trás por uma das ruas, vi um rolo comp acto de

fumaça negra que subia, ultrapassando os telhados e fios telefônicos. Eram meus aposentos que estavam em fog o; minhas roupas, aparelhos, todos os meus recursos estavam a li, exceto o talão de cheques e os três volumes de anotações que me esperavam em Great Portland Street. Ardendo! Se jamais um hom em queimou seus barcos, este homem fui eu.

O Homem Invisível calou-se e entregou-se a seus pensamentos. Kemp relanceou nervosamente para fora, através da janela. — Sim — disse ele. — Continue.

NA LOJA DE DEPARTAMENTOS

— Assim, em janeiro passado, com a ameaça de uma tempestade de neve no ar — e se a neve caísse sobre mim seria traído! — cansado, com frio, dolorido, terrivelment e infeliz e sem estar ainda totalmente convencido de meu estado de invisibilidade, comecei essa vida nova à qual estou condenado. Não tinha refúgio, instrumentos, nenhum ser humano no mundo em quem pu desse confiar. Contar meu segredo iria denunciar-me — fazer de mim um simples espetáculo e uma curiosidade. Mesmo assim, tinha vontade de abordar algum passante e colocar-me à sua mercê. Mas conhecia, sem sombra de dúvida, o terror e a crueldade brutal que minha

tentativa de comunicação despertaria. Não fiz plano s na rua. Meu único objetivo era abrigar-me da neve, vestir-me e aquecer-me; só então poderia ter esperança de planejar alguma cois a. Mas até para mim, um Homem Invisível, as fileiras de casas de Lo ndres permaneciam fechadas, barradas e impenetravelmente trancadas. — Só podia ver uma coisa com clareza diante de mim: a exposição ao frio e o tormento da nevasca e da noite. — Então, tive uma idéia brilhante. Tomei uma das passagens que levam de Gower Street e Tottenham Cou rt Road e achei-me diante do "Omniums", o grande estabelecime nto onde se pode comprar tudo — você conhece o lugar — carne, g êneros alimentícios, lençóis, toalhas, móveis, roupas e at é quadros a óleo — um enorme labirinto de lojas, em uma só. Pensei q ue encontraria as portas abertas, mas estavam fechadas ; porém, enquanto ainda estava parado na ampla entrada, vi u ma carruagem frear e um homem uniformizado — você já viu o tipo de personagem com "Omnium" no boné — abriu a porta. Co nsegui entrar e andando pela loja — era uma seção onde ven diam fitas, luvas e meias, coisas assim — e cheguei a um local mais espaçoso, especializado em cestas de piquenique e móveis de vime. — Não me sentia em segurança ali; havia gente andan do de um lado para outro e perambulei nervosamente pel as cercanias até que cheguei a um vasto departamento, no andar s uperior, que

expunha centenas de camas e atrás delas encontrei f inalmente um lugar para repousar, no meio de uma pilha alta de c olchões dobrados, cheios de flocos de lã. O lugar já estava iluminado e agradavelmente aquecido e resolvi ficar, vigiando c autelosamente dois ou três grupos de vendedores e clientes que va gavam pelo lugar até que chegasse a hora de fechar. Então pode ria, pensei, roubar comida e roupas do lugar e, disfarçado, perc orrê-lo para examinar-lhe os recursos e talvez dormir em alguma cama. Aquele parecia-me um plano sensato. Minha intenção era arr anjar roupas para tornar-me uma figura embuçada mas aceitável, p egar dinheiro e recuperar meus livros e volumes onde esperavam po r mim, hospedar-me em algum lugar e elaborar planos para d esfrutar ao máximo das vantagens que a invisibilidade me conferia (como ainda pensava) sobre meus semelhantes.

— A hora de fechar chegou rapidamente; não podia te r passado mais de uma hora depois que me acomodei nos colchões, quando vi que as persianas das janelas estavam send o abaixadas e os clientes dirigiam-se para a porta. Então, um con tingente de jovens ativos começou a arrumar as mercadorias que tinham ficado fora dos lugares, com uma vivacidade notável. Deixe i meu abrigo quando a aglomeração diminuiu e andei cautelosament e pelos setores menos desertos da loja. Estava verdadeiramente surpreso ao observar com que rapidez os jovens, homens e mulher es, retiravam

as mercadorias que tinham ficado em exposição para venda, durante o dia todo. Todas as caixas de artigos diversos, os cortes de fazenda, as cascatas de rendas, as caixas de bombon s na seção de alimentos, as amostras de uma coisa e outra eram ap anhadas, dobradas, jogadas em minúsculos receptáculos e tudo quanto não podia ser descido e guardado, era coberto por panos de um material grosseiro como aniagem. Finalmente, todas as cadeir as foram colocadas nos balcões, de pés para cima, deixando o piso desembaraçado. Logo que cada um dos jovens terminava sua tarefa, ele ou ela dirigia-se prontamente para a porta, com uma expressão animada que poucas vezes já vira em um empregado de loja. Depois chegaram muitos outros moços espalhando serr agem e carregando baldes e vassouras. Tive que sair depres sa do caminho deles e foi assim que um pouco de serragem agarrou- se a meu tornozelo. Durante algum tempo, vagando pelas seções escurecidas e cobertas de

serragem, ouvi as vassouras trabalhan do. E, enfim, após uma boa hora ou mais, depois da loja fechada, veio o barulho de portas sendo trancadas. O silêncio desceu e vi-m e andando sozinho pelo enorme emaranhado de lojas, galerias e salões de exposição. Estava muito quieto; em um dos lugares, lembro-me de ter passado perto de uma das entradas de Tottenham Court Road e de ter ficado ouvindo o barulho das botas dos passantes. — Minha primeira visita foi ao lugar onde vira meia s e

luvas para vender. Estava escuro e procurei fósforos como o diabo; encontrei-os, enfim, na gaveta da mesa onde ficavam pequenas quantias. Depois tive que arranjar uma vela. Fui ob rigado a retirar os panos protetores e examinar inúmeras caixas e ga vetas, mas acabei por encontrar o que procurava; a etiqueta da caixa dizia: "calças e coletes de lã de carneiro". Em seguida meias, uma echarpe grossa e passei para a seção de roupas e apanhei ca lças, um paletó esportivo, um sobretudo e um chapéu de feltro macio — uma espécie de chapéu clerical, com a aba voltada para baixo. Comecei a sentir-me novamente um ser humano e meu próximo pen samento foi a comida.

— No andar superior havia um setor com uma lanchonete e ali consegui frios. O bule ainda tinha café e acendi o gás para aquecê-lo mais um pouco. Não passei nada m al. Depois, andando pelo pavimento à procura de cobertores — ti ve que me contentar com um monte de acolchoados de penas — de scobri um departamento de alimentos, com muito chocolate e fr utas cristalizadas — mais do que era de fato bom para mi m — e umas garrafas de borgonha branco. Próximo, havia uma seç ão de brinquedos e tive uma idéia brilhante. Achei alguns narizes artificiais — sabe, narizes postiços e pensei em óculos escuros. Mas no "Omniums" não havia um setor de ótica. Meu nariz tinha, realmente, sido difícil e já havia pensado em pintu ra. Mas a

descoberta pôs minha mente a funcionar avaliando pe rucas, máscaras e coisas semelhantes. Acabei por adormecer em um monte de acolchoados de penas, muito quentes e confortáveis. — Meus últimos pensamentos, antes de adormecer, foram os mais agradáveis que já tivera antes da mud ança. Estava em um estado de serenidade física e isso refletia-s e em minha mente. Achava que poderia sair de manhã sem ser obs ervado, vestido com minhas roupas e escondendo meu rosto co m uma echarpe

branca que apanhara, para comprar, com o di nheiro que encontrara, óculos e o mais, completando assim o meu disfarce. Caí em um sono perturbado, no qual figuravam todas as c oisas fantásticas que haviam acontecido nos poucos dias m ais recentes. Vi o senhorio, aquele pequeno judeu feio, vociferan do em seus aposentos; vi seus dois filhos espantados e a cara enrugada e contorcida da velha que perguntava pelo gato. Exper imentei novamente a sensação de ver o pano desaparecer e ch eguei até a colina ventosa e o velho pastor espirrando e resmun gando: "O pó reverte ao pó e a terra à terra", e o túmulo aberto de meu pai. — "Você também", disse uma voz e de repente comecei a ser empurrado para a sepultura. Lutei, gritei, ap elei para os que assistiam ao serviço fúnebre, mas continuaram, impassíveis, a seguir o ritual; o velho pastor não parava de orar e espirrar durante todo o serviço. Compreendi que estava invisível e inaudíve l e forças

superiores tinham se apossado de mim. Lutava em vão , fui empurrado para dentro, o caixão soou ocamente quand o caí por cima dele e a terra começou a descer sobre mim joga da pelas pás. Ninguém me prestava atenção, ninguém se apercebia d e mim. Reagi convulsivamente e acordei.

— A pálida aurora de Londres despontara e o lugar estava banhado por uma luz fria e cinzenta que se f iltrava através dos espaços das persianas das janelas. Sentei-me e por algum tempo não consegui lembrar-me onde poderia ser aquele apa rtamento amplo com seus balcões, pilhas de material enrolado , montes de acolchoados, almofadas e colunas de ferro. Então, q uando comecei a me lembrar, ouvi vozes que conversavam.

— Num ponto distante, na luz mais clara de algum se tor onde as persianas já haviam sido levantadas, vi que dois homens se aproximavam. Pus-me de pé em um salto, olhando a me u redor à procura de alguma rota de fuga e, ao fazê-lo, o som de meu movimento chamou a atenção deles sobre mim. Suponho que viram apenas uma silhueta que se afastava rápida e silenciosamente. "Quem é?", gritou um, e o outro, "pare aí". Precipi tei-me para contornar um canto e dei em cheio — um corpo sem ro sto, veja bem! — com um rapazola magro de uns quinze anos. El e berrou, eu o derrubei, passei correndo por ele, virei outra esquina e, por uma inspiração feliz, joguei-me atrás de um balcão onde fiquei

esticado no assoalho. Não tardou para que outros pé s passassem voando por mim e ouvi vozes gritando: "Todos para a s portas!", perguntando o que estava acontecendo e trocando opiniões sobre a maneira de me apanhar.

— Deitado no chão, sentia-me alucinado de medo. Mas , por mais estranho que pareça, não me ocorreu naquel e momento, tirar as roupas, que era o que deveria ter feito. A cho que tinha me decidido a fugir vestido com elas e isso me obcecav a. Foi então que, do corredor formado pela parte interna dos bal cões, veio o grito: "Aqui está ele!"

— Pus-me de pé, peguei uma cadeira em cima do balcã o e atirei-a com força no idiota que tinha gritado, voltei-me, encontrei outro dobrando mais um canto, atirei-o longe e prec ipitei-me escadas acima. Este manteve a calma, soltou um "Olá !" e subiu as escadas em minha perseguição. No alto das escadas e stava empilhada uma porção desses potes coloridos — como se chamam?

— Cerâmicas artísticas — sugeriu Kemp.

— Isso mesmo! Cerâmicas artísticas. Bem, voltei-me no último degrau, peguei uma da pilha e quebrei-a naqu ela cabeça tola que avançava para mim. Toda a pilha de potes caiu e ouvi gritos e pés correndo de todos os lados. Precipitei-me para a lanchonete e lá, um homem de branco, como um cozinheiro, juntou- se à

perseguição. Dei mais uma última e desesperada volt a e encontrei- me entre lâmpadas e ferragens. Fui para trás do bal cão e esperei pelo meu cozinheiro e quando ele irrompeu, à frente da caçada, bati-lhe com uma lâmpada. Ele caiu e eu, agachando-me por trás do balcão, comecei a tirar as roupas tão depressa quan to possível. Sobretudo, paletó, calças, sapatos, saíram bem, mas uma camiseta de lã de carneiro ajusta-se a um homem como uma seg unda pele. Ouvi mais homens chegando, mas meu cozinheiro jazia quieto do outro lado do balcão, desmaiado ou assustado a pont o de perder a voz e eu tinha que sair dali, como um coelho enxota do de um monte de lenha.

— "Por aqui, guarda!", ouvi alguém dizer. Estava novamente no depósito de camas e no final de uma se lva de guarda-roupas. Corri por entre eles,

caí, livrei-me da camiseta após contorções infindáveis e vi-me livre outra vez, ofegante e assustado, quando o policial e um dos balconistas dobraram a e squina formada pela parede. Atiraram-se sobre a camiseta e as calças e agarraram as calças. "Ele está deixando cair o roub o", disse um dos jovens. "Deve estar em algum lugar por aqui." — Mas, mesmo assim, não me encontraram.

— Fiquei algum tempo olhando a caçada e maldizendo minha má sorte de perder as roupas. Depois fui para a lanchonete, bebi um pouco de leite que encontrei ali e sentei-m e junto ao fogo

para examinar minha situação.

— Dentro em pouco chegaram dois empregados e começaram a discutir o assunto muito excitados, com o idiotas que eram. Ouvi um relato exagerado de minhas depredaçõe s e outras hipóteses aventadas sobre meu paradeiro. Depois recomecei a fazer planos. A dificuldade insuperável daquele lugar, es pecialmente agora que tinha sido alertado, era retirar de lá qu alquer material roubado. Desci até o armazenamento, para verificar se havia qualquer possibilidade de embalar e endereçar um em brulho, mas não sabia como funcionava o sistema de controle. Po r volta das onze horas, a neve que caíra tendo derretido e o di a sendo mais bonito e um pouco mais quente que o anterior, decid i que a loja de departamentos era impossível e saí novamente, exasp erado com meu insucesso tendo em mente apenas os mais vagos p lanos de ação.

EM DRURY LANE

— Agora você está começando a entender o grande inconveniente de minha situação — continuou o Homem Invisível. — Não tinha abrigo, nem agasalho. Vestir-me seria a brir mão de

toda minha vantagem, tornar-me algo estranho e terr ível; estava em jejum, pois comer, encher-me de matéria não assimil ada, seria tornar-me grotescamente visível de novo.

— Não pensei nisso — disse Kemp.

— Também não tinha pensado. E a neve me havia mostrado outros perigos. Não podia andar na neve — ela pousaria em mim e me exporia. A chuva também faria de mim um a silhueta aquosa, a superfície brilhante de um homem — uma bo lha. E a neblina — deveria parecer uma bolha menos nítida em um nevoeiro, um corpo, o lampejo fugidio de um ser hum ano. Além disso, quando saí, no ar de Londres, juntava sujeir a em meus tornozelos e manchas flutuantes de fuligem e poeira em minha pele. Não tinha idéia de quanto tempo demoraria até que me tornasse visível, por causa disso também. Mas via c laramente que não seria muito.

— De qualquer forma, não em Londres.

Atravessei a zona de cortiços em direção a Great Portland Street e encontrei-me no fim da rua onde h avia morado. Não fui por ali por causa da turba que se aglomerav a a meio caminho, diante das ruínas ainda fumegantes da casa que tinha incendiado. Meu problema mais urgente consistia em arranjar roupas. Outra coisa que me preocupava era o que faz er com meu rosto. Vi então uma dessas pequenas lojas de miscel ânea, jornais,

balas, brinquedos, papéis de carta, disfarces que haviam sobrado do Natal e coisas assim — uma coleção de máscaras e na rizes. Compreendi que um problema estava resolvido. Imedia tamente, soube o que devia fazer. Dei meia-volta, não mais s em objetivo e acerquei-me — tortuosamente, a fim de evitar os cam inhos mais freqüentados — pelas ruas ao norte do Strand; pois lembrava-me, embora não muito distintamente, onde alguns fornece dores de roupas para teatro tinham lojas nas cercanias. — O dia estava frio, com um vento cortante que vara va as ruas que iam para o norte. Andava depressa, com medo de que alguém emparelhasse comigo. Cada esquina era um per igo, cada pedestre algo que tinha que observar atentamente. U m homem que ia ultrapassando, no fim de Bedford Street voltou-se bruscamente e colidiu comigo, jogando-me na rua, quase sob as rod as de um coche que passava. O veredicto dos cocheiros na fil a de carros de aluguel foi que ele tivera algum tipo de ataque. Fi quei tão acovardado por esse encontro que fui até o mercado de Covent Garden e sentei-me por algum tempo, ofegante e trêm ulo, em um canto sossegado, junto a uma banca de violetas. Constatei que tinha apanhado outro

resfriado e fui obrigado a sair de l á pouco depois, para não correr o risco de chamar atenção com meus espirros. — Finalmente alcancei o objetivo de minha busca, um a lojinha suja e cheia de moscas em um beco perto de Drury Lane,

com a vitrine cheia de roupões de borlas douradas, jóias falsas, perucas, chinelos, dominós e fotografias de teatro. A loja era antiquada, escura e de teto baixo, e a casa acima d ela tinha quatro andares encardidos e melancólicos. Olhei pela vitri ne e, não vendo ninguém lá dentro, entrei. O abrir da porta fez com que soasse um sino estridente. Deixei-a aberta e circundei um est rado de roupas vazio, até um canto por trás de um espelho comprido de abrir. Por mais ou menos um minuto, não veio ninguém. Então ou vi pés que atravessavam pesadamente a sala e apareceu um homem no outro extremo da loja.

— Meus planos estavam perfeitamente definidos. Pretendia entrar na casa, esconder-me no andar de c ima, esperar pela oportunidade e, quando tudo estivesse quieto, procurar uma peruca, óculos com máscara e roupas, saindo para o mundo como uma figura grotesca, mas ainda assim, revestida de credibilidade. E, aproveitando a chance, naturalmente, roubaria todo o dinheiro disponível na casa.

— O homem que havia entrado na loja era baixo, magr o, curvo, de testa saliente, com braços compridos e pe rnas arqueadas muito curtas. Ao que parecia, tinha interrompido su a refeição. Olhou a loja toda, com uma expressão de expectativa . Esta transformou-se em surpresa e depois em raiva, quand o viu que estava vazia. — "Malditos garotos!", xingou. Foi até a porta e olhou

a rua de um extremo a outro. Após um minuto entrou, fechou a porta da loja irritadamente com um pontapé e voltou , resmungando, à porta que levava à moradia.

— Adiantei-me para segui-lo e, com o barulho de meu s movimentos, parou abruptamente. Fiz o mesmo, espant ado com a agudeza de sua audição. Bateu a porta da casa na minha cara. — Parei, hesitante. De súbito, ouvi seus passos apressados que voltavam e a porta foi reaberta. Fic ou observando a loja, como alguém que ainda não está convencido. De pois, ainda resmungando, examinou a parte de dentro do balcão e

olhou atrás de algumas armações. Deteve-se, cheio de dúvidas. Tinha deixado a porta da casa aberta e esgueirei-me para a sala interna. — Era uma salinha esquisita, pobremente mobiliada, com uma quantidade de máscaras grandes a um canto. À me sa estava sua refeição interrompida e foi uma coisa extremame nte frustrante para mim, Kemp, ser obrigado a sentir apenas o chei ro do café, olhando-o, quando o homem voltou e continuou a come r. E suas maneiras à mesa eram irritantes. Três portas abriam -se para a salinha, uma levando para cima e outra para baixo, mas estavam fechadas. Não podia sair da sala enquanto ele estiv esse ali, mal podia mover-me por causa de seus ouvidos e havia uma corrente de ar em minhas costas. Por duas vezes sufoquei um esp irro bem a tempo.

— A acuidade espetacular de minhas sensações era curiosa e inédita, porém, acima de tudo estava terr ivelmente cansado e furioso muito antes que ele tivesse acaba do de comer. Finalmente terminou, e pondo a louça miserável na b andeja negra de lata onde estava o bule de chá, catou as migalha s na toalha manchada de mostarda e levou tudo para dentro. As c oisas que carregava impediram-no de fechar a porta — o que te ria feito; nunca vi um homem que gostasse tanto de fechar portas — e segui- o até uma copa-cozinha muito suja no porão. Tive o prazer de vê- lo começar a lavar tudo e depois, sem nenhum intere sse em ficar ali, com o chão de tijolos muito frio sob meus pés, voltei para cima e sentei-me na cadeira dele, junto ao fogo. Estava baixo e, sem pensar muito, pus mais alguns carvões. O barulho tr ouxe-o para cima imediatamente e ficou de pé com um olhar feroz. Examinou a sala e esteve a um passo de tocar-me. Mas não me pa receu satisfeito, mesmo depois da inspeção. Deteve-se no umbral da porta e fez uma última revista, antes de descer. — Esperei uma eternidade na pequena sala e, finalme nte, ele subiu e abriu a porta do andar de cima. Mal con segui passar com ele.

— De repente, parou na escada e quase tropecei nele . Ficou olhando para trás, bem no meu rosto, ouvindo. "Poderia jurar", disse. A mão cabeluda e longa puxava o lábi o inferior.

Correu as escadas com os olhos, de cima a baixo. De pois grunhiu e continuou a subir.

— A mão dele estava na maçaneta da porta quando parou novamente, com a mesma expressão de irritada perplexidade. Estava começando a perceber os leves ruídos de meus movimentos perto dele. O homem devia ter uma audição diabolica mente apurada. De súbito, foi dominado pela fúria. "Se há alguém nesta casa", gritou, com um xingamento e deixou a ameaça inacabada. Pôs a mão no bolso, não encontrou o que queria e, passando por mim precipitadamente, desceu, barulhen to e agressivo. Mas não o segui. Sentei-me no alto da es cada até que voltasse.

— Subiu de novo após algum tempo, ainda resmungando. Abriu a porta do quarto e antes que eu pudesse entrar, bateu-a em minha cara.

— Resolvi explorar a casa e levei algum tempo ocupa do nisso, tão silenciosamente quanto possível. A casa era muito velha e mal conservada, tão úmida que o papel nas paredes d o sótão estava descolando e havia muitos ratos. Algumas maçanetas estavam emperradas e tive medo de girá-las. Vários cômodos que vi não tinham móveis e outros estavam atulhados de trastes velhos de teatro, comprados de segunda mão, segundo me parece u, por seu aspecto. Em um dos quartos, perto do dele, achei um a quantidade

de roupas velhas. Comecei a remexê-las e, em minha ansiedade, esqueci a agudeza evidente da audição do homem. Ouv i passos furtivos e, erguendo a cabeça bem a tempo, vi-o de olhos pregados na pilha desmoronada, tendo na mão um revólver anti go. Fiquei absolutamente imóvel enquanto ele olhava em volta, desconfiado e de boca aberta. "Deve ter sido ela", disse devagar. "Que vá para o diabo!"

— Fechou a porta com cuidado e logo ouvi a chave gi rar na fechadura. Depois os passos afastaram-se. Imedia tamente ocorreu-me que estava trancado. Por um minuto, fiqu ei sem saber o que fazer. Andei da porta para a janela, voltei e detive-me, perplexo. Fui tomado por uma onda de ódio. Mas reso lvi examinar as roupas, antes de mais nada, e minha primeira ten tativa derrubou um monte que estava na prateleira de cima. Isso o t rouxe de volta, mais sinistro do que nunca. Dessa vez chegou a me t ocar, recuou em um pulo, assombrado, e parou, cheio de pasmo, no centro do quarto.

— Depois de algum tempo, acalmou-se um pouco. "Ratos", disse a meia voz, com os dedos repuxando o s lábios. Estava, evidentemente, um tanto amedrontado. Esguei rei-me para fora em silêncio, mas uma tábua rangeu. Então o peq ueno animal diabólico começou a percorrer a casa empunhando um revólver, fechando porta atrás de porta e pondo as chaves no bolso. Quando

compreendi o que ele pretendia, tive um acesso de r aiva — mal podia controlar-me o bastante para aguardar a oportunidade. A essa altura, sabia que estava sozinho na casa e assim, sem mais delongas, dei-lhe um golpe na cabeça.

— Deu-lhe um golpe na cabeça! — exclamou Kemp. — Sim — tonteei-o — quando descia as escadas. Bati nele pelas costas, com um tamborete que havia no pa tamar. Rolou as escadas como um saco de botas velhas.

— Mas... Veja bem! As convenções habituais de humanidade ...

— Tudo isso é muito bom para gente comum. Mas o problema era, Kemp, que tinha de sair daquela casa sem que me visse. Não me ocorreu nenhuma outra forma de fazê-l o. Ainda o amordacei com um colete Luís XIV e amarrei-o em um lençol. — Amarrou-o em um lençol!

— Fiz uma espécie de saco. Era uma boa idéia manter o idiota sossegado e com medo em uma coisa danada de difícil de sair — a cabeça longe do cordão. Meu caro Kemp, não adia nta ficar aí me olhando como se eu fosse um assassino. Tinha que ser feito. Ele estava com o revólver. Se me visse uma vez, poderia descrever- me.. .

— Mas, ainda assim — disse Kemp —, na Inglaterra de hoje. O homem na própria casa e você — bem, roubando.

— Roubando! Que diabo! Daqui a pouco vai me chamar de ladrão! Ora, Kemp, você não é suficientemente to lo para obedecer a velhas regras. Será que não entende minha posição? — E a dele também — respondeu Kemp.

O Homem Invisível levantou-se bruscamente. — Que quer dizer?

As feições de Kemp endureceram. Esteve a ponto de falar, mas conteve-se. — Pensando bem — disse com u ma súbita mudança de atitude —, suponho que a coisa tinha que ser feita. Você estava em uma enrascada. Mas. ..

— Claro que estava em uma enrascada — uma enrascada infernal. E ele também me irritou — procurando por mim na casa, manuseando o revólver, fechando e abrindo portas. E ra simplesmente exasperante. Você não me censura, não é? Não me censura?

— Nunca censuro ninguém — replicou Kemp. — É uma coisa muito antiga. E o que fez depois?

— Sentia fome. Encontrei embaixo um pedaço de pão e um queijo rançoso — mais do que o bastante para sat isfazê-la. Tomei um pouco de conhaque com água e depois passei pelo meu saco improvisado — ele estava absolutamente imóvel — até o quarto onde havia roupas velhas. Este dava para a r ua, com um par de cortinas de renda encardidas de sujo protegendo a janela. Fui até

lá e olhei pelos buracos. Lá fora o dia estava clar o, contrastando com as sombras escuras da pobre casa onde me encont rava, radiantemente claro. Havia um tráfego intenso, carr inhos com frutas, uma charrete, uma carroça de quatro rodas c om uma quantidade de caixas, a carroça de um pescador. Vol tei-me, com pontos coloridos dançando diante dos olhos, para as instalações escuras atrás de mim. Minha excitação estava sendo substituída de novo pelo nítido discernimento de minha situação. O quarto recendia de leve a benzina, usada, penso, na limpeza das roupas. — Comecei uma revista sistemática do lugar. Parecia -me que o corcunda já habitava sozinho aquela casa havi a algum tempo. Era uma pessoa estranha. Reuni no depósito de roupa s tudo o que poderia ser de alguma utilidade para mim e depois f iz uma cuidadosa seleção. Achei uma bolsa que julguei um p ertence adequado, pó-de-arroz, ruge e massa colante. — Tinha pensado em pintar e empoar meu rosto e tudo quanto aparecia de mim para tornar-me visível, mas a dificuldade disso era que precisaria de aguarrás e outros recur sos, além de um tempo considerável antes de poder desaparecer novam ente. Afinal, escolhi uma máscara de melhor qualidade, ligeiramen te grotesca, mas não mais do que muitos seres

humanos, óculos es curos, suíças grisalhas e uma peruca. Não consegui encontrar nenh uma peça de roupa íntima, mas isso poderia comprar depois e, pr ovisoriamente,

enrolei-me em dominós de algodão e echarpes de lã b ranca. Também não encontrei meias, mas as botas do corcund a eram folgadas e bastavam. Em uma mesa da loja havia três soberanos e perto de trinta xelins em níqueis e em um armário t rancado que arrombei, em um dos aposentos internos, havia oito libras de ouro. Preparado, podia enfrentar o mundo novamente. — Então, fui presa de uma estranha hesitação. Minha aparência seria mesmo. . . aceitável? Eu próprio o experimentei, com um pequeno espelho de quarto, examinando-me sob todos os ângulos para ver se não havia nenhuma fresta esquec ida, mas tudo parecia correto. Estava grotesco a ponto de parecer exagerada- mente teatral, um arremedo de ator, mas decerto não era uma impossibilidade física. Ganhando confiança, levei o espelho para a loja, desci as persianas e observei-me sob todos os pontos de vista, com a ajuda das folhas do espelho no canto.

— Passei alguns minutos ganhando coragem, depois ab ri a porta da loja e saí para a rua, deixando o homenz inho livre para desvencilhar-se de seu lençol quando quisesse. Em c inco minutos tinha posto uma dúzia de voltas entre mim e a loja de fantasias. Ninguém demonstrava muito interesse em mim. Parecia ter vencido meu último obstáculo.

Mais uma vez, calou-se.

— E você não se preocupou mais com o corcunda? —

perguntou Kemp.

— Não — respondeu o Homem Invisível. — Nem soube o que aconteceu com ele. Suponho que tenha se desamarrado, ou rompido tudo para sair. Os nós esta vam bem apertados.

Ficou em silêncio, foi até a janela e olhou para fora. — Que aconteceu quando você foi até o Strand? — Oh! — mais uma desilusão. Pensei que havia chegad o ao fim de meus problemas. Achei que, praticamente, estava impune para fazer tudo o que quisesse, tudo — menos trair meu

segredo. Foi o que pensei. O que quer que fizesse, fossem qu ais fossem as conseqüências, nada poderia me atingir. Só tinha qu e livrar-me das roupas e desaparecer. Ninguém seria capaz de me pre nder. Podia apanhar dinheiro onde o encontrasse. Decidi dar a m im mesmo uma festa suntuosa e depois hospedar-me em um bom h otel, onde acumularia mais alguns pertences. Sentia-me estranh amente confiante — não é muito agradável recordar que fui um asno. Entrei em um restaurante e já estava escolhendo o a lmoço, quando ocorreu-me que não poderia comer sem expor meu rost o invisível. Acabei de encomendar o almoço, disse ao homem que v oltaria dentro de dez minutos e saí, furioso. Não sei se vo cê já teve seu apetite frustrado.

— Não tanto assim — disse Kemp —, mas imagino o

que seja.

— Poderia ter arrebentado aqueles idiotas. Finalmen te, estonteado com o desejo de uma comida saborosa, fui a outro lugar e pedi uma sala privativa. "Estou desfigurado", dis se, "horrivelmente". Olharam-me com curiosidade, mas, é claro, não era da conta deles — e afinal consegui meu almoço. Não fui especialmente bem servido, mas o bastante; e quando me satisfiz, relaxei com um charuto, tentando traçar meu plano d e ação. Lá fora, estava começando uma tempestade de neve. — Quanto mais pensava, Kemp, mais compreendia o solitário absurdo que era um Homem Invisível — em u m clima instável e frio e uma cidade cheia e civilizada. An tes de fazer aquela experiência louca, sonhara com mil privilégios. Naq uela tarde, tudo era decepção. Repassei mentalmente todas as coisas que um homem julga desejáveis. Sem dúvida, a invisibilidad e tornava possível obtê-las, mas impossível gozá-las quando c onseguidas. A ambição — de que vale ter orgulho de um lugar, quan do se está impossibilitado de aparecer lá? De que vale o amor de uma mulher quando o seu nome tem que ser Dalila? Não tenho int eresse pela política, pelo brilho falso da fama, pela filantrop ia ou pelo esporte. Que iria fazer? E por isso tudo tinha me tornado um mistério embuçado, a caricatura de um homem, enfaixado e che io de ataduras!

Fez uma pausa e sua atitude sugeriu um olhar inquie to pela janela.

— Mas como chegou a Iping? — perguntou Kemp, ansioso em manter o visitante ocupado em falar. — Fui para lá para trabalhar. Tinha uma esperança. Era apenas o embrião de uma idéia. Ainda a tenho. Mas a gora é uma idéia completa. Um modo de voltar! De desfazer o que fiz. Quando quiser. Quando tiver feito tudo quanto pretendo faz er, sendo invisível. E é sobre isso, principalmente, que quer o falar com você agora.

— Você foi direto a Iping?

— Fui. Simplesmente tinha que pegar meus três volum es de anotações, meu talão de cheques, minha bagagem e roupa de baixo, encomendar certos produtos químicos para des envolver minha idéia — vou lhe mostrar os cálculos logo que recupere meus livros — e então parti. Deus! Lembro-me agora da te mpestade de neve e do maldito incômodo que era ter que impedir que a neve umedecesse meu nariz de massa.

— E no fim — disse Kemp —, anteontem, quando descobriram quem era você, a julgar pelos jornais, você. .. — Foi mesmo. Matei aquele policial estúpido? — Não — respondeu Kemp. — Espera-se que ele se recupere.

— Sorte a dele, então. Perdi completamente a cabeça com os idiotas! Por que não podiam me deixar em paz ? E o palerma do caixeiro?

— Não há previsão de mortes — disse Kemp.

— Não diria o mesmo do meu vagabundo — falou o Homem Invisível, com um riso desagradável. — Por De us, Kemp, você não sabe o que é raiva! Trabalhar durante anos , planejar, estudar e depois ter um idiota obtuso atrapalhando seu objetivo. Todos os tipos possíveis e imagináveis de seres tol os jamais criados foram escolhidos para me importunarem. Com um pouco mais, enlouqueço. Vou começar a esmagá-los. Já tornaram a s coisas mil vezes mais difíceis para mim.

— É irritante, sem dúvida — disse Kemp secamente.

O PLANO QUE FALHOU

— Mas agora — disse Kemp, relanceando o olhar para fora da janela —, que vamos fazer?

Enquanto falava, aproximou-se do visitante, de form a a impedir-lhe a possibilidade de divisar os três home ns que avançavam, subindo a estrada da colina com uma lent idão que parecia insuportável a Kemp.

— Que estava planejando fazer, quando se dirigia a Port Burdock? Tinha algum plano?

— Ia sair do país. Mas alterei meus planos depois q ue o encontrei. Pensava que seria prudente ir para o sul , agora que o tempo esquentou e a invisibilidade é viável. Especi almente porque meu segredo tornou-se conhecido e todos estariam al ertas em relação a um homem mascarado e encapuçado. Há uma l inha de navios daqui para a França. Minha intenção era subi r a bordo de um deles e correr os riscos da travessia. Depois po deria ir de trem para a Espanha, ou então para a Argélia. Não seria difícil. Lá, um homem pode ser permanentemente invisível — e ainda assim viver. E fazer coisas. Estava usando aquele vagabundo como meu cofre de dinheiro e carregador de bagagem, até decidir co mo meus livros e pertences poderiam ser mandados para mim.

— Claro.

— Então aquele animal nojento resolveu tentar rouba r- me! Escondeu meus livros, Kemp. Escondeu meus livro s! Se puder pôr as mãos nele!

— O melhor curso é tirar os livros dele primeiro. — Mas onde está? Você sabe?

— Está na delegacia da cidade, preso, a seu pedido, na cela mais forte do lugar.

— Canalha! — xingou o Homem Invisível.

— Mas isso altera um pouco os meus planos.

— Preciso pegar os livros; aqueles livros são vitais. — Certamente — concordou Kemp um pouco nervoso, imaginando se ouvia passos do lado de fora. — Decer to precisamos achar os livros. Mas não será difícil, se ele ignorar o que representam para você.

— É verdade — disse o Homem Invisível, e ficou pensativo. Kemp tentou lembrar-se de alguma coisa q ue estimulasse a conversa, mas o Homem Invisível conti nuou, espontaneamente.

— Ter invadido sua casa por mera casualidade, Kemp — disse — muda todos os meus planos. Pois você é um homem capaz de me compreender. A despeito de tudo o que acontec eu, a despeito dessa publicidade, da perda de meus livros , de tudo o que sofri, ainda há grandes possibilidades, enormes pos sibilidades... Não disse a ninguém que estou aqui? — perguntou abruptamente. Kemp hesitou. — Isso ficou implícito — respondeu. — A ninguém? — insistiu Griffin.

— Absolutamente.

— Ah! Bem. . . — O Homem Invisível levantou-se e pondo as mãos nos quadris, começou a andar pelo escritório. — Cometi um erro, Kemp, um erro monumental, ao realizar esse trabalho sozinho. Desperdicei energia , tempo,

oportunidades Só! É extraordinário como um homem po de fazer pouca coisa quando está só! Roubar um pouquinho, ferir um pouquinho e é tudo.

— O que quero, Kemp, é um guardião, um ajudante e um lugar onde me esconder, um arranjo que me permit a dormir, comer e repousar em paz, sem despertar suspeitas. P reciso de um aliado. Com um aliado, comida e descanso — milhares de coisas são exeqüíveis.

— Até agora segui uma linha de conduta pouco defini da. Temos que considerar tudo quanto a invisibilidade s ignifica e tudo quanto não significa. Não vale muito para ouvir sem ser visto e por aí afora — fazemos barulhos. De pouco adianta, ou t alvez adiante um pouco, para arrombar casas e coisas assim. Se me pegam, podem aprisionar-me facilmente. Mas, por outro lado , ê difícil me prenderem. De fato, essa invisibilidade só é boa em dois casos: é útil para fugir e é útil para se chegar perto. Port anto, é especialmente útil para matar. Posso andar em volta de um homem, seja qual for sua arma, escolher meu alvo e golpear como quiser. Driblar como quiser. Fugir como quiser.

Kemp levou a mão ao bigode. Haveria um movimento no andar de baixo?

— E o que temos que fazer é matar, Kemp.

— O que temos que fazer é matar — repetiu Kemp. — Estou ouvindo o seu plano, Griffin, mas veja bem, n ão estou concordando. Por que matar?

— Não seriam mortes ao acaso, mas assassinatos lógi cos. A razão é que sabem que existe um Homem Invisível — tanto quanto sabemos que há um Homem Invisível. E esse Ho mem Invisível, Kemp, deve implantar um Reino de Terror. Sim, sem dúvida é assustador. Mas essa é a minha intenção. U m Reino de Terror. Deve apossar-se de uma cidade como a sua, B urdock, apavorá-la e dominá-la. Deve dar ordens. Pode fazê- lo de mil formas — pedaços de papel enfiados por baixo das po rtas são suficientes. E matará todos os que desobedecerem a suas ordens e matará todos os que defenderem os rebeldes.

— Hum! — exclamou Kemp, que já não ouvia Griffin, mas o som da porta principal abrindo e fechando. — Parece-me, Griffin — disse ele para ocultar sua desatenção —, que seu aliado ficaria em uma situação difícil.

— Ninguém iria saber que ele era um aliado — disse o Homem Invisível animadamente. E, de súbito: — Psiu! Que há lá embaixo?

— Nada — retrucou Kemp e, de repente, começou a falar rapidamente, em voz muito alta. — Não concord o com isso, Griffin — disse. — Compreenda, não concordo com iss o. Por que

sonhar com um jogo que é contra a humanidade? Como pode esperar ser feliz? Não seja um lobo solitário. Publ ique seus resultados; admita o mundo — ou, ao menos, admita a nação — em sua confiança. Pense no que poderia fazer com um milhão de colaboradores.. .

O Homem Invisível interrompeu Kemp. — Ouço passos subindo a escada — disse em voz baixa.

— Tolice — redargüiu Kemp.

— Deixe-me ver — insistiu o Homem Invisível, avançando com o braço estendido até a porta. Kemp hesitou um segundo, depois adiantou-se para interceptá-lo. O Homem Invisível estremeceu e ficou imóvel. — Traidor! — gritou a Voz e, de repente o roupão abriu-se. Sentando- se, o Invisível começou a se despir. Kemp deu três passos rápidos até a porta e imediatamente o Homem Invisível — cuj as pernas haviam desaparecido — pôs-se de pé em um salto, com um berro. Kemp abriu a porta de par em par.

Ao abri-la, chegou até eles o som de pés apressados e vozes no andar térreo.

Com um movimento brusco, Kemp empurrou para trás o Homem Invisível, saltou para o lado e fechou a port a. A chave estava na fechadura, do lado de fora. Em poucos ins tantes, Griffin estaria só, no estúdio do mirante, feito prisioneir o. Mas houve um

problema. A chave fora enfiada apressadamente naque la manhã. Quando Kemp bateu a porta, caiu ruidosamente no tapete. O rosto de Kemp ficou lívido. Tentou segurar a maçaneta com ambas as mãos. Ficou de pé algum tempo , puxando. A porta cedeu uns poucos centímetros. Mas conseguiu fechá-la de novo.

Da segunda vez foi puxada uns trinta centímetros e o roupão insinuou-se pela abertura. Sua garganta foi agarrada por dedos invisíveis e ele soltou a maçaneta para defen der-se. Foi jogado para trás, levou uma rasteira e caiu pesadam ente no canto do patamar. O roupão vazio foi atirado por cima dele. Na metade da escada estava o coronel Adye, o destinatário da carta de Kemp e chefe de polícia de Burdock. Contemplava, pasmo, a súbita aparição de Kemp, segu ida do extraordinário espetáculo de roupas vazias agitando -se no ar. Viu Kemp ser derrubado e lutando para pôr-se de pé. Viu -o avançar correndo e cair novamente, abatido como se fosse um boi. Então, de repente, foi atingido com violência. Por coisa nenhuma! Ao que parecia, um enorme peso tinha pulad o sobre ele e fora empurrado de cabeça escada abaixo, com um to rniquete em volta da garganta e um joelho em sua virilha. Um pé invisível pisou- lhe as costas, um barulho fantasmagórico de passos desceu a escada, ouviu os dois policiais no vestíbulo gritar em e correrem e a

porta da frente da casa ser batida com força. Rolou no chão e sentou-se, com um olhar de incompreensão. Viu Kemp descer a escada cambaleando , sujo e descabelado, um lado do rosto branco por causa de uma pancada, o lábio sangrando, segurando um roupão cor-de-rosa e alguma roupa de baixo pendendo-lhe dos braços.

— Meu Deus — exclamou Kemp —, o jogo acabou! Ele se foi!

CAÇADA AO HOMEM INVISÍVEL

Durante algum tempo, Kemp foi tomado de tal incoerência que não podia fazer com que Adye compre endesse a rápida sucessão de fatos que haviam acabado de acon tecer. Os dois homens detiveram-se no patamar, Kemp falando muito depressa, ainda com as grotescas ataduras de Griffin pendurad as em um braço. Mas, aos poucos, Adye começou a entender alg uma coisa da situação.

— Ele é louco — repetia Kemp. — Desumano. E de um egoísmo absoluto. Só pensa no que lhe convém, em su a própria segurança. Esta manhã ouvi a terrível história de s ua brutal

ambição. Já atacou pessoas. Vai matá-las, a não ser que possamos impedi-lo. Espalhará o pânico. Nada pode detê-lo. Vai sair agora — furioso!

— Claro que deve ser capturado — disse Adye. — Mas como? — gritou Kemp e, subitamente, ocorreram-lhe várias idéias. — Devem começar logo. E engajar nesse trabalho todos os homens disponíveis. Precisa m evitar que deixe o distrito.

Se fugir, pode percorrer a região matando e ferindo . Sonha com um reino de terror! Estou dizendo, um rei no de terror. Vigiem trens, estradas e navios. A guarnição milita r tem que colaborar. Telegrafem pedindo ajuda. A única coisa que pode prendê-lo aqui é a esperança de recuperar alguns li vros de anotações a que ele atribui grande valor. Depois fa lo sobre isso. Há um homem na delegacia de polícia — Marvel.

— Sei — disse Adye. — Sei. Aqueles livros — sim. — E vocês têm que evitar que coma ou durma: dia e noite a região precisa estar prevenida

contra ele. A comida deve ser guardada e trancada, toda a comida, de forma que te rá que arrombar portas para chegar a ela. Todas as casas d evem ser aferrolhadas para se defenderem dele. Que o céu nos envie noites frias e chuva! Toda a vizinhança tem que começar a caçar e continuar caçando. Estou lhe dizendo, Adye, ele é u m perigo, uma

catástrofe; a não ser que seja localizado e preso, é aterrador pensar nas coisas que vão acontecer.

— Que mais podemos fazer? — perguntou Adye. — Preciso ir lá para baixo imediatamente e começar a organizar tudo. Mas por que não vem? Sim, venha também. Venha e reu niremos uma espécie de conselho de guerra — pediremos a col aboração de Hopps e da administração da estrada de ferro. Por Deus! É urgente. Venha — vá falando enquanto andamos. Que mais podemos fazer? Largue essas coisas.

Adye foi o primeiro a descer as escadas. Encontrara m a porta da frente aberta e os policiais montando guar da do lado de fora e olhando fixamente para o nada. — Ele fugiu, senhor — disse um deles.

— Vamos para a delegacia agora mesmo — ordenou Adye. — Um de vocês desça e encontre um carro para vir pegar- nos, depressa. E agora, Kemp, que mais?

— Cães — respondeu Kemp. — Arranjem cães. Eles não o vêem mas farejam-no. Arranjem cães.

— Bom — concordou Adye. — Pouca gente sabe, mas os guardas da prisão de Halstead conhecem um homem que tem sabujos. Cães. Que mais?

— Tenham em mente que a comida que ele ingere, aparece. Depois de comer, a comida aparece até ser assimilada.

Portanto tem que se esconder após qualquer refeição . Examinem cada moita, sem parar, cada canto afastado. E tranq uem todas as armas, tudo quanto sirva como arma. Ele não pode ca rregar essas coisas por muito tempo. O que puder apanhar para fe rir pessoas precisa ser escondido.

— Bom outra vez — disse Adye. — Vamos acabar por capturá-lo.

— E nas estradas — prosseguiu Kemp, hesitante. — Sim? — insistiu Adye.

— Vidro moído — respondeu Kemp. — Sei que é cruel. Mas pense no que ele pode fazer!

Adye inalou ruidosamente entre os dentes cerrados. — É antiesportivo. Não sei. Mas farei aprontarem o vidr o moído. Se for longe demais...

— Estou lhe afirmando que o homem tornou-se desumano — insistiu Kemp. Tenho tanta certeza de que estabelecerá um reinado de terror — logo que se aca lmem as emoções dessa fuga — como tenho de estar falando com você. Nossa única chance é adiantarmo-nos a ele. Cortou os laços que o ligavam a seus semelhantes. Que seu sangue recaia sobre a própria cabeça.

O ASSASSINATO DE WICKSTEED

Parece que o Homem Invisível tinha se precipitado p ara fora da casa de Kemp cheio de uma fúria cega. Uma c riancinha que brincava perto do portão de Kemp foi levantada viol entamente e atirada ao chão, quebrando o tornozelo, e daí por d iante, por algumas horas, o Homem Invisível ficou fora do alca nce dos sentidos humanos. Ninguém sabe onde foi ou o que fez. Mas pode- se imaginá-lo subindo apressadamente a colina e con tinuando, na tarde quente de junho, pela planície aberta que fic a por trás de Port Burdock, enraivecido e desesperado com seu intolerá vel destino, abrigando-se afinal, encalorado e exausto, no matag al de Hintondean, para reorganizar seus planos fracassado s contra a própria espécie. O local parece ter sido o refúgio mais provável para ele, pois foi ali que, cerca de duas horas da tarde, reafirmou-se de uma forma cruelmente trágica.

Seu estado de espírito e os planos que arquitetou d urante esse tempo devem ter sido espantosos. Sem dúvida es tava tomado por uma exasperação que beirava a loucura, por caus a da traição de Kemp e, conquanto possamos ver claramente os motivo s que levaram este último a enganá-lo, ainda assim também podemos imaginar e até compreender um pouco a fúria que a t entativa de

surpreendê-lo deve ter provocado. Talvez algo do es panto aturdido de suas experiências em Oxford Street tenha sido re lembrado pois, evidentemente, contara com a cooperação de Kemp em seu sonho brutal de um mundo aterrorizado. De qualquer forma, tinha desaparecido da percepção humana quase ao meio-dia e nenhuma testemunha viva pode contar o que fez até duas e me ia. É provável que isso tenha sido uma bênção para o gênero humano mas, para ele, a inatividade foi fatal.

Nesse espaço de tempo, uma multidão crescente do homens espalhados pelo campo mantinha-se ocupada. P ela manhã, ele ainda era simplesmente uma lenda, uma ameaça; à tarde, graças principalmente às declarações de Kemp, em palavras secas e precisas, fora transformado em um antagonista tangí vel, a ser ferido, capturado ou dominado, e toda a região come çou a organizar-se com incrível rapidez. Até às duas horas talvez ele ainda pudesse sair do distrito tomando um trem, mas depoi s das duas isso tornou-se impossível. Cada trem de passageiros nas linhas de um grande paralelograma entre Southampton, Manchest er, Brighton e Horsham viajava de portas fechadas, e o tráfego de mercadorias foi quase que inteiramente suspenso. E, em um grande círculo de vinte milhas à volta de Port Burdock, ho mens armados de revólveres e bastões estavam saindo com cães em grupos de três ou quatro, para vasculharem as estradas e os campos.

A polícia montada percorria as trilhas, parando em cada chalé e avisando os moradores para trancarem as casas e ficarem do lado de dentro, a não ser que estivessem armados, t odas as escolas primárias tinham encerrado as aulas às três horas e as crianças, amedrontadas e mantendo-se em grupos cerrados, apre ssavam-se a ir para casa. A proclamação de Kemp — na verdade as sinada por Adye — às quatro ou cinco horas da tarde já tinha s ido afixada por quase todo o distrito. Descrevia, sucinta e clarame nte, todas as condições da luta, a necessidade de não propiciar a o Homem Invisível alimento ou repouso, a necessidade de uma observação incessante e de atenção imediata para qualquer indí cio de movimentos dele. E as providências das autoridades /oram tão urgentes e objetivas e tão imediata a crença naquel e ser estranho, que antes do cair da noite uma área de muitos quilô metros quadrados encontrava-se sob rigoroso estado de síti o. E também antes do cair da noite, um arrepio de horror percorreu toda a região alerta e nervosa. Sussurrada de boca a boca,

rápida e indiscutível, de um extremo a outro do distrito, a história do assas sinato do sr. Wicksteed foi divulgada.

Se aceitarmos a suposição de que o refúgio do Homem Invisível foram as moitas de Hintondean, temos que supor também que no início da tarde ele tinha saído novamente, p ara executar um projeto que envolvia o uso de uma arma. Não sabemos qual era

esse projeto, mas, ao menos para mim, a certeza de que tinha nas mãos uma arma de fogo antes de encontrar Wicksteed, é absoluta. Não temos conhecimento dos detalhes desse encontro. Aconteceu à beira de uma escavação de saibro, a men os de duzentos metros da entrada da casa do porteiro de L ord Burdock. Tudo indica ter havido luta desesperada — o chão pi soteado, os inúmeros ferimentos do sr. Wicksteed, sua bengala l ascada; mas a razão do ataque — a não ser que fosse uma fúria ass assina — é impossível de imaginar. Realmente, a teoria da louc ura é quase inevitável. O sr. Wicksteed era um homem de quarent a e cinco ou quarenta e seis anos, mordomo de Lord Burdock, de h ábitos e aparência inofensivos, a última pessoa no mundo a d esafiar um inimigo tão aterrorizante. Parece que o Homem Invis ível usou contra ele uma barra de ferro tirada de um trecho q uebrado da cerca. Deteve aquele homem tranqüilo, que voltava t ranqüilamente à casa para almoçar, atacou-o, superou sua inócua d efesa, quebrou- lhe o braço, derrubou-o e reduziu-lhe a cabeça a um a massa informe.

Devia ter arrancado a barra de ferro da cerca antes de encontrar a vítima; decerto carregava-a nas mãos, d e prontidão. Além do que já foi contado, só dois detalhes parece m ter relação com o fato. O primeiro é que a saibreira não estava diretamente no caminho de casa do sr. Wicksteed, mas afastava-se dele perto de

duzentos metros. O outro é a história de uma garoti nha que afirmava que, indo para a escola de tarde, tinh a visto o homem assassinado "trotando" de uma maneira esquisita em um campo, na direção da saibreira. Representando a ação, sugeria um homem perseguindo algo no chão diante dele e batendo-lhe sem parar com a bengala. Tinha sido a última pessoa a vê-lo vivo. Perdeu-o de vista quando morreu, oculto apenas por uma touceira de faias e uma ligeira depressão no terreno.

Mas isso, pelo menos no entender de quem escreve, exclui essa morte da classificação de completamente arbitrária. Podemos imaginar que Griffin tinha realmente apanha do a barra como uma arma, mas sem nenhuma intenção deliberada de usá-la para matar. Então Wicksteed deve ter aparecido e no tado aquele vergalhão, movendo-se inexplicavelmente no ar. Sem pensar no Homem Invisível — pois Port Burdock fica a quinze q uilômetros de distância — pode tê-lo perseguido. É bem possíve l que nem tivesse ouvido falar no Homem Invisível. Assim, admite-se que este estivesse fugindo — silenciosamente, para evitar qu e sua presença fosse descoberta na vizinhança e que Wicksteed, excitado e curioso, perseguindo aquele inexplicável objeto que se locom ovia — acabasse por tentar alcançá-lo.

Sem dúvida, em circunstâncias comuns, o Homem Invisível poderia ter-se distanciado de seu caçador de meia-idade,

mas a posição em que foi achado o corpo de Wickstee d sugere que ele tinha tido a má sorte de acuar sua presa em um canto, entre um monte de urtigas cheias de espinhos e a cova de sai bro. Para os que já tomaram conhecimento da irascibilidade do Homem Invisível, o resto do encontro é fácil de reconstituir.

Mas isso é pura hipótese. Os únicos fatos inegáveis — pois as histórias de crianças muitas vezes não mere cem confiança — são a descoberta do corpo de Wicksteed, espancado até morrer e da barra de ferro manchada de sangue e jogada entre as urtigas. O abandono da barra mostra que, na excitação emociona l do ato, se ele tinha um propósito, quando a pegou, este foi es quecido. Certamente era um homem de um egoísmo e frieza exag erados, mas a visão da vítima, sua primeira vítima, ensangü entada e inerte a seus pés, talvez tenha liberado alguma fonte repres ada de remorso para obstar, por algum tempo, qualquer esquema de a ção que tivesse planejado.

Depois de matar o sr. Wicksteed, provavelmente atravessou o campo em direção à planície. Há a história de uma voz ouvida por dois homens ao entardecer, em um campo p erto de Fern Bottom. Chorava e ria, soluçava e gemia e, de vez em quando, gritava. Deve ter sido estranho ouvi-la. Atravessou um campo de trevos e desapareceu entre as colinas.

Naquela tarde, o Homem Invisível deve ter visto alg uma

coisa do uso imediato que Kemp fizera de suas confi dencias. Com certeza encontrou casas fechadas e trancadas; pode ter vagueado pelas estações ferroviárias, rondando as hospedadas e, sem dúvida, leu a proclamação e compreendeu a natureza da campa nha organizada contra ele. E, à medida em que a noite a vançava, os campos iam ficando pontilhados, aqui e acolá, por g rupos de três ou quatro homens, e barulhentos com o latido dos ca chorros. Aqueles caçadores de um ser humano tinham instruçõe s especiais com referência ao modo com que deviam apoiar uns aos outros, no caso de um encontro. Evitou-os a todos. Pode-se ent ender um pouco de sua exasperação; e o fato de que ele mesmo havia fornecido as informações que estavam sendo usadas tão cruelmente contra ele, nada fazia para atenuá-la. Pelo menos n aquele dia, perdeu o ânimo; durante quase vinte e quatro horas, exceto quando atacara Wicksteed, foi um homem acuado. No correr d a noite, possivelmente, comeu e dormiu; pois de manhã voltou a ser ele mesmo, ativo, forte, colérico e implacável, prepara do para sua última grande luta contra o mundo.

O CERCO À CASA DE KEMP

Kemp leu uma carta estranha, escrita a lápis em uma

folha gordurosa de papel.

"Você tem se mostrado extraordinariamente ativo e engenhoso, embora não possa imaginar o que ganha co m isso. É contra mim. Perseguiu-me um dia inteiro; tentou pri var-me de uma noite de sono. Mas, apesar de você alimentei-me, e apesar de você, dormi, e o jogo está apenas começando. O jogo está apenas começando. E não há nada que o justifique se não in staurar o Terror. Esta é para anunciar o primeiro dia de Terr or. Diga a seu Chefe de Polícia e a todo o resto que Port Burdock não está mais sob o governo da Rainha; está sob o meu governo — o do Terror! Hoje é o dia um do ano um da nova era — a Época do Homem Invisível. Sou o Homem Invisível Primeiro. Inicialm ente os regulamentos serão brandos. Haverá uma execução no primeiro dia, para servir de exemplo — a de um homem chamado Kemp. A Morte começa

hoje para ele. Pode trancar-se, esconder-se, cercar-se de guardas ou vestir uma armadura, se quiser; a Mor te, a Morte invisível está chegando. Deixá-lo tomar precauções; isso imporá respeito a meu povo. A Morte começará a partir do m arco da caixa do correio, ao meio-dia. A carta cairá quando o cor reio chegar e depois será dada a partida! O jogo se inicia. A Mor te começa. Não o ajude, meu povo, senão a Morte recairá sobre você ? também. Hoje Kemp vai morrer."

Kemp leu a carta duas vezes. — Não é uma brincadeir a

— disse. — Esta é a voz dele! E fala sério.

Virou a folha dobrada e viu no lugar do endereço o carimbo Hintondean e o detalhe prosaico, "20 centavos a pagar". Levantou-se sem terminar o almoço — a carta viera p elo correio da uma hora — e foi para o escritório. Toco u a campainha; chamando a governanta, e disse-lhe para correr a ca sa imediatamente, examinar todas as trancas das janela s e fechar os postigos. Ele mesmo fechou os do escritório. De uma gaveta trancada, em seu quarto, tirou um pequeno revólver, inspecionou-o cuidadosamente e guardou-o no bolso do paletó espor tivo. Escreveu vários bilhetes curtos, um deles para o co ronel Adye, e encarregou a criada de entregá-los com instruções e xplícitas de como fazer para sair de casa. — Não há perigo — dis se, e acrescentou mentalmente — para você. — Feito isso, permaneceu pensativo por algum tempo e depois voltou ao almoço que estava esfriando.

Comeu, parando de vez em quando para pensar. Finalmente, deu um soco na mesa, com força. — Vamos apanhá- lo! — exclamou. — E eu sou a isca. Ele irá longe demais. Subiu para o mirante, fechando cuidadosamente cada porta atrás de si. — É um jogo — disse — um jogo es tranho, mas as chances são todas a meu favor, sr. Griffin, a de speito de sua invisibilidade. Griffin contra mundum — levado ao extremo!

Ficou de pé junto à janela, contemplando a encosta quente da colina. — Tem que comer todos os dias — e não o invejo. Terá mesmo dormido a noite passada? Em algu m lugar, ao relento, livre de colisões. Gostaria que tivéssemos um pouco de tempo frio, em vez de calor.

— Pode estar me observando agora.

Chegou-se mais à janela. Algo bateu ruidosamente co ntra os tijolos, acima do alizar, fazendo-o estremecer violentamente. — Estou ficando nervoso — disse Kemp. Mas passaram- se cinco minutos antes que voltasse de novo à janel a. — Deve ter sido um pardal — pensou.

Um pouco mais tarde ouviu a campainha da porta da frente tocar, e apressou-se a descer. Destrancou a porta e girou a chave na fechadura, examinou a corrente, levantou-a e abriu cuidadosamente, sem se expor. Uma voz familiar saud ou-o. Era Adye.

— Sua empregada foi assaltada, Kemp — anunciou ainda do lado de fora.

— Quê! — exclamou Kemp.

— Seu bilhete foi-lhe tomado. Ele está aqui por per to. Deixe-me entrar.

Kemp soltou a corrente e Adye entrou por uma fresta tão estreita quanto possível. Parou no vestíbulo, olhan do com infinito

alívio, enquanto Kemp fechava a porta. — O bilhete foi-lhe arrancado da mão. Assustou-a terrivelmente. Ficou n a delegacia. Com um ataque histérico. Ele está bem perto daqui. De que se tratava?

Kemp xingou.

— Que idiota fui — queixou-se Kemp. — Devia ter sabido. Não leva nem uma hora a pé, daqui a Hintond ean. Já chegou!

— Que está acontecendo? — perguntou Adye.

— Olhe aqui — respondeu Kemp, mostrando o caminho para o escritório. Entregou a Adye a carta do Homem Invisível. Adye leu-a e assoviou baixinho. — E você?. . . — insistiu. — Propunha uma armadilha. . . como um tolo — disse Kemp — e mandei minha proposta por uma empregada. Para ele. Adye ecoou as blasfêmias de Kemp.

— Vai fugir — opinou Adye.

— Não ele — discordou Kemp.

Do andar de cima veio um grande estrondo de vidros quebrados. Adye viu de relance o brilho prateado de um pequeno revólver meio para fora do bolso de Kemp. — É uma j anela lá em cima — disse Kemp e adiantou-se, subindo. Ouviram o utro vidro partindo-se, enquanto ainda estavam na escada. Quan do checaram ao estúdio, encontraram quebradas duas das três jan elas, i metade

do aposento cheia de cacos de vidro e uma grande la sca na escrivaninha. Os dois homens pararam na porta, cont emplando a destruição. Kemp xingou de novo e, ao fazê-lo, a te rceira janela cedeu, com um estalo que parecia o de uma pistola, pendeu por um instante, o vidro rachado formando uma estrela, e c aiu para dentro do estúdio em triângulos pontiagudos e trêmulos. — Para que é isso? — indagou Adye.

— É um começo — respondeu Kemp.

— Não há nenhum modo de subir até aqui?

— Nem para um gato — disse Kemp.

— Não há venezianas?

— Aqui, não. Em todos os cômodos de baixo.. . Epa! Uma pancada forte e depois o ceder de madeiras violentamente forçadas, veio de baixo. — Maldito se ja! — praguejou Kemp. — Isso deve ser.. . sim, é em um dos quartos. Ele vai acabar com a casa toda. Mas é um louco. Os post igos estão fechados e o vidro cairá lá fora. Vai cortar os pés. Mais uma janela exibiu sua destruição. Os dois home ns pararam no patamar, perplexos. — Já sei! — exclamou Adye. — Dê-me uma bengala ou coisa parecida e vou até a est ação para soltar os cães de fila. Isso deverá acabar com ele! Estão perto — a menos de dez minutos. . .

Outra janela teve destino semelhante às anteriores.

— Você não tem um revólver? — perguntou Adye. Kemp levou a mão ao bolso. Hesitou. — Não tenho. . . pelo menos um de sobra.

— Trago-o de volta — insistiu Adye —, você está seguro aqui. Kemp passou-lhe a arma.

— Agora, até a porta — disse Adye.

Ainda indecisos no patamar, ouviram uma das janelas do quarto do primeiro andar estalar e cair. Kemp foi a té a porta e começou a correr os trincos, o mais silenciosamente possível. Seu rosto estava um pouco mais pálido do que de costume . — Você tem que sair direto — recomendou Kemp. Em um instan te, Adye estava na soleira da porta e os trincos voltando a seus encaixes. Hesitou um pouco, sentindo-se mais seguro com as co stas coladas à porta. Depois desceu os degraus, ereto e firme. A travessou o gramado e aproximou-se do portão. Uma brisa ligeira parecia ondular a grama. Algo moveu-se junto a ele. — Pare — disse uma Voz e Adye imobilizou-se, apertando o revólver na mão. — Bem? — perguntou Adye, pálido e decidido, com os nervos tensos.

— Faça-me o favor de voltar para a casa — disse a V oz, tão tensa e decidida quanto a de Adye.

— Desculpe — falou Adye um tanto rouco, umedecendo os lábios com a língua. A Voz estava à frente, à es querda, pensou.

E se tentasse a sorte com um tiro?

— Onde vai? — quis saber a Voz, e houve um movimento rápido de ambos e um reflexo de sol no bo lso entreaberto de Adye.

Adye desistiu e pensou. — Onde vou — respondeu lentamente — é problema meu. — As palavras ainda lh e pairavam nos lábios quando um braço rodeou-lhe o pescoço, su as costas sentiram uma joelhada e encontrou-se estirado no ch ão, de costas. Sacou do revólver, desajeitado, e atirou de qualque r maneira e logo em seguida foi golpeado na boca e o revólver arranc ado de sua mão. Tentou agarrar em vão uma perna escorregadia, procurou levantar-se e caiu de novo. — Diabos! — explodiu Ad ye. A Voz riu. — Mataria você agora, se não fosse pelo desper dício de uma bala — disse. Adye viu o revólver no ar, cobrindo-o , a um metro e pouco.

— E então? — disse Adye, sentando-se.

— Levante-se — ordenou a Voz. Adye levantou-se. — Atenção — disse a Voz, e depois com dureza: — Não tente nenhum truque. Lembre-se de

que, se você não pode ver meu rosto, posso ver o seu. Tem que voltar para a casa. — Ele não vai me deixar entrar — objetou Adye. — É pena — disse o Homem Invisível. — Não tenho contas a ajustar com você.

Adye umedeceu novamente os lábios. Desviou os olhos do cano do revólver e viu o mar distante, azulado e escuro, sob o sol do meio-dia, a colina verde e acetinada, o penh asco branco de Head, a cidade populosa, e de repente sentiu que a vida era muito boa. Seus olhos voltaram ao pequeno objeto de metal, parado entre o céu e a terra, a um metro.

— Que devo fazer? — perguntou, deprimido.

— O que deve fazer? — perguntou o Homem Invisível. — Você ia procurar ajuda. Só me resta obrigá-lo a voltar. — Tentarei. Se ele deixar-me entrar, promete que nã o vai arremeter contra a porta?

— Não tenho queixas de você — disse a Voz.

Depois da saída de Adye, Kemp tinha se apressado a subir e então, agachado entre os cacos de vidro e e spiando cautelosamente por cima do peitoril da janela do es túdio, viu Adye de pé, parlamentando com o Invisível. — Por que não atira? — murmurou para si mesmo. Então o revólver mudou um p ouco de posição e um raio de sol incidindo sobre ele faisco u nos olhos de Kemp. Protegeu-os e tentou ver a origem do brilho ofuscante. — Claro! — exclamou. — Adye entregou o revólver. — Prometa não arremeter contra a porta — repetiu Adye. — Não force demais um jogo que está ganhando. Dê uma oportunidade ao homem.

— Volte para a casa. Definitivamente, digo-lhe que não prometo nada.

De repente, Adye pareceu tomar uma decisão. Voltou- se para a casa, caminhando devagar, com as mãos às cos tas. Kemp seguia-o com os olhos, intrigado. O revólver desapa receu, luziu novamente à vista, desapareceu outra vez e, em uma observação mais detalhada, revelou ser o pequeno objeto escuro que acompanhava Adye. Então, as coisas aconteceram muit o rapidamente. Adye pulou para trás, deu meia-volta, agarrou aquele pequeno objeto, falhou, ergueu as mãos para o alto e caiu para a frente, deixando no ar uma diminuta nuvem azul. Kem p não ouviu o tiro. Adye estremeceu, tentou levantar-se, apoiad o em um braço, caiu

para diante e ficou imóvel.

Kemp ficou algum tempo contemplando fixamente o tranqüilo desprendimento da atitude de Adye. A tard e estava muito quente e sem vento e nada parecia mexer-se além de um par de borboletas amarelas correndo uma atrás da outra atr avés dos arbustos entre a casa e o portão da estrada. Adye j azia no gramado perto do portão. Todos os chalés que bordejavam a e strada descendente da colina tinham as venezianas cerradas , mas em uma pequena casa verde de verão havia um vulto branco que parecia um velho adormecido. Kemp esquadrinhou os arredores da casa, à procura do brilho de um revólver, mas este havia de saparecido.

Seus olhos voltaram a Adye. O jogo estava se iniciando bem. Então começaram toques de campainha e batidas na porta da frente, em um crescendo que se transformou em tumulto, mas os serviçais, obedecendo às instruções de Kemp, trancaram-se em seus quartos. Seguiu-se o silêncio. Kemp sentou- se e ficou ouvindo, e depois começou a espreitar cuidadosament e pelas três janelas, uma após a outra. Foi até o alto da escada e escutou, inquieto. Armou-se com o atiçador da lareira de seu quarto e foi inspecionar, mais uma vez, as trancas das janelas d o andar térreo. Tudo estava seguro e calmo. Voltou ao mirante. Adye jazia imóvel à beira do caminho de cascalho, exatamente como caí ra. Trilhando a estrada que passava pelos chalés, vinham vindo a criada e dois policiais.

Tudo estava mortalmente quieto. A aproximação das t rês pessoas dava a impressão de ser muito vagarosa. Per guntou-se que estaria fazendo seu oponente.

Teve um sobressalto. Houve um estrondo vindo de baixo. Hesitou, mas desceu novamente. De súbito, to da a casa ressoou com pancadas brutais e o estraçalhar da mad eira. Ouviu um choque e o clangor destrutivo dos fechos de ferr o do' postigos. Girou a chave e abriu a porta da cozinha. Ao fazê-l o, os postigos quebrados e lascados vieram voando para dentro. Ficou aterrado. A moldura da janela ainda estava intacta, exceto por uma travessa

cruzada, porém apenas pequenos fragmentos de vidro denteado ainda permaneciam nela. Os postigos tinham sido des truídos com um machado

e agora o machado descia, em golpes vigorosos, sobre a moldura da janela e as barras de ferro que a prot egiam. Então, repentinamente, desviou-se para um lado e desaparec eu. Kemp viu o revólver no chão do caminho do lado de fora e dep ois a pequena arma saltou para o ar. Desviou-se, retrocedendo. O revólver disparou um pouco tarde demais e uma farpa da quina da porta que fechava passou voando sobre a cabeça dele. Bateu e trancou a porta e do outro lado ouviu Griffin, gritando e rindo. De pois recomeçaram os golpes de machado, com seu acompanha mento de rachaduras e destruição.

Kemp deteve-se no corredor, tentando pensar. Aquela porta não resistiria muito mais a ele e então. .. A campainha da porta da frente tocou outra vez. Dev iam ser os policiais. Correu para o vestíbulo, retirou a corrente e puxou os ferrolhos. Antes de soltar a corrente exigiu que a moça falasse e as três pessoas, amontoadas entraram na casa tropeç ando; Kemp trancou a porta de novo.

— O Homem Invisível! — exclamou Kemp. — Tem um revólver com duas balas ainda. Matou Adye. Ou, pelo menos, atirou nele. Vocês não o viram no gramado? Caiu ali. — Quem?

— Adye — repetiu Kemp.

— Entramos por trás — explicou a moça.

— Que barulhada é essa? — perguntou um dos policiais. — Ele está na cozinha — ou estará breve. Encontrou um machado.

De repente a casa encheu-se dos golpes ressoantes d o Homem Invisível na porta da cozinha. A criada olhou fixamente para a cozinha, estremeceu e bateu em retirada para a sala de jantar. Kemp procurou explicar, em frases entrecortadas. Ou viram a porta ceder.

— Por aqui — gritou Kemp subitamente ativo e empurrou os dois policiais para o limiar da porta da sala de jantar. — O atiçador — disse Kemp e correu para o guarda- fogo da lareira. Deu um atiçador a cada policial. R epentinamente, jogou-se para trás.

— Opa! — gritou um policial, esquivando-se e desviando o machado com o atiçador. A pistola estalou seu pen último tiro, danificando um

valioso Sidney Cooper. O segundo pol icial baixou seu atiçador sobre a pequena arma, como se abate um a vespa, e fê- la cair, chocalhando pelo chão.

Ao primeiro golpe a moça gritou, continuou a gritar um pouco mais junto à lareira e depois correu para abr ir os postigos — provavelmente com a intenção de fugir pela janela destroçada.

O machado recuou para o corredor e ficou em posição , a cerca de meio metro do chão. Podiam ouvir a respira ção do Homem Invisível. — Afastem-se, vocês dois — disse ele. — Quero esse homem, o Kemp.

— E nós queremos você — disse o primeiro policial, dando um passo rápido para a frente e fazendo desce r o atiçador sobre a Voz. O Homem Invisível devia ter recuado. T ropeçou no porta-guarda-chuvas. Então, enquanto o policial cam baleava, devido ao impulso do golpe que tinha dado, o Homem Invisível reagiu, usando o machado; o capacete dele ficou ama ssado como papel e a pancada atirou o homem, rolando pelo chão , até o pé das escadas da cozinha. Mas o segundo policial, mirando por trás do machado com seu atiçador, atingiu alguma coisa mole que se partiu. Houve uma exclamação aguda de dor e o machado caiu no chão. O policial bateu novamente, ao acaso e não acertou nada; pôs o pé em cima do machado e bateu de novo. Depois endireitou o corpo, o atiçador como um porrete, os ouvidos atentos ao men or movimento.

Ouviu a janela da sala de jantar abrir-se e um ruído ligeiro de pés do lado de dentro. Seu companheiro voltou-se e sentou-se, com o sangue escorrendo entre o olho e a orelha. — Onde está ele? — perguntou, do chão.

— Não sei. Acertei-o. Está em algum lugar no vestíb ulo.

A não ser que tenha se esgueirado sem você ver. Dr. Kemp — senhor.

Silêncio.

— Dr. Kemp! — gritou novamente o policial.

O segundo policial levantou-se com dificuldade. Ficou de pé. De repente, ouviram a leve pisada de pés descal ços nas escadas da cozinha. — Ah!

— gritou o primeiro policial e in continenti arremessou o atiçador. Só quebrou um pequeno bico de gás. Fez menção de perseguir o Homem Invisível até embaixo. Mas pensou melhor e entrou na sala de jantar. — Dr. Kemp — começou, e parou bruscamente. — O dr. Kemp está aqui — disse, enquanto o companheiro olhava sobre seu ombro.

A janela da sala de jantar estava completamente abe rta e não se podia ver nem Kemp nem a empregada.

A opinião do segundo policial sobre Kemp foi concis a e pitoresca.

O CAÇADOR CAÇADO

O sr. Heelas, o vizinho mais próximo do dr. Kemp en tre os moradores dos chalés, dormia em sua casa de verã o, quando

começou o cerco à casa de Kemp. O sr. Heelas fazia parte da minoria teimosa que se recusava a acreditar "em tod a essa bobagem" a respeito de um Homem Invisível. Entretan to, sua mulher, como lhe seria lembrado mais tarde, acredit ava. Ele insistia em andar pelo jardim, como se não houvesse nada de anormal, e dormia de tarde, conforme o hábito de muitos anos. Dormiu durante todo o quebra-quebra das janelas e acordou de repente, com a curiosa impressão de que havia algo errado. O lhou para o lado oposto, para a casa de Kemp, esfregou os olhos e olhou de novo. Depois encostou os pés no chão e ficou sentad o, à escuta. Disse "que diabo!" mas, ainda assim, aquela coisa e stranha continuava à vista. A casa tinha o aspecto de ter s ido abandonada havia semanas, após um violento tumulto. Todas as janelas estavam quebradas e todas elas, com exceção das do estúdio no mirante, estavam com os postigos internos fechados.

— Poderia jurar que estava perfeita — disse, olhand o para o relógio — há uns vinte minutos.

Começou a perceber uma agitação ao longe e o barulh o de vidros quebrados a uma distância considerável. E então, ainda sentado e de boca aberta, aconteceu uma coisa ainda mais fenomenal. Os postigos das janelas da sala de estar foram abertos brutalmente e a empregada, de

roupas e chapéu de pa sseio apareceu, lutando desesperadamente para levantar as janelas de

guilhotina. Súbito surgiu um homem junto a ela, aju dando-a — o dr. Kemp! Logo depois a janela foi aberta e a criad a esforçou-se para sair; atirou-se para diante e desapareceu entr e os arbustos. O sr. Heelas levantou-se, com exclamações vagas, poré m veementes, ante todos aqueles portentos. Viu Kemp ficar de pé no peitoril e pular da janela, reaparecer quase que imediatamente , correndo por um caminho entre a vegetação, abaixando-se enquanto corria, como um homem que não quer ser observado. Sumiu por trás de um laburno e apareceu outra vez pulando uma cerca q ue dava para a vertente da colina, a céu aberto. Em um segundo e stava do outro lado e corria com tremenda velocidade, descendo em direção ao sr. Heelas.

— Deus! — gritou o sr. Heelas, sob o impacto de uma idéia —; é aquele animal, o Homem Invisível! Afinal, é verdade! Para o sr. Heelas, pensar em coisas assim era agir e sua cozinheira, que o observava da janela de cima, fico u espantada ao vê-lo aproximar-se da casa a toda a brida, uns cinc o quilômetros por hora, no mínimo. — Pensei que ele não tinha med o — disse ela. — Mary, venha até aqui! — Seguiu-se uma batida de portas, um tocar de campainhas e a voz do sr. Heelas mugindo c omo um touro. — Fechem as portas, fechem as janelas, feche m tudo! O Homem Invisível está chegando! — Instantaneamente a casa encheu-se de gritos, ordens e pés apressados. Corre u em pessoa

para fechar as portas-janelas que abriam para a var anda; enquanto isso, a cabeça, ombros e joelhos de Kemp apareceram no alto da cerca do jardim. Em um segundo o dr. Kemp tinha aberto caminho entre os aspargos e atravessava o campo de tênis, c orrendo para a casa.

— Não pode entrar — disse o sr. Heelas trancando os ferro-lhos. — Sinto muito que ele esteja perseguindo você, mas não pode entrar!

Kemp colou ao vidro um rosto apavorado, tamboriland o e depois sacudindo desesperadamente a porta-janela. Depois, vendo que seus esforços eram inúteis, seguiu velozm ente pela varanda, pulou o gradil e foi socar a porta lateral . Em seguida circundou às pressas o portão do lado até a frente da casa e dali para a estrada da colina. E o sr. Heelas,

acompanha ndo-o com os olhos de sua janela — uma máscara de horror — mal h avia visto o dr. Kemp desaparecer e já os aspargos estavam sendo pisoteados, aqui e ali, por pés que ele não enxergava. Ante tud o isso, o sr. Heelas fugiu precipitadamente para cima e o resto d a caçada ficou fora de seu campo de visão. Mas ao passar pela jane la das escadas, ouviu o portão lateral fechar-se.

Emergindo na estrada da colina, Kemp, logicamente, escolheu o caminho descendente e foi por isso que v iu a si mesmo repetindo exatamente a corrida que acompanhara com olhos tão

críticos do estúdio do mirante, havia apenas quatro dias; para um homem destreinado, ele corria bem; e embora seu ros to estivesse pálido e suado, conservava a cabeça fria. Galopava em largas passadas e sempre que aparecia um trecho de terreno irregular, surgia uma trilha de pedras, ou luzia, cintilante, um pedaço de vidro quebrado, seguia por ali e deixava que os pés nus e invisíveis em seu encalço tomassem o rumo que desejassem.

Pela primeira vez na vida, Kemp descobriu como aque la estrada era indescritivelmente vasta e deserta e co mo os subúrbios da cidade, muito abaixo, no sopé da colina, pareciam estranhamente remotos. Nunca existiu um método de locomoção mais lento ou doloroso do que a corrida. Todas as vilas desoladas , adormecidas ao sol da tarde, pareciam trancadas e aferrolhadas; sem dúvida estavam trancadas e aferrolhadas — por ordens dele. Mas, de qualquer forma, deviam manter-se vigilantes no caso de uma eventualidade como aquela! A cidade estava se aprox imando, a visão do mar desaparecera por trás dele e as pessoa s lá embaixo começavam a se agitar. Um bonde estava chegando ao pé do morro. Mais além ficava a delegacia de polícia. Ser iam passos o que ouvia atrás dele? Mais depressa!

Embaixo, as pessoas fitavam-no, uma ou duas corriam e sua respiração já começava a entrecortar-se na garg anta. O bonde estava bem perto e o "Jolly Cricketers" barrava sua s portas com

grande estardalhaço. Depois do bonde havia postes e montes de cascalho — o sistema de drenagem. Teve a idéia passageira de pular no coletivo e fechar as portas, mas depois resolveu ir para a delegacia. Em um

momento tinha ultrapassado a porta do "Jolly Cricketers" e estava no fim da rua de calçamento ir regular, com seres humanos à sua volta. O condutor do carro e o ajudante — fascinados pela visão daquela pressa furiosa — fica ram olhando, sem atrelar os cavalos ao bonde. Mais adiante, as c aras intrigadas dos operários de drenagem apareceram acima do casca lho acumulado. Afrouxou um pouco o passo, mas ouvindo o andar rápido de seu perseguidor, adiantou-se novamente em um pulo. — O Homem Invisível! — gritou para os operários, indi cando-o com um gesto vago e, movido por uma idéia súbita, atravessou a vala em um salto e colocou um grupo corpulento entre ele e seu perseguidor. Depois, desistindo do propósito de ir à delegacia de polícia, tomou uma pequena rua lateral, passou como um raio pela carroça do verdureiro, hesitou por um décimo de seg undo à porta de uma casa de doces e partiu para a entrada da vie la que levava de volta à Hill Street, a rua principal. À sua apariçã o, duas ou três criancinhas que estavam brincando ali gritaram e fu giram depressa e, em conseqüência, abriram-se portas e janelas, e mães indignadas puseram a boca no mundo. Precipitou-se outra vez para Hill Street, a trezentos metros do ponto final da linha do bonde e,

imediatamente, tomou consciência de uma vociferação tumultuosa e de pessoas correndo.

Relanceou para a colina, rua acima. A pouco menos d e uns dez metros corria um trabalhador enorme, blasfe mando espasmodicamente e dando golpes furiosos com uma pá , e bem atrás dele vinha o condutor do bonde, de punhos cer rados. Subindo a rua havia outros que os seguiam, batendo e gritando. Na direção da cidade homens e mulheres também corriam e viu claramente um homem saindo da porta de uma loja, co m uma bengala na mão.

"Espalhem-se! Espalhem-se!", gritou alguém. Kemp nã o tardou a perceber a mudança de situação na caçada. Parou e olhou em volta, ofegando. — Ele está perto daqui! — excla mou. — Formem uma linha de um lado a outro...

— Ah! — berrou uma voz.

Foi atingido com força sob a orelha e saiu rodopian do, tentando dar meia-volta para enfrentar o inimigo in visível. Mal conseguiu ficar em pé

e reagiu sem resultado, atacando o ar. Depois levou um soco no maxilar e caiu de cabeça, estirado no chão. Logo depois um joelho comprimiu-lhe o diafragma e um par de mãos ávidas apertaram-lhe a garganta, mas a pressão de u ma delas era mais fraca do que a da outra; segurou os pulsos, ou viu um grito de dor de seu atacante e a pá do trabalhador veio gira ndo pelo ar

acima dele e bateu em alguma coisa com um ruído sur do. Sentiu uma gota úmida em seu rosto. O aperto em sua gargan ta afrouxou de repente e com um esforço convulsivo, Kemp soltou -se, pegou um ombro flácido e rolou por cima dele. Pregou os c otovelos invisíveis no chão. — Peguei-o! — gritou Kemp. — So corro! Socorro! Segurem-no! Ele caiu! Prendam-lhe os pés! Um segundo depois, houve um avanço simultâneo para o local da luta e um estranho que chegasse à estrada de repente, poderia pensar que estava havendo uma partida de rú gbi excepcionalmente selvagem. E não se ouviu mais nada após os gritos de Kemp — apenas o som de socos, pontapés e uma respiração pesada.

Então, com um enorme esforço o Homem Invisível repeliu um par de antagonistas e pôs-se de joelhos. Kemp agarrava- se a ele pela frente, como um cão de caça com um ve ado, e uma dúzia de mãos pegaram, apertaram e dilaceraram o In visível. O co- cheiro do bonde agarrou-lhe o pescoço e os ombros e arrastou-o para trás.

Mais uma vez, o grupo de homens que lutava caiu e rolou sobre ele. Houve alguns chutes selvagens. Depois, s ubitamente, um grito desesperado de "Piedade! Piedade!" que se tra nsformou depressa em um som estrangulado.

— Afastem-se, idiotas! — gritou a voz abafada de Ke mp;

e houve empurrões vigorosos de gente destemida. — E stou dizendo, ele está ferido. Afastem-se!

Houve uma breve luta para abrir espaço e o círculo de olhos curiosos viu o médico ajoelhado, aparentement e a uns dez centímetros no ar, segurando os braços invisíveis n o chão. Por trás dele, um policial prendia tornozelos invisíveis. — Não o solte — gritou o trabalhador grandalhão, empunhando uma pá ensangüentada —; está fingindo. — Não está

fingindo — disse o médico, erguendo cuidadosamente o joelho, e eu o seguro. — O rosto m achucado estava ficando vermelho; falava em voz rouca por ca usa de um lábio que sangrava. Soltou uma das mãos e pareceu e star examinando o rosto. — A boca está molhada — disse. E depois: — Deus do céu!

Levantou-se bruscamente, depois ajoelhou-se no chão, ao lado da coisa invisível. Houve alguns empurrões e a rrastar de pés e um som de passos pesados quando apareceu mais gente para aumentar a pressão da turba. As pessoas estavam sai ndo das casas. As portas do "Jolly Cricketers" abriram-se completa mente e depressa. Pouco se falou.

Kemp tateava e sua mão parecia estar passando pelo vazio. — Não está respirando — disse, e acrescentou: — Não sinto o coração. O lado. . . Ufa!

Subitamente, uma velha que olhava por baixo do braç o do operário grandão, deu um grito agudo. — Olhem lá ! — e apontou um dedo enrugado.

Olhando para onde apontara, todos viram, impreciso e transparente, o contorno de uma mão, uma mão flácid a e caída, como se fosse de vidro, de forma que veias e artéri as, ossos e nervos podiam ser distinguidos. E, enquanto olhavam , foi ficando nublada e opaca.

— Epa! — exclamou o policial. — Os pés estão aparecendo!

E assim, lentamente, começando pelas mãos e pés e subindo pelos membros para os centros vitais daquel e corpo, a estranha metamorfose continuou. Era como a difusão vagarosa de um veneno. Primeiro, foram os pequenos nervos brancos, o esboço pouco nítido de um membro, depois os ossos opacos e as artérias interligadas, a seguir a carne e a pele, primeiro u ma vaga névoa tornando-se rapidamente densa e opaca. Puderam ver então o peito esmagado, os ombros e o vago esboço de feições abat idas e castigadas.

Quando a multidão finalmente abriu espaço para que Kemp ficasse de pé, jazia no chão, nu e deplorável, o corpo maltratado e quebrado de um moço de perto de trinta anos. Tinha o cabelo e a barba brancos — não

grisalhos por caus a da idade,

mas brancos, com a brancura do albino, e seus olhos eram cor de granada. Tinha as mãos contraídas, os olhos muito a bertos e sua expressão era de cólera e espanto.

— Cubram o rosto dele! — disse um homem. — Pelo amor de Deus, cubram esse rosto! — e três criancinh as que tinham se insinuado no meio da multidão foram obrigadas a dar meia-volta e ir para casa.

Alguém trouxe um lençol do "Jolly Cricketers"; e, t endo- o coberto, levaram-no para dentro.

EPÍLOGO

Assim termina a história da estranha e nefasta experiência do Homem Invisível. E se você quiser saber mais sob re ele, terá que ir a uma pequena estalagem perto de Port Stowe e conversar com o proprietário. A tabuleta da estalagem é um re tângulo vazio de madeira, onde apenas se vêem um chapéu e botas e seu nome é o título desta história. O estalajadeiro é um homen zinho baixo e corpulento, com um nariz que se projeta como um cil indro, cabelo crespo e faces coloridas irregularmente por manchas rosadas. Beba fartamente e ele lhe contará, fartamente, as coisas que lhe

aconteceram depois daquela época e de como os advog ados tentaram subtrair-lhe o tesouro encontrado com ele. — Quando concluíram que não podiam provar de quem era o dinheiro, Deus que me perdoe se não procurara m fazer com que me parecesse com um maldito caçador de tesouros. Tenho cara de caçador de tesouros? E aí um cavalheiro deu-me u m guinéu por noite para contar a história no Empire Music Hall — apenas para contar-lhes tudo em minhas próprias palavras — evit ando apenas uma.

E se você quiser interromper abruptamente o fluxo d e reminiscências, sempre pode fazê-lo, perguntando se não havia três livros manuscritos na história. Ele confessa que ha via e continua a explicar, assegurando que todos pensam que estão co m ele! Mas, Deus que o abençoe, não estão!

— O Homem Invisível foi quem os pegou para escondê-los, quando o deixei e fugi p ara Port Stowe. Foi aquele dr. Kemp quem pôs na cabeça das pessoas a idéia de que estavam comigo.

E então ele se cala, pensativo, observa-o, furtivo, cuida nervosamente dos copos e acaba por sair do bar. É solteiro — seus gostos sempre foram os de um homem solteiro e não há mulheres na casa. Usa botões, ext eriormente — o que se espera como proteção para suas vergonhas mai s íntimas mas, quando se trata de suspensórios, por exemplo, ainda prefere o

barbante.

Administra seu negócio sem nenhum espírito empreendedor, mas com muito decoro. Seus movimentos são vagarosos, e é um grande pensador. Na aldeia, tem a reputação de sabedoria e a de uma parcimônia eminentemente respe itável, e seu conhecimento das estradas do sul da Inglaterra supe raria o de Cobbett.

Em cada manhã de domingo, durante o ano inteiro, enquanto está fechado para o mundo exterior, e toda s as noites depois das dez, vai para o salão do bar com um copo de gim levemente respingado de água; e, tendo pousado o co po, tranca a porta, inspeciona os postigos e olha até embaixo da mesa. Então, convencido de sua solidão, destranca o armário, apa nha uma caixa nesse armário e uma gaveta nessa caixa, e retira tr ês volumes encadernados em couro marrom, colocando-os soleneme nte no centro da mesa. A capa está gasta pelo tempo e manc hada de um verde de mofo — pois uma vez ficaram guardados em um buraco e algumas páginas foram inteiramente apagadas pela ág ua suja. O estalajadeiro senta-se em sua cadeira de braços, en che lentamente um comprido cachimbo de argila, olhando o tempo tod o para os livros, com um ar de triunfo. Depois puxa um deles para perto, abre-o e começa a estudá-lo — virando as páginas pa ra a frente e para trás.

Tem o cenho franzido e os lábios movem-se penosamente. — É um feitiço, um pequeno dois em cim a, no ar, uma cruz e mais absurdos. Senhor! Aquilo é que era inteligência! Depois relaxa, recosta-se e pisca através da fumaça pela sala, para coisas invisíveis a outros olhos. — Chei o de segredos — diz. — Segredos maravilhosos!

— Logo que consiga dominá-los — Senhor!

— Não faria o que ele fez; faria apenas... bem! — Aspira o cachimbo.

E assim entrega-se a um sonho, o sonho imortal e maravilhoso de sua vida. E embora Kemp tenha fracas sado seguidamente e Adye o tenha interrogado com insistê ncia, nenhum ser humano, exceto o estalajadeiro, sabe onde estão os livros com os segredos sutis da invisibilidade e mais uma dúzi a de outros segredos estranhos registrados ali. E ninguém os conhecerá, até que ele morra.

LiteraMundo

No Litera Mundo, tornamos a literatura acessível a todos, oferecendo uma coleção de obras de domínio público. Nosso objetivo é preservar e compartilhar clássicos atemporais, incentivando a leitura gratuita e sem barreiras.

www.literamundo.com.br